

**A Coleção de Cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro. Proveniências, uma
História Sentimental.**

Susana Cristina Gomes Madeira

Relatório

de Estágio de Mestrado em Museologia

Novembro 2016

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Raquel Henriques da Silva e Dr. Pedro Bebiano Braga.

O presente relatório não foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico.

Agradecimentos

Quero em primeiro lugar agradecer à orientadora deste trabalho, Professora Doutora Raquel Henriques da Silva, pela atenta ajuda na escolha do tema e pela orientação científica.

Agradeço ao Dr. Pedro Bebiano Braga, coorientador deste trabalho, por tudo: pela sugestão de um tema tão aliciante, pela disponibilidade e paciência com as minhas angústias, pelas opiniões sempre oportunas, pela confiança e pela leitura cuidada deste relatório.

A toda a equipa, sem exceção, do Museu Bordalo Pinheiro, que sempre me recebeu tão bem. Em especial ao Dr. João Alpuim Botelho, pelo entusiasmo com que recebeu primeiro o meu voluntariado e depois o meu estágio, à Dr. Mariana Caldas Almeida, pela simpatia e pelos conselhos e ao Dr. Mário Gouveia. Enfim, a todos o meu sentido agradecimento por me terem proporcionado o ambiente ideal para a realização deste trabalho!

À Carina e ao Eurico, obrigada por me ouvirem falar tantas vezes do "Rafael" sem reclamar, por acreditarem em mim e pela compreensão.

À Susana, agradeço a partilha de angústias e de vitórias ao longo deste ano mas, sobretudo, a amizade.

As últimas palavras vão para os meus pais e irmão. Obrigada pelo apoio incondicional e pela paciência!

A Coleção de Cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro

Susana Cristina Gomes Madeira

Resumo

Tão importante quanto a história que um objecto de museu nos conta, através da sua leitura no contexto presente e da narrativa sugerida, é a história que nos conta através do seu percurso. Onde esteve e a quem pertenceu no passado? A resposta a estas questões permite-nos perceber qual o valor atribuído ao longo do tempo a uma determinada peça e compreender melhor o seu estado actual. É importante conhecer quem colecionou a obra cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro que está hoje neste Museu, até quando manteve as peças, se possível onde, etc. A resposta final permitir-nos-á, com certeza, compreender melhor a importância deste artista que tantos amigos teve e que a tantos brindou com peças magníficas, muitas vezes dedicadas, que escondem outras tantas histórias curiosas e emotivas.

Após a leitura deste relatório, será também possível entender melhor o papel dos primeiros responsáveis pelo Museu: Cruz Magalhães, Julieta Ferrão e os ADMRBP, tão apaixonadamente empenhados no estudo da obra de Rafael Bordalo Pinheiro e na sua conservação. Estes registaram, em muitos casos, a relação dos doadores com as peças e com Rafael Bordalo Pinheiro. Devemos-lhes, em grande medida, a constituição desta colecção e queremos retribuir-lhes dando a conhecer a sua importância.

Este trabalho de investigação incidiu sobre uma parte da colecção, oitenta e sete peças, de um total de cerca de mil.

O relatório pretende tornar claro o percurso deste trabalho (objectivos, métodos, recursos e resultados), bem como as dificuldades sentidas, para que possam ser orientadores de futuras possíveis investigações do mesmo tipo ou ainda, numa futura continuação deste trabalho e sua extensão à totalidade da colecção.

Para o seguimento desta investigação ficam devidamente identificadas as fontes de que nos servimos e alguns caminhos por explorar, assim como um instrumento de trabalho que criámos (uma tabela) de modo a sistematizar o historial de proveniência de cada peça.

Identificar os colecionadores fundamentais da cerâmica do MBP e qual o historial de proveniência das peças seleccionadas, foram os principais objectivos que nos propusemos. Foi-nos possível, ainda, deixar a referência a fontes que fornecerão mais dados sobre outras peças.

Para além de uma introdução e de uma conclusão, o corpo do presente relatório encontra-se dividido em três capítulos: o primeiro é dedicado ao enquadramento teórico que tivemos em conta; o segundo pretende estabelecer o ponto de situação da colecção de cerâmica do MBP relativamente ao seu historial de proveniência; o terceiro apresenta os resultados do nosso estudo de caso.

Palavras-Chave: cerâmica; colecionadores, doadores; proveniência; Rafael Bordalo Pinheiro.

A Coleção de Cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro

Susana Cristina Gomes Madeira

Abstract

As important as the history a museum object holds in its current context and in its suggested narrative is the history told from its route. Where it was and to whom it belonged in the past? The answer to this questions will let us know the implicit value and help us understand its current situation. It's important to know the collectors and donors of Rafael Bordalo Pinheiro's ceramics which is nowadays at Museu Bordalo Pinheiro, if and when did they ceased to have them, where were they, if possible. The final answer will certainly increase the value of the artist as well. Rafael Bordalo Pinheiro was an artist with so many friends which were, for their turn, honored with beautiful ceramics, often dedicated. This objects hold so many histories and emotion. When finished the reading of this report, we hope as well it will be understandable the importance of the first responsible of the Museum: Cruz Magalhães, Julieta Ferrão and ADMRBP (friends of the Museum). They were passionate by the artist's legacy and worked very hard in its study and preservation. They knew the collectors and tried to persuade them becoming donors of Museu Bordalo Pinheiro. They often registered conversations and the relations between them and the ceramics and memories associated to the artist. This documents are fundamental to provenance research of this collection. In fact, we owe them the present collection.

Our aim is to know the collectors and donors of Museu Bordalo Pinheiro and also the provenance of a considerable part of the ceramics collection. This investigation was extend to eighty six, within about a thousand ceramics pieces.

To ensure the continuation of this investigation or just to help other similar research, we registered our aims, the sources we analyzed, all the steps, the major difficulties and also some routes to be explored in the future. We also leave some tools such as an individual table where it can be recorded all the information about provenance.

This work is divided in three chapters: the first is about other studies in provenance research, the bases of our procedures; the second presents the history of this collection

and the state of the question of its provenance study; the last chapter will provide our results which will be then discussed in conclusion.

Keywords: ceramics; collectors, donors; provenance; Rafael Bordalo Pinheiro.

Índice

Introdução	1
O Museu Bordalo Pinheiro.....	3
Metodologia	4
Estrutura do Relatório	5
Capítulo 1. Historial de proveniência: breve enquadramento conceptual e metodológico	6
Uma rede de projectos na <i>internet</i>	10
O Victoria and Albert Museum (V&A)	10
Em Portugal.....	12
Capítulo 2. A génese da colecção de cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro	14
Capítulo 3. Estudo de Caso Museu Bordalo Pinheiro	18
Parte 1.....	18
3.1. Critérios de selecção e lista de peças.....	18
3.2 Ficha - tabela.....	19
3.3. Seguindo o rasto das peças.....	20
Parte 2.....	24
3.4. Historial de Proveniência: família, amigos e outros coleccionadores	24
3.4.1. Colecção de Cerâmica 1916-1969: uma rede de contactos e relacionamentos	25
Cruz Magalhães (1916-1928): o início da colecção.....	25
Os Amigos-defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro (1920-1945).....	33
A colecção da família de Rafael Bordalo Pinheiro	36
Amigos de Rafael Bordalo Pinheiro.....	41
3.4.2. Peças incorporadas após 1969.....	47
3.5. Proveniência desconhecida	50
Bibliografia	viii
Anexos I	xv
Anexos II.....	xxi

Espólio Documental MRBP	xxi
Apêndice - Historial de Proveniência (fichas)	xlii

Índice de siglas e abreviaturas

AAM *American Association of Museums*

ADMFBP Amigos-defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro

AML/AC Arquivo Municipal de Lisboa/Arco do Cego

CML Câmara Municipal de Lisboa

FFCR Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha

MBP Museu Bordalo Pinheiro

MNAA Museu Nacional de Arte Antiga

MRBP.ESP.DOC. Espólio Documental do Museu Rafael Bordalo Pinheiro

MRBP.ESP.DOC.JF.cx. Espólio Documental de Julieta Ferrão, Museu Rafael Bordalo Pinheiro e respectiva identificação do nº de caixa

V&A *Victoria and Albert Museum*

coord. coordenação

dir. direcção

pp. páginas

s.p. sem página

trad. tradução

Elle chegou e a sua entrada equivaleu a uma luz que entrasse n'um subterraneo, ou, melhor, a um bando alegre que, com castanholas e fatos de côres vivas, fosse foliar n'uma sacristia, accordando os eccos e obrigando a viver os que da vida se tinham esquecido.

In *A Ilustração Portuguesa*, Janeiro de 1905.

Afinal de contas, não é o objectivo de um romance, ou de um museu, relatar as nossas memórias com tal sinceridade que transforme a felicidade individual numa experiência colectiva?

Orhan. Pamuk, *O Museu da Inocência*, 2008

Introdução

O Estágio no Museu Bordalo Pinheiro, no âmbito do Mestrado em Museologia, é fruto do nosso gosto pela obra de Rafael Bordalo Pinheiro, em particular a cerâmica. O contacto com o Museu é anterior a este estágio dado que já havíamos realizado um trabalho para um seminário do mesmo Mestrado, e nele temos vindo a fazer, desde Junho de 2015, trabalho de voluntariado. A escolha deste tema, sugerida pelo nosso coorientador e pelo Museu, surge para conhecer melhor a colecção e para responder a necessidades relacionadas com as comemorações do seu centenário, designadamente com a preparação de uma exposição de cerâmica, prevista para 2017. O resultado deste trabalho será usado na elaboração do catálogo e das legendas da referida exposição, assim como no quiosque digital da sala de cerâmica.

O Estágio teve início a 19 de Outubro de 2015 e terminou em Agosto de 2016. A maioria das horas de estágio foram passadas no Museu, para consulta do espólio documental, e as restantes foram repartidas por outros locais que nos ajudaram a complementar a investigação, como bibliotecas, arquivo da CML/AC, etc.

Assim, a ideia para o tema do estágio proposta pelos responsáveis do MBP, adveio da existência de documentação por tratar com vista a enriquecimento do historial de proveniências das diversas peças nele existentes. De entre os documentos não tratados, há a salientar o espólio de Julieta Ferrão, riquíssimo em dados sobre a proveniência da colecção, que se revelou ser uma fonte fundamental deste trabalho, e ainda de outros documentos arquivados no MBP.

Efectivamente, como André Malraux (1901-1976), explica, na obra *O Museu Imaginário*¹, publicada em 1951, não é possível, nem mesmo aos investigadores, conhecer o contexto real em que uma obra de arte um dia foi criada. O ambiente de uma catedral gótica, no século XIII, jamais será fielmente reconstituído. O ambiente já não é o mesmo, a sociedade sofreu grandes metamorfoses e, por isso, tudo tem um significado completamente diferente. Não somos capazes, ao contemplar essa catedral, de sentir o que sentiram os seus contemporâneos. O mesmo se aplica a qualquer outra obra de arte. Mas há, a nosso ver, a possibilidade de recriar uma parte do contexto no Museu, um

¹ André Malraux, "O Museu Imaginário" in *As vozes do Silêncio*, trad. José Júlio Andrade Santos (Lisboa: Livros do Brasil, s.d.).

meio termo, em que divulgar os colecionadores que deram origem aos Museus, pode ser uma mais valia, evocando as memórias associadas aos objectos. Ao investigarmos sobre as circunstâncias em que uma peça chegou às mãos dum colecionador e ao procurarmos saber mais sobre ele, estamos a aproximar-nos do seu propósito original, quando era apenas um objecto com uma função e um significado. Afinal, *O poder de um objecto jaz indubitavelmente nas memórias que guarda em si, e também nas vicissitudes da nossa imaginação e das nossas memórias*².

Num artigo recente, Marize Malta³ apresenta-nos um exemplo - uma peça de cerâmica da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro - que corrobora a importância dos espaços físicos para determinar as biografias dos objectos e o seu valor artístico. Apresenta o caso de uma das obras mais emblemáticas criadas pelo artista, a jarra Beethoven (1895), que foi rejeitada por quem a encomendou, José Relvas, amigo de Rafael, por ser demasiado grande e exuberante. A jarra nunca encontrou um comprador mesmo depois de ter sido levada para o Brasil e de aí despertar bastantes elogios, como também havia acontecido em Portugal. Acabaria por ser oferecida, por Rafael Bordalo Pinheiro, a João do Rego Barros que por sua vez a doou ao Estado Brasileiro e hoje encontra-se no Museu Nacional de Belas Artes, na sala Aloísio Magalhães, sem destaque, mais como uma peça de decoração do que como uma obra de arte. A autora defende: *Ao ocupar lugares, relacionar-se com pessoas e conviver com elas, os objectos acabam por ganhar vida própria - a vida social das coisas*⁴. Pretende assim demonstrar (...) *a importância dos lugares ocupados pelos objetos no julgamento da qualidade de uma obra*⁵. Referindo-se não só ao lugar de discurso mas também aos lugares físicos. Apesar de ser uma peça decorativa ou utilitária, uma jarra, tem proporções monumentais (1,80 metros de altura, sem contar com o pedestal em madeira que lhe confere quase 3 metros de altura) e muitos pormenores que a tornam mais próxima de um conceito de obra de arte:

² Orhan Pamuk, *O Museu da Inocência* (Lisboa: Editorial Presença, 2010), 397.

³ Doutorada em História Social (Universidade Federal Fluminense) e Professora na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ Marize Malta, "Jarra Beethoven e a incrível história de uma imagem-problema", *ArtCultura*, vol.12 nº20 (2010): 138.

⁵ Idem, *ibidem*.

*Sendo decorativa, ela reclamava pela condição de ser arte, mas presa a uma forma identificada como decorativa - a jarra. De certo, a jarra gozava da prerrogativa de uma obra de arte - era original e única, não havendo nada igual, nem condições de reproduzi-la*⁶.

Este exemplo constitui um caso que se encontra no extremo oposto relativamente aos que aqui apresentaremos: a sua biografia reflecte, de facto, a incompreensão que recebeu por parte do público a que foi mostrada, sem nunca ter sido comprada. Foi incompreendida e condenada a não ter lugar, como diz Marize Malta. Já o conjunto de peças que nos propusemos estudar é reflexo da estima e do reconhecimento do valor artístico e cultural da obra cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro.

O Museu Bordalo Pinheiro

A casa onde se encontra o Museu Bordalo Pinheiro, premiada com uma menção honrosa do Prémio Valmor, foi encomendada ao arquitecto Álvaro Machado, pelo coleccionador Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, já com a intenção de organizar ali a sua colecção bordaliana e para ser, simultaneamente, a sua moradia⁷. Esta casa foi construída em 1914 e o Museu, privado, foi inaugurado em 1916 sendo tutelado pela Câmara Municipal de Lisboa a partir de 1926. Na escritura de doação do Museu de Cruz Magalhães à Câmara Municipal de Lisboa constavam 1492 originais, 2823 reproduções, 201 peças de cerâmica e 523 livros e folhetos de obras de Rafael Bordalo Pinheiro⁸. Após um período em que esteve encerrado, o Museu reabre em 1926 com a novidade da exposição de um núcleo de cerâmica composto por cerca de trezentas peças. Em 2005, o número de peças de cerâmica existentes no MBP era de mil e duzentas. O Museu é desde Julho do presente ano, tutelado pela EGEAC.

⁶ Idem, 146.

⁷ Margarida Teixeira defendeu no início deste ano uma dissertação de Mestrado em Museologia (Universidade Nova de Lisboa) intitulada *A génese do Museu Rafael Bordalo Pinheiro (1913-1924): Cruz Magalhães o coleccionador Bordaliano. Um Museu na Primeira República*, sobre os primeiros anos de existência do Museu, no período que antecede a doação à CML. É um trabalho que desenvolve com pormenor o contexto da época em que nasce o MBP e que abarca a totalidade das colecções e interliga-se com o nosso encontrando-se pontos convergentes. Tal como nós Margarida Teixeira conclui o importante papel de Julieta Ferrão e dos ADMRBP para a constituição das colecções do Museu, dedicando-lhes um sub-capítulo e chama-nos a atenção para a existência de guias de remessa e outra informação útil para o nosso estudo no espólio documental de Cruz Magalhães.

⁸ Cristina Leite, "O Museu Rafael Bordalo Pinheiro", in *Guia Museu Bordalo Pinheiro*, dir. Ana Cristina Leite e Anabela Carvalho (Câmara Municipal de Lisboa: 2005), 18.

A obra cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro é dividida em três fases, pela primeira vez, por Julieta Ferrão⁹. A primeira fase situa-se entre 1884 e 1889, inauguração da FFCCR - data da Exposição Universal de Paris; a segunda, de 1889 a 1899, ano em que regressa da segunda viagem ao Brasil; e a terceira, de 1899 a 1905 (ano da morte do artista). A primeira fase reflecte a influência de modelos de Manuel Mafra e de Maria dos Cacos (artífices locais) mas Rafael Bordalo Pinheiro confere uma nova vida a esses modelos tradicionais da olaria das Caldas da Rainha: *Adaptação das peças tradicionais das Caldas, nomeadamente a Garrafa-mulher e o Homem da Pipa, da Maria dos Cacos, por um artista cuja cultura é superior à dos artífices locais, explorando o cómico em verdadeiras obras de arte e humor e crítica social*¹⁰

Como se verá adiante no desenvolvimento deste trabalho, algumas peças, como a Talha Manuelina ou o Perfumador Árabe, foram várias vezes mencionadas na imprensa da época e muito estudadas, a primeira teve aliás uma história de incorporação particularmente polémica, e tinham já, por isso, o historial de proveniência conhecido e divulgado. Em relação a um número considerável de outras peças, dedicadas, sabia-se antes do início deste estudo, uma parte importante do historial de proveniência pelo próprio facto dos homenageados serem conhecidos. No entanto, foi possível acrescentar outros dados a algumas dessas peças. Sobre outras, por exemplo de série limitada, não se sabia ainda nada, como era o caso de uma das grandes obras do artista, o Prato Mesa Posta, e é com grande satisfação que avançamos agora saber-se a quem pertenceu e onde esteve antes de ter sido entregue ao MBP. Não se pode averiguar o historial de proveniência completo ou de todas as peças, mas ficou também a certeza de que outras pistas devem ser seguidas no futuro. Ficámos também cientes, com este estudo, da importância dos primeiros organizadores do MBP, Cruz Magalhães, Julieta Ferrão bem como dos ADMRBP.

Metodologia

Como já referido anteriormente, este trabalho foi iniciado com uma pesquisa teórica sobre estudos de proveniência de colecções, em que procurámos aprofundar os nossos conhecimentos através de bibliografia especializada; depois recorremos, essencialmente, à documentação do MBP:

⁹ Julieta Ferrão, *Rafael Bordalo Pinheiro e Fábrica de Faianças das Caldas* (Gaia: Edições Pátria, 1933).

¹⁰ Irisalva Moita, *Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro: exposição no Palácio Galveias* (Câmara Municipal de Lisboa, 1985), 12.

- fontes primárias - espólio documental de Julieta Ferrão e de Cruz Magalhães, fotografias, álbuns com notícias da época, livros de registo de entrada de espécies, etc;
- fontes secundárias - catálogos, guias, livros da autoria de Cruz Magalhães, etc.

Além disso, numa segunda fase procurámos completar a pesquisa nestas fontes, noutro arquivo da CML ou com dados biográficos através da pesquisa em bibliotecas ou na *internet*. Mais à frente, neste trabalho, teremos oportunidade de desenvolver estes tópicos.

Estrutura do Relatório

O trabalho divide-se em três capítulos, os primeiros dois são referentes ao enquadramento teórico do trabalho e o último capítulo refere-se ao enquadramento prático do mesmo. O primeiro, *Historial de proveniência: breve enquadramento conceptual e metodológico*, corresponde ao resumo da nossa pesquisa sobre proveniência de colecções e reflecte, por isso, as orientações teóricas da nossa investigação; o segundo capítulo, *A génese da colecção de cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro*, pretende contextualizar o nosso trabalho apresentando-se uma breve história da colecção de cerâmica do MBP e um ponto da situação no que diz respeito ao historial de proveniência; finalmente, no último capítulo, *Estudo de caso Museu Bordalo Pinheiro*, que dividimos em duas partes, apresentamos na primeira, os critérios de selecção das peças, as ferramentas criadas no decorrer da investigação e as fontes e principais obstáculos encontrados no seu tratamento; na segunda parte, expomos os resultados da nossa investigação dividindo as peças do estudo por dois períodos cronológicos, fundamentais. O primeiro inclui o período de Cruz Magalhães, Julieta Ferrão e dos ADMRBP (entre 1916-1969) e o segundo abrange a herança deixada pelas três figuras que mencionámos (entre 1969 e inícios dos anos 2000). Essas peças são depois separadas por conjuntos de coleccionadores significativos: sobretudo os organizadores do MBP, os amigos e a família de Rafael Bordalo Pinheiro. Na conclusão, e já ao longo do terceiro capítulo do relatório, procuraremos reflectir sobre e dar resposta às seguintes questões:

- quem foram os coleccionadores fundamentais do núcleo de cerâmica do MBP?
- em que medida é que esta colecção reflecte o gosto de uma sociedade?
- qual a utilidade da investigação para o MBP?

À mais-valia desta colecção, vasta e abarcando diversa produção caldense, na sua maioria de Rafael Bordalo Pinheiro, acrescenta-se a riqueza de histórias. Esperamos que este estudo sirva de consulta para investigadores ou curiosos, que possa vir a revelar-se efectivamente útil para o Museu e, acima de tudo, ser continuado e alargado, num futuro próximo, a toda a colecção de cerâmica.

Capítulo 1. Historial de proveniência: breve enquadramento conceptual e metodológico

Provenance research is not unlike detective work and must be approached with the same creativity, doggedness, and attention to detail.

Nancy Yeide, et. al. in *The AAM Guide to Provenance Research*.

No sentido de aprofundarmos o nosso conhecimento acerca do tema deste estágio, lemos vários trabalhos de investigação, principalmente de autores americanos, sobre a proveniência de obras de arte, na maioria relacionados com roubos a famílias judaicas durante o Holocausto. De facto, este é um excelente exemplo para compreender a importância do estudo da proveniência na medida em que permite restituir a verdade sobre a história por detrás das peças. Todavia, parece-nos importante alargar este tipo de estudo a outros períodos da História e, idealmente, a todas as colecções.

Iremos apresentar em seguida o resumo daquilo que para nós é o importante a reter para qualquer pessoa que pretenda familiarizar-se com o tema, como nós precisamos. Analisaremos ainda o importante caso do *Victoria and Albert Museum*, que foi particularmente útil para nos ajudar a obter a estruturação do terceiro capítulo do presente relatório. Não deixaremos também de focar neste capítulo o que se tem feito em Portugal sobre este tema, destacando o importante contributo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Duas obras fundamentais para iniciar esta investigação foram: *AAM Guide to Provenance Research*¹¹, publicada em 2001 e *The Legal Guide for Museum*

¹¹ Nancy H. Yeide, et al., *The AAM Guide to Provenance Research* (Washington, DC: American Association of Museums, 2001).

*Professionals*¹². A autora deste Guia, é responsável pelo departamento de Registos Curatoriais¹³, na National Gallery of Art, Washington, D.C., desde 1990.

A publicação AAM ¹⁴*Guide to Provenance Research*, publicada em 2001, que continua a ser citada por obras recentes, divide-se em duas partes. A primeira pretende ser uma ferramenta de auxílio a um estudo dedicado à proveniência de colecções, em geral e a segunda aplica esses conceitos e práticas às colecções relacionadas com o regime nazi. Este Guia baseia-se sempre no mesmo tipo de objecto artístico - a pintura, mas é perfeitamente aplicável aos restantes tipos de objectos de Museu. Para o nosso caso específico a primeira parte desta obra é uma excelente referência. O Guia indica o tipo de informação que devemos procurar e como devemos proceder nessa pesquisa, analisa as fontes primárias e secundárias de que nos devemos servir. Deve ter-se em conta, no entanto, que estas práticas devem ser devidamente adaptadas ao nosso contexto. As obras dadas como exemplo, são obras com mais séculos, obras que passaram por vários países da Europa; esses países oferecem mais recursos especializados nesta área do que Portugal (listas de colecionadores importantes, por exemplo). Alerta, ainda, para a importância da observação do objecto, que considera ser, por si só, a grande fonte de pistas iniciais que conduzirão a investigação (eventual existência de etiquetas de leiloeiras, ou marcas de proprietário anteriores). O final da primeira parte desta publicação fornece-nos o modelo de ficha ideal para o que pretendemos que seja a apresentação do produto definitivo desta investigação. O sub-capítulo *How to Record Provenance*¹⁵ indica-nos uma forma de compilar o resultado de toda a investigação através de uma lista organizada cronologicamente que é iniciada com o primeiro proprietário conhecido. Podem incluir-se as datas de nascimento e morte e, quando certos factos não podem ser confirmados com certeza, devem ser precedidos de *provavelmente*. Essa informação provável deve ser depois devidamente justificada em nota. A transição entre dois proprietários, quando esta implique leiloeiras ou vendedores, deve ser objecto de registo entre parêntesis para não se confundir com os proprietários. Sugere-se também a utilização de ponto e vírgula ou ponto final para

¹² Sharon Flescher, "A Brief Guide to Provenance Research" in *The Legal Guide for Museum Professionals*, ed. Julia Courtney, 55-72. (United States of America: Rowan and Littlefield, 2015).

¹³ Tradução nossa de *Curatorial Records*.

¹⁴ The American Association of Museums.

¹⁵ Nancy H. Yeide, et al., *The AAM Guide to Provenance Research* (Washington, DC: American Association of Museums, 2001), 33-34.

distinguir os tipos de métodos de transição entre proprietários. O ponto e vírgula indica uma transferência directa de um proprietário para outro e um ponto final sugere a não ocorrência de uma transferência directa ou o seu desconhecimento. Este texto sobre a proveniência e suas notas é precedido de uma pequena lista de dados que identifiquem a obra. O exemplo neste Guia sugere o registo do nome do autor, o título e data atribuídos à obra, a colecção a que pertence actualmente e o respectivo número de inventário.

Também numa publicação americana mais recente, de 2015, se admite que de um modo lato a proveniência é a história da obra de arte mas que é muito mais que isso e idealmente o registo documental deve comportar os nomes de todos os proprietários desde da sua concepção incluindo-se as datas para cada período de novo proprietário, métodos de transferência, local onde foi mantido¹⁶. A mesma publicação alerta para as dificuldades que surgem frequentemente durante a investigação: um historial de proveniência completo é na realidade uma excepção à regra; as diferentes fontes de documentação podem fornecer informações contraditórias sobre uma peça; a informação publicada sobre o historial de proveniência de algumas peças pode estar incorrecta ou ser imprecisa o que requer que tudo se confirme e corrija; muitas vezes os nomes de proprietários são dissimulados pela denominação genérica *colecção privada* (caso frequente em catálogos de casas de leilão); as provas de propriedade, ou de compra podem ter entretanto desaparecido; etc.¹⁷

Lisa Reynolds, norte-americana com Mestrado na área das Ciências Documentais (Library Science), pela *School of Information and Library, University of North Carolina*, em *Chapel Hill*, produziu um artigo no âmbito da sua tese, em 2008. Após a conclusão do Mestrado foi responsável pelo Departamento de Catalogação de Charlestown, Charlestown-Clark County Libraries. No artigo que referimos, aponta os vários projectos a decorrer sobre esta matéria, faz uma revisão da bibliografia existente nesta área, apresenta dois casos de estudo e propõe ainda os passos a seguir para desenvolver boas práticas de investigação. A quem inicia este tipo de estudo, a autora adverte para a necessidade de se começar por fazer uma lista com o que é conhecido acerca da peça. Deste modo, é possível detectar as lacunas no espaço cronológico e elaborar um plano individual para cada peça, visto que cada uma tem uma história e

¹⁶ Sharon Flescher, "A Brief Guide to Provenance Research" in *The Legal Guide for Museum Professionals*, ed. Julia Courtney, 55-72. (United States of America: Rowan and Littlefield, 2015), 57-58

¹⁷ Nancy H. Yeide, et al., *The AAM Guide to Provenance Research* (Washington, DC: American Association of Museums, 2001), 56.

percurso próprios. Para a autora, o objectivo final e ideal (que pode não se concretizar em todos os casos) é dar a conhecer todos os proprietários e locais por que passaram as obras ao longo da sua existência, desde a sua concepção até à actualidade, facto sobre o qual os autores anteriores também reflectiram.

Um sítio de uma investigadora americana, Victoria Sears Goldman, que foi entre Março de 2013 e Junho deste ano Investigadora sobre Proveniência de Colecções no Cleveland Museum of Art¹⁸, também nos serviu como guia, tendo disponível várias artigos com casos de estudo sobre proveniência desenvolvidos por esta investigadora. E um artigo especialmente interessante, com título sugestivo: *Never underestimate the Power of Google as Provenance Research Tool*¹⁹. Neste artigo a autora defende a utilidade desta ferramenta nomeadamente para corrigir e/ou completar nomes de proprietários de peças.

Desde logo nos preocupámos com a maneira como iríamos comunicar neste relatório a informação recolhida sobre a proveniência da colecção de cerâmica do MBP. Encontrámos a par de informação disponível em sites de Museu uma publicação que incluía a abordagem do ponto de vista da proveniência da obra de Leonardo Da Vinci (várias colecções em vários países). A publicação de 2005 procura fazer uma análise crítica à obra de Da Vinci mas inclui os pormenores conhecidos sobre a proveniência de cada obra ali referida.

Numa lista com quadros e desenhos do artista inclui-se uma legenda que incide sobre o historial de proveniência. O quadro *Dama con l'ermellino*, de Leonardo Da Vinci, c. 1485-86, hoje no Czartoryski Muzeum, Cracóvia, Polónia²⁰. Parte da sua proveniência foi apurada: foi emprestada por Cecilia Gallerani a Isabella d'Este, marquesa de Mantua, em 1498 e só há novo registo em 1809. Era então propriedade da Princesa Czartoryski, oferecido pelo seu filho Adam, que o terá comprado em Itália entre os anos 1799 e 1801. Terá passado por vários locais, depois de roubada pelos

¹⁸ Victoria Sears Goldman Blog, consultado em Maio de 2016, <http://www.victoriasearsgoldman.com/about/>.

¹⁹ <http://www.victoriasearsgoldman.com/underestimate-power-google-provenance-research-tool/>

²⁰ Atente-se na transcrição da legenda completa: *Lent by Cecilia Gallerani to Isabella d'Este, marchesa of Mantua, in 1498, the portrait only reappeared with certainty in 1809. It was exhibited in Pulawy Castle in Kraków as the property of Princess Czartoryski, having been given to her by her son Adam following his purchase of it in Italy almost certainly between 1799 and 1801. It moved several times between Paris, Dresden, and Berlin but was returned to Kraków in 1946.* Edoardo Villata, "List of Plates", in *Leonardo da Vinci*, trad. Timothy Stroud (Milan: 5 Continents Editors sr. 2005), Pl.16.

nazis: Paris, Dresden e Berlim, tendo sido devolvido à Polónia em 1946.²¹ Nota curiosa, a *Wikipédia*, sobre este quadro, apresenta um tópico de nome *Provenance* em que explica o historial de proprietários a partir do momento em que entra na Polónia²².

Outro exemplo, a pintura intitulada *Adorazione dei Magi*, 1481-82, é apresentado o percurso da peça e mudança de proprietários até a sua entrada permanente na Galleria degli Uffizi²³.

Uma rede de projectos na internet

Vários museus americanos disponibilizam nos seus sítios na internet informação sobre projectos deste âmbito e uma base de dados. É o caso do Museum of Modern Art (MoMA)²⁴. Este museu disponibiliza *online* a lista de peças produzidas durante o período anterior a 1946 e incorporadas pelo Museu a partir de 1932 (cerca de oitocentas) e que por isso se tornam suspeitas de terem sido retirados no passado de forma ilegal, aos seus legítimos proprietários durante o regime nazi. Esta investigação continua a desenvolver-se e a informação encontrada até ao momento sobre a proveniência das peças pode ser consultada *online*. O *Los Angeles County Museum of Art* (LACMA)²⁵ também desenvolve actualmente um projecto semelhante e disponibiliza um modelo de ficha que nos parece bastante eficaz. Outros museus procedem do mesmo modo integrando um projecto que tem como objectivo colaborarem entre si.

O Victoria and Albert Museum (V&A)

Em *Search the collections*²⁶, onde podemos pesquisar por palavras-chave uma peça qualquer do Museu, conseguimos depois aceder a informação sobre a peça

²¹ Edoardo Villata, *Leonardo da Vinci*, trad. Timothy Stroud (Milan: 5 Continents Editors sr. 2005), p. 41

²² "Lady with Ermine", *Wikipédia*, consultado em Maio de 2016, https://en.wikipedia.org/wiki/Lady_with_an_Ermine.

²³ Atente-se na transcrição da legenda completa: *Commissined by the Augustinian monks of San Donato a Scopeto in 1481, according to Vasari* [responsável pela construção da *Galleria degli Uffizi*, foi arquitecto, pintor e historiador de arte. É conhecido por ter feito biografias de pintores, nomeadamente de Leonardo da Vinci] *the work was left uncompleted by Leonardo with the Benci family when he left Florence for Milan about 1482. It reached the Galleria Medicea in 1670 from the collection of Antonio and Giulio de' Medici; it was then transferred to Villa di Castello before returning permanently to the Uffizi in 1794.* Edoardo Villata, "List of Plates" in *Leonardo da Vinci*, trad. Timothy Stroud (Milan: 5 Continents Editors sr. 2005), s.p., Pl.11.

²⁴ "Provenance Research Project", consultado em Janeiro de 2016, <http://www.moma.org/collection/provenance/>.

²⁵ "The Importance of Provenance", consultado em Janeiro de 2016, <http://collections.lacma.org/node/1209489>.

²⁶ V&A, consultado em Maio de 2016, <http://collections.vam.ac.uk/>.

incluindo fotografias e, eventualmente, o comprovativo de incorporação da peça no Museu.

As fichas de inventário das colecções deste Museu estão disponíveis em linha, ainda que, nem toda a informação existente seja disponibilizada. Verificámos que as fichas que podemos consultar oferecem diferentes tipos de informação, mas frequentemente apresentam dados relativos à sua proveniência. É o caso dos dois exemplos que daremos em seguida.

Na ficha disponível em linha, referente a um jarro da autoria de Bernard Palissy²⁷, além da informação essencial para a identificação da peça, data, fábrica, autor, pequena biografia sobre este, localização, etc., apresenta o campo *Object Type*, que informa o público sobre a proveniência da peça. Esta foi adquirida (*acquired*) pelo Museu em 1860, tendo antes feito parte da colecção de Jules Soulages. O Museu disponibiliza uma série de imagens da peça e também um documento cujo título é o seguinte: *Objects acquired in the year 1860*²⁸. Neste documento encontramos a descrição da peça e a informação de que foi comprada (colecção Soulages). Pesquisando pelo nome do coleccionador no mesmo sítio da *internet*, é possível encontrar mais informação sobre este proprietário, cuja colecção foi comprada pelo Museu, após a sua morte entre 1859 e 1865, através do negociante de arte John Webb²⁹. Um prato feito na Fábrica *Minton* foi comprado pelo Museu no ano de 1855, na Exposição Universal de Paris desse ano, época em que se reuniam peças para a colecção de majólica renascentista italiana, como exemplar de produção contemporânea, com fortes inspirações renascentistas (seleccionar *More Information*, campo *Object history*)³⁰. A ficha de inventário inclui imagens da peça e a digitalização da lista de peças compradas em 1856³¹.

O Museu *V&A* disponibiliza no seu sítio uma secção com o seguinte título: *Donors and Collectors* em que identifica os doadores, coleccionadores e negociantes de arte mais significativos do Museu. Ao seleccionar um coleccionador temos acesso a

²⁷ "Ewer", consultado em Maio de 2016, <http://collections.vam.ac.uk/item/O77705/ewer-palissy-bernard/>.

²⁸ Consultando novamente a página de *internet* referida a 24 de Setembro de 2016 já não encontramos o documento a que fazemos referência. No entanto, tínhamo-lo descarregado, em Maio, quando estava disponível. Consultar Anexos I, Figura 1.

²⁹ "Jules Soulages", consultado em Maio de 2016, <http://www.vam.ac.uk/content/articles/j/jules-soulages/>.

³⁰ "Plate", consultado em Maio de 2016, <http://collections.vam.ac.uk/item/O77549/plate-kirkby-thomas/>.

³¹ Este documento, à semelhança do anteriormente citado, já não se consegue consultar.

uma breve biografia e à história da sua colecção, à semelhança de outros casos já referidos. Sobre George Salting, por exemplo, coleccionador de cerâmica, podemos perceber que a sua colecção foi primeiro depositada no Museu, continuando a pertencer a Salting até que este a distribuiu, em legado, pelos seguintes museus: V&A, *British Museum* e *National Gallery*, em 1909. É possível ainda ter acesso a uma lista de publicações do Museu sobre a proveniência das colecções do V&A.

O papel dos coleccionadores muitas vezes vai além das próprias doações ou vendas ao Museu, funciona como angariador ou mediador de novos contactos. E isso pode perceber-se através da informação disponibilizada neste Museu.

No caso do V&A, houve entre 1863 e 1913 um cargo oficial - *Art Referee*³² - que vários coleccionadores do Museu desempenharam. É o caso de Charles Drury Edward Fortnum³³, doou peças ao Museu e desempenhou este cargo. O *Art Referee* era responsável pela sugestão de novas aquisições por compra ou empréstimo, deviam procurar, recomendar e negociar novas aquisições, alertar atempadamente da realização de leilões significativos com indicação das peças que se deveriam incorporar. Teriam outras funções como as de fornecer a descrição escrita dos objectos ou elaborar catálogos. Essas sugestões de novas incorporações eram feitas segundo critérios definidos³⁴. Eram realizados relatórios com a avaliação e justificação da pertinência ou não da entrada de uma determinada peça ou conjunto de peças no Museu. Esses relatórios, arquivados no Museu, em cerca de cinquenta e uma caixas, estão a ser analisados e irão brevemente dar origem a um catálogo que será disponibilizado no final deste ano. Essa análise vai permitir o conhecimento sobre proveniência de colecções adquiridas pelo ainda *South Kensington Museum* entre 1863-1886.

Em Portugal

Na Fundação Calouste Gulbenkian desenvolve-se um projecto de investigação sobre a obra de Amadeo de Souza-Cardoso que, entre outros objectivos, visa averiguar a actual localização das suas obras dispersas por vários locais. As equipas de Helena de

³² Optámos por não traduzir este cargo por não existir um totalmente equivalente.

³³ V&A. "Charles Drury Edward Fortnum", <http://www.vam.ac.uk/content/articles/c/charles-drury-edward-fortnum-1820-1899/>.

³⁴ V&A (Blog). Janeiro 2016 (...) *outstanding beauty, rarity of existence, and use as learning tools for students*. <http://www.vam.ac.uk/blog/tales-archives/art-referee-reports>.

Freitas³⁵ e Catarina Alfaro³⁶, analisam os seus arquivos, que incluem artigos de jornal, correspondência, fotografias, contando com a ajuda de descendentes do artista e outros indícios que possam ajudar a seguir a pista das suas obras³⁷.

No decorrer deste estágio foi inaugurada uma exposição no Museu Calouste Gulbenkian - *Gulbenkian Wentworth-Fitzwilliam - Uma colecção Inglesa* (27 de Novembro de 2015 - 28 de Março de 2016). Expôs-se neste Museu grande parte das obras que compõem uma das mais prestigiadas colecções particulares inglesas. Essa colecção inclui pintura e escultura e as temáticas são várias: retrato, paisagem, natureza morta, episódios religiosos. Os dois maiores coleccionadores, ou seja, os que são responsáveis pelos melhores momentos da constituição da colecção dessa família foram Thomas Wentworth, 1º Conde de Strafford (1593-1641), responsável pelo início da colecção por volta de 1630³⁸ e por várias encomendas de retratos da família a pintores prestigiados da época; e Charles Watson-Wentworth (1730-1782). O mais interessante para o nosso estudo, nesta exposição, são os textos das legendas que acompanham as obras expostas, em que se apresenta o historial da proveniência das peças, quando conhecido. Atente-se no seguinte exemplo, excerto da legenda que acompanha o quadro *A Virgem a coser com Três Anjos*, atribuído a Guido Reni (1575-1642), pintor de Bolonha: *Juntamente com a pintura com a qual terá constituído um par, A Virgem e o Menino com São João Batista e Criança (Museu do Louvre, Paris), esta obra foi executada para o cardeal Camillo Borghese (1552-1621), que se viria a tornar, em 1605, o papa Paulo V. Depois da morte deste, as obras foram oferecidas pelo seu sobrinho ao cardeal Ludovico Ludovisi, em 1622, chegando mais tarde a França, onde surgem referidas, em 1685, na colecção do rei Luís XIV³⁹*. Pode-se concluir com este estudo que a tradição museológica anglo-saxónica valoriza e põe em prática este tipo de investigação. Em Portugal começou-se a percorrer este caminho há menos tempo mas está a ter cada vez mais importância como fica patente nos exemplos anteriores.

³⁵ Historiadora da arte e curadora, colabora desde da década de oitenta do século passado com o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, é uma das grandes especialistas na obra de Amadeo. Foi coordenadora do catálogo *raisonné* do artista e responsável pela exposição da Fundação, *Diálogo de Vanguardas*, em 2006.

³⁶ Licenciada em História da Arte e mestre em Museologia, pela Universidade Nova de Lisboa, esteve cerca de nove anos ligada à Fundação Calouste Gulbenkian, como investigadora. É actualmente Conservadora principal da Casa das Histórias Paula Rego.

³⁷ "O último segredo da arte moderna", Lisboa: RTP1, 20 Abril de 2016 (21h). Programa de Televisão.

³⁸ "Wentworth-Fitzwilliam; An English Collection", *Apollo the international art magazine*, consultado em Abril de 2016, <http://www.apollo-magazine.com/art-diary/wentworth-fitzwilliam-an-english-collection/>.

³⁹ Ver Anexos I, Figura 2.

Capítulo 2. A génese da colecção de cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro

A colecção de cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro reúne objectos que representam todas as fases de criação de Rafael Bordalo Pinheiro, desde 1884 (ano da inauguração da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha) até ao ano de 1905 (morte do artista). O MBP conserva também peças do artista produzidas antes da criação da Fábrica. Além de uma maioria de obras significativas de Rafael Bordalo Pinheiro, o Museu alberga ainda peças de outros autores, produzidas nas Caldas da Rainha, antes do início da produção de Bordalo Pinheiro na sua Fábrica – por exemplo, de Manuel Mafra; ou vários originais de Manuel Gustavo, filho de Rafael, que continuou e desenvolveu o legado de seu pai.

A colecção de cerâmica do MBP era, nos primeiros anos, muito reduzida e desempenhava um papel meramente decorativo. É sobretudo a partir de 1926, e em grande parte por impulso de Julieta Ferrão (Conservadora do Museu à época) que esta colecção ganha espaço próprio no Museu.

O Museu Bordalo Pinheiro é inaugurado a seis de Agosto de 1916, por iniciativa de Cruz Magalhães, num edifício encomendado em 1913 ao arquitecto Álvaro Machado, com a exposição da obra gráfica de Rafael Bordalo Pinheiro, que vinha a ser colecionada desde há vinte anos, em quatro salas, no piso superior do prédio. Cruz Magalhães foi responsável pela sua direcção durante os primeiros seis anos. Inicialmente, Cruz Magalhães defendia a constituição de um outro Museu, que se dedicasse à obra cerâmica de RBP, nas Caldas da Rainha, junto à Fábrica. O facto de não se querer incluir na programação original do Museu um núcleo de cerâmica é claro tanto no antecátalo publicado no ano da inauguração como no primeiro catálogo publicado em 1919⁴⁰. Apesar de não se querer associar o Museu dedicado ao artista, em Lisboa, à parte da obra cerâmica havia desde o início a presença de algumas peças nas salas. No catálogo de 1919, em que se descrevem todas as peças existentes nas salas do MBP, não se omitem as peças de faiança mas esclarece-se, à frente entre parêntesis, *Como ornamento*⁴¹. Apesar de não haver um espaço próprio para a colecção de cerâmica, nesta época, Cruz Magalhães já tinha realizado contactos de modo a que alguns proprietários de peças bordalianas as doassem ao Museu. Referimo-nos, por

⁴⁰ Cruz Magalhães, *Catálogo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro* (Lisboa: Tipografia Universal, 1919).

⁴¹ Idem, 3.

exemplo, ao vaso de jardim que foi oferecido a Enrique Casanova⁴², por Rafael Bordalo Pinheiro, que foi buscar nesse ano (1919) a casa do filho Júlio Casanova, ao Porto⁴³. Sobressai desde cedo, portanto, o interesse por peças únicas e oferecidas a amigos e familiares de Rafael Bordalo Pinheiro. A *Sala de homenagens* era decorada por alguns bustos, nomeadamente os dos escritores Eça de Queiroz e de Guilherme de Azevedo (colaborador literário e amigo de Rafael Bordalo Pinheiro). Também sabemos que Cruz Magalhães era um grande admirador de RBP mas que nunca terá sido próximo deste e que se terá apenas cruzado com ele duas vezes na vida. Uma dessas vezes foi na FFCR, em que falou com este (...) *com o fim de lhe encomendar uma jarrinha de linda fôrma, hoje na posse do museu rafaelino.*⁴⁴ O plano que Cruz Magalhães tinha inicialmente para o rés-do-chão do edifício do Museu era a instalação da escola feminina do Campo Grande. Mais tarde, essa ideia viria a ser contrariada por Julieta Ferrão e pelos Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro⁴⁵. De facto, já no início da década de vinte, numa notícia na imprensa da época, datada de 1921 anuncia-se o projecto que viria a ser concretizado no rés-do-chão e que ainda hoje, cem anos depois, se mantém: (...) *expondo-se de preferência no rés-do-chão a cerâmica rafaelina que for possível obter*⁴⁶. Cruz Magalhães decide doar o Museu à CML, num processo conturbado que se arrastou desde 1922 até 1924, impondo uma série de condições. Uma delas era que Julieta Ferrão, sua sobrinha por afinidade e afilhada, fosse nomeada directora e a outra era que ele fosse reconhecido como *inspector do Museu*⁴⁷ para acompanhar a sua reorganização até a sua reabertura ao público.

Na monografia do Museu, publicada por Julieta Ferrão, em 1922, já se encontra também assumido o desejo de inaugurar um núcleo de cerâmica. Em 1925 existiam no museu entre obra gráfica e espécies bibliográficas (...) *mais de 100 peças cerâmicas.*⁴⁸

⁴² Foi aguarelista oficial do Rei D. Carlos I.

⁴³ Conforme é noticiado, por exemplo, no *Diário de Notícias* a 21 de Jul. de 1919 ou no *Comércio do Porto* a 21 de Jul. de 1919. Cruz Magalhães, *Álbum de recortes de imprensa 1916-1930* (ESP.DOC.do Museu Bordalo Pinheiro).

⁴⁴ Cruz Magalhães, *Vultos de ontem, vultos de hoje (traços biográfico-anedóticos)* (Lisboa: Livraria Universal, 1928), 37.

⁴⁵ Cristina Leite, "O Museu Bordalo Pinheiro", in *Guia Museu Bordalo Pinheiro*, dir. Ana Cristina Leite e Anabela Carvalho, (Câmara Municipal de Lisboa, 2005), 9-25. O GADMRBP é constituído por iniciativa de Álvaro Neves, a 23 de Janeiro de 1920 e manter-se-ia activo até 1945.

⁴⁶ Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, *Diário de Notícias*:6 de Ago. de 1921.

⁴⁷ Ana Cristina Leite e Anabela Carvalho, coord., *Guia Museu Bordalo Pinheiro* (Câmara Municipal de Lisboa, 2005), 14.

⁴⁸ Magalhães Lima e Cruz Magalhães, *Rafael Bordalo Pinheiro: moralizador político e social. O Museu Bordalo Pinheiro* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925), 52.

Cruz Magalhães justifica este número do seguinte modo: *O número de peças cerâmicas é restrito porque o Museu não foi destinado, de início, para elas, como agora também é (...)*⁴⁹. A propósito dessa declaração e da publicação alerta-se para a inevitável inflação verificada nas obras de Rafael Bordalo Pinheiro e defende-se que o Museu não deve comprar peças mas sim incentivar e aceitar apenas doações. Sobre este assunto descreve algumas situações interessantes sobre peças negadas ao Museu:

Um grande industrial, também da priverança do primacial caricaturista, possui várias peças cerâmicas, nem sequer consentiu que elas fôssem expostas com a declaração expressa de lhe pertencerem, e documento legal meu, que lhe garantisse a posse.

e

*Um escritor, intimamente ligado ao Museu, possui uma peça cerâmica, aliás de pouco valor, que obteve na Feira da Ladra, após recusa do proprietário para a oferecer ao Museu.*⁵⁰

Acrescenta-se ainda que todos os nomes de doadores devem constar em legendas de sala:

*(...) Entre vários alvitres por mim apresentados à Câmara Municipal, figura o de se patentear ao público um Quadro de Honra, onde se especifiquem os doadores de peças cerâmicas ou gráficas. É uma simples manifestação de grata justiça. Defendi e defendo que tôdas as peças oferecidas tenham letreiros com o nome dos oferentes*⁵¹.

De facto, essa condição consta no Regulamento do Museu, de 1925: *Todas as peças oferecidas terão sempre uma etiqueta donde conste o numero do Catalogo, nome do doador e data da oferta*⁵².

Cruz Magalhães menciona também que se devem reservar espaços específicos para acolherem as doações de Helena Bordalo Pinheiro, filha de Rafael e Angélica Barreto da Cruz Bordalo Pinheiro (viúva de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, filho de Rafael) por terem consigo numerosas e importantes peças que acreditava teriam como destino o Museu. Nesta obra menciona-se uma lista de numerosas peças rafaelinhas dispersas por mão de particulares e em outros museus.

⁴⁹ Idem, Ibidem.

⁵⁰ Idem, 63.

⁵¹ Idem, 52.

⁵² Cap. V, II (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.24).

Julieta Ferrão, presente no Museu desde 1916, terá feito todos os esforços para continuar o trabalho de seu tio, procurando entrar em contacto com esses nomes, em conjunto com outros ADMRBP, entre 1920 e 1945 como mais adiante veremos. Numa carta encontrada no seu espólio, Julieta Ferrão escreve ao antigo operário de Rafael Bordalo Pinheiro (desde 1886), José Carlos dos Santos, pedindo informações sobre duas peças de faiança. Sabe os nomes dos proprietários e pede descrição das mesmas. Fê-lo provavelmente para entrar em contacto com os proprietários das peças.

Finalmente, em 1926, com a reabertura do MBP, o núcleo de cerâmica assume em pleno a sua autonomia:

Foram ontem inauguradas as novas salas em que se guardam muitos trabalhos do genial artista (...) A direita do edificio, constituída por duas salas extensas é toda ocupada por muitos e valiosos trabalhos de ceramica, também oferecidos por particulares. Ali se veem, a par dos objectos de uso comum em que Rafael nunca deixava de vincar a sua nota artística alguns bustos de admirável expressão, entre os quais se destacam os de Eça de Queiroz, Sousa Martins, Guilherme de Azevedo, etc.⁵³

O Museu tem hoje uma base de dados informatizada (*In Patrimonium*, desenvolvida pela Sistemas do Futuro) bastante completa. Toda, ou quase toda, a informação disponível em inventários manuscritos anteriores foi transferida para a base de dados, em 2005. Muitas relações entre as várias fontes documentais foram já estabelecidas. Assim, foi possível constatar que o historial de parte das peças já foi aferido, sobretudo no caso das peças únicas, mais facilmente identificáveis. O Museu reúne o maior número de peças únicas de cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. Desde cedo, como se pôde já constatar pela leitura deste capítulo houve uma ligação importante estabelecida entre o fundador do Museu e a família e amigos mais próximos de RBP que desde sempre apoiaram a homenagem de Cruz Magalhães. Portanto, sabe-se que grande parte da colecção foi doada ou deixada em legado por estas pessoas. Veja-se por exemplo, que Helena Bordalo Pinheiro deixou cento e uma peças de cerâmica a este Museu, em 1933. As primeiras peças, cerca de cem, do Museu foram adquiridas, de várias formas - compra, oferta, doação, etc. - por Cruz Magalhães.

Além disso, a partir de 1926, o Museu recebe várias doações (não apenas de obra cerâmica):

⁵³ Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*: "O século": 14 de Ago. de 1926.

*Desde a reabertura em 1926 o museu não parou de receber doações, contando-se quase com uma centena de doadores, com destaque para as peças doadas pelos filhos de Bordalo Pinheiro, (...) e de adquirir outras.*⁵⁴

Hoje em dia, na sala de cerâmica algumas legendas de peças especiais incluem o historial de proveniência, é o caso do Perfumador Árabe, em que se inclui a data de incorporação, o nome do ofertante e a história da peça. Mas a legenda com este tipo de informação é uma excepção à regra. Em Julho de 2011 inaugurou-se uma exposição no MBP *Rafael Bordalo Pinheiro - Retratos em Barro* e procurou-se divulgar ao público o historial de proveniência das peças seleccionadas para a exposição.

Capítulo 3. Estudo de Caso Museu Bordalo Pinheiro

Parte 1

3.1. Critérios de selecção e lista de peças

Cientes de que não se poderia estudar toda a colecção optou-se, obviamente, pelas de melhor qualidade. Mas foi difícil decidir se seriam apenas as da autoria de RBP. Finalmente, decidiu-se que o grupo de cerca de cem peças poderia incluir outras autorias por existirem algumas de excelente qualidade e por estarem intimamente ligadas ao Museu e à obra de RBP, conforme já foi referido. A selecção esteve, no entanto e inevitavelmente, sujeita à subjectividade do gosto e dos critérios, como referimos. A inclusão no grupo de peças a estudar de uma peça de autor desconhecido (MRBP.CER.0768) é um exemplo dessa subjectividade. A peça não obedece aos critérios estabelecidos previamente. No entanto, suscitou a nossa curiosidade e interesse precisamente por ser de autor desconhecido e parecer relacionar-se com o passado de Rafael Bordalo Pinheiro ligado ao teatro. Faria essa peça parte da sua colecção particular? Ou terá sido incorporada pelo Museu Bordalo Pinheiro através de um redireccionamento de colecção proveniente do Museu da Cidade, actual Museu de

⁵⁴ Cristina Leite, "O Museu Rafael Bordalo Pinheiro", in *Guia Museu Bordalo Pinheiro*, dir. Ana Cristina Leite e Anabela Carvalho (Câmara Municipal de Lisboa: 2005), 15.

Lisboa, Palácio Pimenta? Estas interrogações e a vontade de as esclarecer levaram-nos a incluí-la.

Algumas obras foram dedicadas e são por isso peças únicas mais fáceis de seguir, outras são peças industriais acarretando maior dificuldade de distinção e investigação. Foi aliás por serem de fabrico em série que algumas peças foram excluídas deste estudo - por exemplo uma peça de loiça utilitária rara e de excelente qualidade artística⁵⁵, da qual não conhecemos ainda mais exemplares, foi posta de parte por existir uma outra cópia no Museu. Como iríamos distingui-las na documentação?

Por outro lado, acabámos por acrescentar uma peça, igual a outra que tínhamos escolhido numa primeira fase, por termos concluído que tinham sido incorporadas como um conjunto, partilhando assim, o mesmo historial de proveniência. Referimo-nos a dois *potiches* em cerâmica imitando cestos de verga, um azul e outro castanho. Existem outras peças semelhantes em diferentes museus, nomeadamente no de José Malhoa e no de Cerâmica, ambos nas Caldas da Rainha⁵⁶. Escolhêramos primeiro apenas o azul, por ser mais raro, mas mais tarde fez sentido considerar o castanho também. À semelhança deste exemplo, foi acrescentada, pelos mesmos motivos, uma outra peça, um pequeno perfumador árabe que juntámos a outro igual.

3.2 Ficha - tabela

Na sequência do trabalho anteriormente descrito, surgiu a necessidade de criar uma ferramenta capaz de recolher toda a informação relevante. No sentido de responder a essa necessidade, foi elaborada, em Excel, uma tabela em que para cada peça se reúnem as referências às fontes documentais e, simultaneamente, a informação cronológica sobre: proprietário, local e período de tempo em que se mantém sob tutela de cada proprietário. As últimas colunas dessa tabela registam ainda o ano, o tipo e o intermediário da incorporação no MBP. O objectivo desta tabela era o de reunir toda a informação recolhida num só documento e poder ordená-la rapidamente conforme as necessidades do estudo. Esta tabela deu depois origem a fichas individuais para cada peça, baseadas no modelo do Guia elaborado pela AAM, já aqui referido, no capítulo anterior (consultar Apêndice).

⁵⁵ Referimo-nos a peça MRBP.CER.0803.

⁵⁶ "Ficha de Inventário", MatrizNet, consultado em Julho de 2016, <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=213098>.

O modelo abaixo corresponde à ficha-tipo criada para consolidar a informação recolhida durante este estágio e exclusivamente sobre o historial de proveniência das peças do caso de estudo. A ficha foi criada com dois objectivos: criar um modelo de consulta fácil para o Museu e que permita dar continuidade a este trabalho e vir a ser aproveitada para divulgar ao público em geral. Contém os dados mínimos que permitem a identificação da peça (a sua imagem, o nº de inventário, nome pelo qual é conhecida no Museu, autor e data) e finalmente o campo *Proveniência* que foi preenchido com toda a informação conhecida até à data de conclusão do estágio por ordem cronológica e as notas que a fundamentam.

(fotografia da peça)	Autor:
	Título e data:
	Proveniência:
Nº de inventário	Notas:

Tabela 1 Modelo de ficha.

3.3. Seguindo o rasto das peças

Como ponto de partida e principal sustentáculo desta investigação, tivemos as fontes documentais arquivadas no Museu incluindo a informação disponível no Inventário do mesmo. Algumas fontes documentais, que nos foram fundamentais, não estão ainda devidamente inventariadas e, até ao fim do estágio, já em Agosto, foram descobertos mais documentos que nos ajudaram a tirar dúvidas ou a obter mais informação sobre a proveniência das peças. É pelo cruzamento destas várias fontes que se completa o historial de proveniência. Apresentamos em seguida as fontes a que recorreremos com breve explicação e aspectos menos conseguidos. O caminho e ordem apresentados em nem sempre foram, para cada peça percorridos por esta ordem. Para a maioria das peças foi necessário voltar atrás, confirmar fontes, ler de novo, etc. O último ponto foi, no entanto, o último a ser satisfeito.

O percurso de investigação seguido durante o estágio:

1. Base de dados *In Patrimonium*

Registo da informação conhecida até então sobre a proveniência de cada peça. São retiradas todas as informações úteis para o estudo do historial de proveniência como ponto de partida para cada peça. Anotam-se, de uma maneira geral (cada peça tem uma história/percurso distintos e exige adaptações no que respeita à procura de informação), as informações pertinentes e que nos podem ajudar a identificar as peças, os campos: *Marcas, Inscrições, Incorporação, Bloco de notas, Historial*, por vezes também *Estado de Conservação* ou *Medidas*.

Aspectos menos conseguidos: o tipo de informação contida nos campos *Bloco de notas* e *Historial*, nem sempre é preenchido tendo em conta as mesmas regras (o conteúdo não é sempre o mesmo e nem sempre existe texto); alguns lapsos no registo de informação.

2. Arquivo MBP

Analisaram-se: publicações - catálogos, guias, etc.; o arquivo documental digitalizado - cartas, notas (Cruz Magalhães, Rafael Bordalo Pinheiro); recortes de jornal (algumas notícias sobre aquisição de peças, artigos de Cruz Magalhães reivindicando peças para o Museu), Inventário Manuscrito utilizado a partir de 1939 até aos anos noventa; fotografias. As fotografias das salas de cerâmica, por exemplo, ajudaram-nos, em alguns casos, a esclarecer dúvidas sobre datas de incorporação, tudo o que pudesse dar pistas adicionais sobre lacunas no historial de proveniência.

Aspectos menos conseguidos: o espólio documental digitalizado é muito vasto, estando os documentos disponíveis, independentemente da natureza dos assuntos ou do documento, numa só pasta o que implica que se analise documento a documento.

3. Arquivo MBP - espólio não tratado

Analisaram-se: Espólio Documental de Julieta Ferrão, distribuído por vinte e cinco caixas, (muita correspondência importante sobre peças de cerâmica); Livro de Registo de Entradas de Espécies (Arquivado na Reserva do Museu), mais algumas cartas do espólio de Julieta Ferrão, Guias de Remessa, etc.

Aspectos menos conseguidos: Espólio não tratado (Espólio documental de Julieta Ferrão e alguns documentos manuscritos de Cruz Magalhães dispersos) implicou a leitura integral de documentação e dificultou a sua referência neste trabalho.

4. AML/AC

Analisaram-se: guias de remessa; relatórios de Julieta Ferrão para a Câmara Municipal de Lisboa.

Na tentativa de complementar a pesquisa que se realizava no Museu, no dia vinte e dois de Março de 2016 iniciou-se a pesquisa neste Arquivo. Depois de feita uma pesquisa na internet, e de termos falado com o responsável pela área da documentação do MBP, Mário Gouveia, achámos que seria uma mais-valia para esta investigação a ida ao Arquivo. No entanto, verificou-se que a informação arquivada, relativa ao MBP, se encontra, em grande parte, por tratar (muita não consta no catálogo disponível em linha por exemplo) e, por isso, a pesquisa foi-nos mais difícil. Por não se saber onde se encontra a informação relevante para este estudo, perdeu-se algum tempo com arquivadores com informação irrelevante mas, apesar disso, foi possível encontrar registo da proveniência de peças de faiança incluídas neste estudo e de outras que não foram escolhidas mas que assinalámos para um futuro alargamento do estudo a toda a colecção do Museu.

Aspectos menos conseguidos: Consultámos inúmeras caixas com informação irrelevante para este estudo e muita informação repetida. Vários relatórios referentes aos mesmos anos e ausência de relatórios de outros anos.

5. Hemeroteca Digital de Lisboa

Analisaram-se: os *Anais do Município de Lisboa* (anos 1938-1964); os *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais* (1931-1936) e a *Revista Municipal* (1939-1973 e 1979-1988).

Encontrou-se, sobre algumas peças, informação útil para a realização deste trabalho, nomeadamente datas de incorporação e nomes do anterior proprietário.

Aspectos menos conseguidos: A informação que consta neste tipo de publicação é bastante irregular - não se encontra o mesmo tipo de informação nem o mesmo grau de descrição - e vaga, sendo que muitas vezes as peças não se podem identificar. Tome-se como exemplo os *Anais do Município de Lisboa* de 1939 em que uma única frase

aborda o assunto da incorporação de espécies no MBP: *Enriquecido com diversas espécies, umas adquiridas outras oferecidas (...)*⁵⁷ ou ainda a publicação do ano de 1946: *No Museu Bordalo Pinheiro, entraram durante o ano de 1946: (...) 2 peças de faiança (...)*⁵⁸. No ano de 1950 apresenta-se já uma boa descrição das espécies entradas e inclui-se o regime de incorporação, nome do proprietário no caso de oferta, verifica-se que, no caso de *aquisição*, não se indica qualquer referência ao anterior proprietário;

6. Recursos Complementares

Pesquisa sobre proprietários de peças (*Google, Geneall, Bibliotecas*).

Por vezes revelou-se útil para a investigação de algumas peças pesquisar nomes de proprietários, primeiro na *internet*, através do *Google*. Procurar datas de falecimento, descendentes, nem sempre foi uma tarefa fácil, visto que alguns proprietários apesar de extremamente influentes e participativos na sociedade de que Rafael Bordalo Pinheiro foi contemporâneo, são hoje em dia pouco ou nada conhecidos para o público em geral. No entanto, alguns casos houve em que conseguimos relacionar nomes que aparentemente nada tinham a ver com o primeiro proprietário de uma determinada peça. O *Geneall*, ou outros sítios do género ajudaram algumas vezes a obter uma árvore genealógica de famílias que doaram ou venderam peças ao Museu. A consulta de Enciclopédias também nos ajudou a encontrar alguns dados biográficos importantes para este estudo.

Aspectos menos conseguidos: Alguns erros na *internet*; o sitio *Geneall* implica o pagamento de uma mensalidade o que faz com que muito poucos dados sejam acessíveis gratuitamente (embora tenhamos feito um registo que nos permitiu por poucos dias aceder a um pouco mais de informação); as enciclopédias contêm por vezes pouca informação que possamos aproveitar, sendo feitas com outros propósitos.

7. Observação de peças

Peças sobre as quais pouco ou nada se encontrou no final do estágio, casos em que não se registaram as marcas e datas na base de dados e em que se esperava que a sua observação pudesse prover alguma pista adicional. Por exemplo, no caso em que a documentação fornecida pela base de dados do MBP aponta para um determinada data de fabrico mas a documentação encontrada sobre a mesma peça indica outra, ou nos

⁵⁷ *Anais do Município de Lisboa 1939* (Câmara Municipal de Lisboa, 1940), 62.

⁵⁸ *Anais do Município de Lisboa 1946* (Câmara Municipal de Lisboa, 1947), 117.

casos em que nenhuma documentação relativa à proveniência foi encontrada, na esperança de lograr algum vestígio de uma etiqueta de uma casa de antiguidades ou de leilão, que por lapso não tivesse sido anexada ao Inventário actual.

Parte 2

3.4. Historial de Proveniência: família, amigos e outros coleccionadores

De trato afável e convivente, em amigos transformou muitos dos seus clientes, estendendo a panóplia das suas relações amistosas a todos os quadrantes da sociedade.

Irisalva Moita in *Rafael Bordalo Pinheiro na Sociedade do seu tempo*.

Apresentaremos em seguida os resultados da investigação do nosso estágio. Pretendemos provar sobretudo dois pressupostos: por um lado a importância de Cruz Magalhães e de Julieta Ferrão, directores do Museu, grandes admiradores da obra de Rafael Bordalo Pinheiro e eles próprios coleccionadores e angariadores de doações; por outro, o carácter extremamente sentimental da colecção de cerâmica deste Museu. A colecção pertenceu outrora a um conjunto de pessoas que privaram com Rafael Bordalo Pinheiro. Os laços de família e de amizade que ligaram estas peças a Rafael Bordalo Pinheiro, mesmo depois da sua morte, fizeram com que a doação de algumas delas não fosse simples e rápida. É o caso da viúva de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, que em cartas que trocou com Cruz Magalhães, se revelou ainda incapaz de se separar de alguns objectos do seu marido ou do sogro, ambos já falecidos. Ao mesmo tempo, a entrega das peças ao Museu revela uma acção altruísta assumindo-se que assim a memória de RBP não seria esquecida pelas gerações vindouras.

Dividimos este subcapítulo em dois períodos cronológicos: de 1916 a 1969, definido pelo trabalho de Cruz Magalhães e de Julieta Ferrão, com o apoio, a partir de 1921, dos ADMRBP; e um período, menos significativo para este estudo, em que poucas peças foram incorporadas, a partir de 1969 até inícios dos anos 2000. Analisaremos as peças por conjuntos, dentro dos períodos referidos, e daremos mais ênfase aquelas sobre as quais esta investigação permitiu acrescentar informação. Os

conjuntos de peças são apresentados em tabelas, referindo-se o seu número de inventário e data de incorporação, e são ordenadas cronologicamente por essa data. Para uma leitura mais fácil e detalhada sobre o historial de proveniência destas oitenta e sete peças sugerimos a consulta do apêndice deste relatório, no qual compilámos toda a informação recolhida ao longo do estágio em fichas individuais às quais já nos referimos anteriormente.

3.4.1. Colecção de Cerâmica 1916-1969: uma rede de contactos e relacionamentos

Apesar de se tratar de uma amostra da colecção de cerâmica do MBP, a grande maioria das peças deste estudo (excluindo as que mantiveram o historial de proveniência desconhecido, a minoria) foi incorporada durante os períodos de Cruz Magalhães e de Julieta Ferrão. À medida que a investigação progredia, era cada vez mais visível a rede de contactos criada, primeiro por Cruz Magalhães e depois aproveitada, mantida e expandida por Julieta Ferrão. Parece-nos, por isso, fundamental dedicar uma parte deste sub-capítulo a estes colecionadores (directos e indirectos) de cerâmica rafaelina e atribuir-lhes, em última análise, o sucesso da constituição deste núcleo.

Cruz Magalhães (1916-1928): o início da colecção

Como já foi dito em capítulo anterior deste relatório, Cruz Magalhães (1864 - 1928⁵⁹) começou por rejeitar a ideia de incluir um núcleo de cerâmica no seu Museu mas, ao longo desta investigação foi possível perceber que o seu contributo para a reunião de espécies para o núcleo actual de cerâmica, foi importantíssimo. Muito impulsionado pelos ADMRBP, Cruz Magalhães decide ainda em 1920 o seguinte:

O Sr. Cruz Magalhães participa que já tem o seu testamento feito ha mezes no qual satisfez o desejo dos Amigos-Defensores no respeitante a ser destinado o rez do chão para Museu de Ceramica em vez de ser utilizado para Escola Infantil (...). Sendo certo que ele nunca assumiu nem assume a responsabilidade de

⁵⁹ Nota de Julieta Ferrão, 1934 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.10).

*realização do dito Museu de cerâmica, simplesmente oferecerá todas as peças, mais de cem, que possui.*⁶⁰

Ou seja, as primeiras cem peças de cerâmica do Museu, pertenceram-lhe, tornando-o um colecionador significativo de cerâmica rafaélina. Sabemos que foram compradas por Cruz Magalhães em casas de Antiguidades, a particulares ou directamente à FFCR. Sobre a última modalidade o próprio afirma nas suas notas:

*(...)para lhe compensar dadas de originais [refere-se a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro], fiz compras avultadas na Fábrica de Faianças, de que era, ao tempo, proprietário.*⁶¹

Cruz Magalhães manteve-se em contacto com a família, com os amigos de Rafael Bordalo Pinheiro e com outros colecionadores: valorizou, desde sempre, as peças únicas e dedicadas e procurou obtê-las para o Museu, defendendo ser o local mais apropriado não só para a homenagem ao artista mas também para perpetuar a memória do colecionador. Numa agenda pessoal, arquivada no MBP, anotou o paradeiro de várias peças de cerâmica icónicas, muitas hoje no Museu, relatando num estilo peculiar as conversas na tentativa (por vezes falhada) de persuadir proprietários de cerâmica rafaélina a fazer doações ao MBP:

Na Foz do Arelho vi, em 1922, dois bules do tempo de Rafael Bordalo Pinheiro, curiosísimos (...) e duas anforas (...) Numa bela manhã agarrei nas quatro peças, pu-las na mesa onde habitualmente almoçávamos, e, quando o Grandela [Francisco de Almeida Grandela⁶²] apareceu, disse-lhe: «estas quatro peças devem figurar no Museu Bordalo Pinheiro, quere dá-las muito bem, não quere, deixe, ao menos, que sejam expostas, entregando-lhe eu, primeiramente, uma declaração de sua posse, assinada por mim, e com a assinatura reconhecida, e com a declaração publica, juntos às peças, de que lhe pertencem e sómente consente na sua exposição.». Declarou logo que quanto às anforas, ou jarras - de homenagem ao grande actôr Taborda - ainda que mutiladas, não podia [palavra ilegível], por serem recordação duma inglesa, que êle muito prezára. «Bem, disse eu, então os bules?» Mordeu o bigode, manha usada pelo industrial, quando não quer responder. Agarrei nas peças, pu-las sobre a chaminé onde estavam, e... nem mais palavra!⁶³

⁶⁰ Amigos do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, *Livro de actas* (23de Jan. de 1920 - 4de Fev. de 1932): 26 de Dez. de 1920.

⁶¹ Cruz Magalhães, Notas da agenda pessoal, (MRBP.ESP.DOC.3126.15).

⁶² Empresário que fundou os Armazéns com o seu nome (1852-1934), republicano e maçom, foi amigo de Rafael Bordalo Pinheiro. No interior dos Armazéns Grandella, a sala de jantar dos funcionários, era decorada por azulejos e um candeeiros da autoria do artista. Informação retirada de "Armazéns Grandella & C.ª", *Restos de Colecção* (blog), 21 de Setembro de 2014, <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/09/armazens-grandella.html>.

⁶³ Cruz Magalhães, notas da agenda pessoal, (MRBP.ESP.DOC.3126.22).

Apresentamos agora, as peças, dentro deste conjunto, que foram compradas e oferecidas por Cruz Magalhães ou conseguidas, através de depósito, graças à sua intervenção:

MRBP.CER.0143	MRBP.CER.0715	MRBP.CER.0095	MRBP.CER.0376	MRBP.CER.0929	MRBP.CER.0048	MRBP.CER.0241	MRBP.CER.0290
							
1915	1916	1926	1926	1926	1927	1928	1928

Tabela 2 peças doadas por Cruz Magalhães ao MBP e peça depositada graças à intervenção do mesmo .

Parte do historial de proveniência de quatro destas peças era conhecido e estava devidamente assinalado na base de dados do MBP, referimo-nos às imagens 2, 3, 4 e 6, da tabela acima apresentada. Dizemos parte do historial de proveniência porque apenas sabemos que as peças foram doadas por Cruz Magalhães. Não sabemos como é que este as adquiriu, porque o fez de diversas formas: comprou à FFCR, comprou a particulares e a casas de antiguidades, etc. Sobre estas quatro peças quase nada foi possível acrescentar, apenas sobre o **busto de Eça de Queiroz** foi possível concluir que a data de incorporação registada na base de dados está incorrecta. Foi encontrada a Guia de Remessa da compra deste busto por Cruz Magalhães, com data de vinte e seis de Fevereiro de 1926⁶⁴. Existem outros dois bustos deste escritor no MBP, um foi oferecido ao Museu pelo filho de Rafael Bordalo Pinheiro⁶⁵. O que consta na base de dados do Museu é que o peça foi incorporada em 1924.

Mísula com Éolo: sabe-se agora que terá sido provavelmente comprada, ainda em 1915, à Fábrica então gerida por Gonzaga Gomes. Na documentação encontrada, a descrição da peça não a identifica claramente - *mísula renascença*⁶⁶ mas, apesar de existirem outras mísulas que se poderiam identificar por esta descrição, no Museu encontra-se apenas uma peça com as mesmas características, embora não tenhamos localizado um comprovativo da incorporação da mesma. Verificámos as marcas

⁶⁴ Ver Guia de Remessa, Anexos II, Figura 8.

⁶⁵ Respectivamente, MRBP.CER.0545 e MRBP.CER.0544.

⁶⁶ Gomes, Gonzaga e Magalhães, Cruz, 25 de Out. de 1915 (MRBP.ESP.DOC.2063).

gravadas na peça, visto que na base de dados não estava disponível a sua data de fabrico. A peça está marcada com a data de 1906. Através da carta que Gonzaga Gomes envia a Cruz Magalhães, podemos concluir que a peça já estaria pronta e já teria sido vista antes por Cruz Magalhães que só mais tarde decide encomendá-la. Por isso, estes elementos tornam legítima a conclusão de que é esta a peça em questão.

Talha Manuelina: é uma das peças mais emblemáticas deste Museu, peça única, eclética, de grande escala e com uma carga simbólica muito forte - foi elaborada numa fase de grande crise da Fábrica e vendida para pagar aos operários. Por todos estes motivos é uma peça sobre a qual muito se sabe e se divulga e cujo historial de proveniência é amplamente conhecido. Ainda assim foi-nos possível com este estudo enriquecê-lo um pouco mais. Na base de dados do MBP regista-se o nome do seu primeiro proprietário - o rei D. Carlos I, e menciona-se que terá ficado até à vinda para o Museu, por depósito do Estado em 1928, no Convento de Mafra. Podemos acrescentar que, antes da sua ida para o Palácio de Mafra, esta peça terá passado primeiro pela livraria do amigo de Rafael Bordalo Pinheiro, Manuel Gomes (montra na qual se expunham frequentemente as suas obras cerâmicas); e posteriormente para o Palácio das Necessidades. Depois de instalada no Palácio de Mafra, após a implantação da República, em 1910, terá passado para a posse do Estado português e sido exposta no *Museu de Mafra*⁶⁷. A *talha manuelina* esteve exposta, no referido Museu, com uma legenda e barreira de protecção⁶⁸. Esta peça não foi doada por Cruz Magalhães mas a sua entrada no Museu deve-se sobretudo aos seus esforços e à sua dedicação. Cruz Magalhães denunciou a situação, que considerou como de total abandono da peça em Mafra, em várias notícias de jornal.

Prato grande com cesta, bacalhau, lagosta e legumes: não existia qualquer registo relativo ao historial de proveniência na base de dados do MBP. Sabemos agora que foi oferecido por Cruz Magalhães em Abril de 1928, conforme o *Registo de Entradas M.R.B.P.*⁶⁹.

Potiche ornamentado com cardos e madresilva: encontrámos no espólio documental de Cruz Magalhães uma carta de Francisco Valença anunciado que um

⁶⁷ Cristina Antunes Belo, "A musealização do Palácio Nacional de Mafra" (Dissertação de Mestrado em Museologia: Instituto Universitário de Lisboa, 2010), 97, consultada em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3855>.

⁶⁸ Ver Anexos I, Figura 3.

⁶⁹ MRBP.ESP.DOC.reserva. Ver Anexos II, Figura 9.

particular teria peças rafaelinas para vender ao Museu, com anexo dos desenhos das mesmas e alguns outros detalhes. Uma delas era claramente este *potiche*⁷⁰. Mesmo na recta final deste estágio, em Agosto, foi possível aceder a novos documentos trazidos da reserva do Museu, que nos permitiram ter a certeza de que este *potiche* foi comprado por Cruz Magalhães nesse ano⁷¹.

Julieta Ferrão (1916-1969): a independência da colecção

Julieta Ferrão (1899-1975) foi conservadora do MBP durante um longo e importante período para a história do Museu. Sobrinha por afinidade (era sobrinha da segunda mulher) e afilhada de Cruz Magalhães, foi como já referimos, grande entusiasta e estudiosa da obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Sobre ela existe uma biografia, da autoria de Sandra Leandro⁷², que teve como fonte principal o espólio documental (MRBP.ESP.DOC.JF) a que também tivemos acesso. Estudou escultura e violino, frequentou o primeiro Curso de Conservadores de Museu do país no MNAA (curso que é aprovado em Decreto-Lei em Março de 1932 por iniciativa de José de Figueiredo director do MNAA), em 1938⁷³, embora não o tenha concluído⁷⁴. Interessou-se pela obra de Rafael Bordalo Pinheiro, tendo pesquisado e apresentado várias comunicações e publicações subordinadas à investigação e crítica da sua obra. A partir de 1942, Julieta Ferrão torna-se directora do Serviço de Museus, que incluía a direcção dos Museus da Cidade e Antoniano. Foi durante o seu período que a colecção de cerâmica se autonomizou e ganhou relevância. A pesquisa em várias fontes que já aqui mencionámos levou-nos a reforçar esta convicção. Julieta Ferrão terá ido, por exemplo, em Julho do ano de 1930, até ao Instituto Superior de Comércio do Porto, em busca de peças para *completar quanto possível a colecção de faianças que o Museu expõe (...)*⁷⁵.

⁷⁰ Ver Anexos II, Figura 10.

⁷¹ *Registo de Entradas M.R.B.P.* (1927-1945), s.p. (MRBP.ESP.DOC.reserva).

⁷² Sandra Leandro, "Desenhar Julieta Ferrão (1899-1974): a primeira directora de um museu em Portugal", *Faces de Eva*, 31 (Lisboa, 2014). Sandra Leandro é doutorada em História da Arte Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

⁷³ Ema Ramalheira Rocha, "O Estágio. Curso de Conservadores de Museu no Museu Nacional de Arte Antiga - o papel educativo do MNAA na museologia portuguesa." (Dissertação de Mestrado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013), 34.

⁷⁴ *Idem*, 36.

⁷⁵ Relatório de 1931,1-2, (AML/AC).

Dessa viagem terá trazido⁷⁶, a título de depósito, cinquenta e cinco peças. Terá tido conhecimento igualmente da existência de tais peças bordalianas, através de Emanuel Ribeiro (Amigo-Defensor do Museu, residente no Porto)⁷⁷. Pela análise da sua correspondência podemos ainda registar outros factos importantes: Julieta Ferrão encomendou peças à Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha; deslocou-se várias vezes até lá, nomeadamente no ano de 1928. Encontrámos cartas de resposta a Julieta Ferrão, de José Carlos dos Santos, operário da Fábrica já referido, com quem Julieta se aconselhava sobre peças de faiança ali produzidas (restauros, datas de fabrico, proprietários, etc.). Numa dessas cartas, datada de 4 de Setembro de 1928, José Carlos dos Santos escreve o seguinte: (...) *com respeito a vinda de V. Ex.^a as Caldas, pode vir quando lhe convier mais, queira dizer, em Setembro, ou Outubro (...)*⁷⁸, noutra, cinco dias depois, aconselha-lhe hotéis. Julieta Ferrão escreve várias cartas à mãe, Maria Leonor Ferrão, em Outubro, com a morada da Pensão hotel Morgado, nas Caldas. Numa delas, supomos que a última antes de regressar a Lisboa, diz o seguinte:

*10^h. acabei agora de arranjar as malas um saco, e um cesto..... com cacós!!! (...) vou agora à Fábrica Bordalo, e depois fazer as ultimas despedidas (...)*⁷⁹.

O seu espólio documental, guardado no MBP, permitiu-nos conhecer um pouco mais esta primeira directora (agora oficial) e perceber que partiu do legado de contactos e pistas sobre proveniência de peças rafaelinas importantes, do seu tio, bem como da ajuda importantíssima dos membros dos ADMRBP. Julieta Ferrão, manteve um contacto amigável com várias pessoas relacionadas com a cerâmica rafaelina e conseguiu no seu período que várias peças fossem doadas pelos seus proprietários ao Museu. Consciente das lacunas existentes na colecção, procurou completá-las com encomendas à Fábrica, de peças da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro a partir de modelos que ainda pudessem ser reproduzidos. Na análise das cartas enviadas à FFCR, notava-se a preocupação de Julieta Ferrão em ajudar na sua divulgação, afirmando que colocaria legendas que explicassem aos visitantes que as peças assinaladas ainda se podiam encomendar na Fábrica. Algumas dessas legendas em papel foram encontradas

⁷⁶ Não se encontraram registos no *Registo de Entradas M.R.B.P.*(1927-1945). Mas no relatório referido Julieta Ferrão diz que as peças se encontram, à data do relatório, restauradas, catalogadas e expostas.

⁷⁷ Na carta que envia informa sobre o seguinte: *Estive ha dois dias a vêr de novo a ceramica Bordalo no Instituto Superior do Comercio. Parece-me que tem coisas que estimaria vêr.* Ribeiro, Emanuel e Ferrão, Julieta, 31 de Jan. de 1930 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.7).

⁷⁸ (MRBP.ESP.DOC.JF. cx.1).

⁷⁹ 17 Out. de 1928, (MRBP.EP.DOC.JF.cx.2).

no espólio⁸⁰. Além disso, terá feito ofertas ao MBP, como é noticiado no ano de 1924: *Julieta Ferrão - ofereceu um bule muito curioso, trabalho de Rafael.*⁸¹

Vamos agora analisar as peças consideradas incorporações por sugestão de Julieta Ferrão à CML durante o seu período:

MRBP.CER.0160	MRBP.1CER.0065	MRBP.CER.0291	MRBP.CER.0369	MRBP.CER.0146	MRBP.CER.0549
					
1938	1939	1939	1944	1966	1966

Tabela 3 peças que foram incorporadas no MBP por compra e depósito da Câmara Municipal de Lisboa, durante o período de Julieta Ferrão.

Escultura de jardim, O grou e a raposa: esteve, bem como com outras peças de jardim da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, a ornamentar um dos vários jardins públicos de Lisboa. Foi reivindicada ainda durante o período de Cruz Magalhães, que publicou artigos em jornais comentado o total abandono dessas esculturas e afirmando que o melhor lugar para as conservar seria o MBP⁸². Num artigo, em 1928, refere-se a esta escultura: (...) [deve] *passar para o Museu o grupo "Raposa e o Grou" existente «quasi completamente interceptado à vista do publico, no jardim da Estrela» (...)*⁸³. Essa informação está registada na base de dados no campo *historial*. O que a nossa investigação acrescenta é que a peça foi transferida pela CML, proveniente da Estufa Fria, no Parque Eduardo VII⁸⁴. Visto que se trata de uma peça executada em série não nos é possível afirmar que não sejam dois exemplares distintos.

Mísula com castanheiro e Mísula com veado: sabemos agora o historial de proveniência completo destas duas peças incorporadas na mesma data. Foram encomendadas, pela CML, por sugestão de Julieta Ferrão, à Fábrica de Faianças das

⁸⁰ Ver Anexos I, Figura 4.

⁸¹ Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, *Diário de Notícias*: 15 de Dez. de 1923.

⁸² Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*: "Diário da Tarde": 9 Abr. de 1926.

⁸³ Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*: "Diário de Notícias": 15 Fev. de 1928.

⁸⁴ Julieta Ferrão, Relatório do ano 1938, enviado à 4ª Repartição - *Serviços Culturais e Turismo* da CML (MRBP.ESP.DOC.reserva). Ver Anexos II, Figura 11.

Caldas da Rainha⁸⁵. Compraram-se outras cerca de quarenta peças nessa ocasião, que não foram, no entanto, contempladas neste estudo e das quais não falaremos.

Busto da atriz Maria Visconti: sobre esta peça pouco podemos acrescentar, visto que toda a informação relativa ao historial está devidamente assinalada no Inventário do MBP. A peça pertenceu a Rafael Bordalo Pinheiro e depois da sua morte ficou a cargo do seu amigo Justino Guedes. Nas notas da sua agenda, Cruz Magalhães, refere uma ida a casa de Justino Guedes:

Justino Guedes ficou com o busto, como por assim dizer, fiel depositário dêle, pois que não podia oferecer por causa da viúva do grande caricaturista. Depois, foi-lhe chamando, naturalmente seu. Recusou-se sempre a deixa-lo figurar no "Museu"⁸⁶.

Na obra *Vultos de Ontem, Vultos de hoje*, Cruz Magalhães fala sobre este busto dizendo que, perante testemunhas, Justino Guedes prometeu que, após a sua morte, o busto ingressaria no *Museu Rafael Bordalo Pinheiro*⁸⁷. No entanto, o busto viria a ser incorporado apenas em 1944, mas vendido ao MBP, e não oferecido como vem referido num catálogo, de 2011⁸⁸. Laura Clarimundo Emílio, quem vende a peça, seria provavelmente uma das filhas de Justino Guedes.⁸⁹

Par de castiçais manuelinos: cuja proveniência era totalmente desconhecida (nenhuma informação encontrada no Inventário) até a realização deste estágio, foram comprados durante o período de Julieta Ferrão, desconhecendo-se o nome de quem os vendeu ao MBP⁹⁰. Devido a uma notícia da época que mencionava a execução de dois castiçais manuelinos para o jazigo dos Viscondes de Faro e Oliveira, pensou-se que poderiam ser estes os castiçais. No entanto, as datas neles inscritas não coincidem com a data sugerida na notícia⁹¹. Além disso, o jazigo dos viscondes foi abandonado na década

⁸⁵ A 16 de Novembro de 1939 comunica à 4ª Repartição - Serviços Culturais e Turismo: (...)tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que já foram recebidos neste Museu as peças de faiança da Fabrica de Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro, ld.ª das Caldas, (modêlos de Rafael Bordalo Pinheiro), que a Camara Municipal de Lisboa, encomendou na citada Fabrica. Em anexo apresenta também a lista das 43 peças recebidas. (MRBP.ESP.DOC.reserva). Ver Anexos II, Figuras 12 e 13.

⁸⁶ Cruz Magalhães, Notas da agenda pessoal, 38 (MRBP.ESP.DOC.3126.20).

⁸⁷ Cruz Magalhães, *Vultos de ontem, vultos de hoje (traços biográfico-anedóticos)* (Lisboa: Livraria Universal, 1928), 38.

⁸⁸ Pedro Bebiano Braga coord., *Rafael Bordalo Pinheiro, retratos em barro* (Câmara Municipal de Lisboa), 22.

⁸⁹ "Justino Guedes Roque Gameiro", Geneall, consultado em Janeiro de 2016, <http://geneall.net/pt/nome/574747/justino-guedes-roque-gameiro/>. Justino Guedes teve duas filhas: Laura Figueiredo Guedes (n. 1878), Celeste Guedes Figueiredo (n. 1882).

⁹⁰ *Anais do Município de Lisboa 1966* (Câmara Municipal de Lisboa, 1967), 154.

⁹¹ *O século: 2/11/1898*(Dossier 1: *Recortes de Imprensa*, MBP).

de oitenta e estes castiçais foram vendidos cerca de duas décadas antes. A mesma notícia a que nos referimos acima esclarece que, devido ao sucesso do modelo, foram feitas várias reproduções, o que nos leva a concluir, ainda que sem o podermos afirmar peremptoriamente, que estes não são os castiçais do jazigo. A observação das marcas dos castiçais sugerem mais incertezas: cada um apresenta uma data diferente: 1884 e 1904. O modelo poderá ser de 1884 e tratar-se de uma reprodução de 1904. Mantêm-se, por isso, as dúvidas em relação à sua proveniência.

Os Amigos-defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro (1920-1945)

Este grupo tinha como principais funções divulgar a obra de Rafael Bordalo Pinheiro (gráfica e cerâmica) por meio de publicação de estudos na imprensa⁹². Os membros tinham, como *condições imprescindíveis*, de favorecer o Museu com doações (*qualquer original, peça única, ou espécie importante, pouco vulgar ou curiosa, que não exista no Museu*⁹³).

As categorias de Amigos defensores eram as seguintes:

Amigos-defensores efectivos (não mais que onze); amigos-defensores agregados (candidatos a efectivos); amigos-defensores correspondentes (residentes fora da capital portuguesa, número ilimitado) e amigos-defensores honorários (por exemplo indivíduos que tenham favorecido o Museu com importante doação)⁹⁴. Foram sócios honorários, por exemplo, Columbano Bordalo Pinheiro, António José de Almeida (Presidente da República entre 1919-1923), e José Relvas⁹⁵.

Em seguida apresentamos as peças compradas através das verbas deste Grupo:

⁹² *Estatutos dos Amigos defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, aprovado a 23 de Janeiro de 1920, artigo 2.º, 1º.* (Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, *Estatutos e Notícias: 1920-1942*, 1946).

⁹³ *Estatutos dos Amigos defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, aprovado a 23 de Janeiro de 1920, artigo 8.º, alínea b.*

⁹⁴ *Reforma de estatutos em maio de 1921* (Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, *Estatutos e Notícias: 1920-1942*, 1946).

⁹⁵ Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, *Diário de Notícias*: 1 Nov. 1929.



Tabela 4 peças compradas pelos ADMRBP.

Jarro: sobre a primeira peça da Tabela 3, sabia-se pela consulta do Inventário do MBP que foi comprada com a verba dos ADMRBP. O que esta investigação pôde acrescentar foi apenas a data dessa incorporação - 1933⁹⁶. Permanece o desconhecimento sobre os anteriores proprietários.

Perfumadores: ao historial de proveniência das duas peças seguintes acrescenta-se apenas a ligação entre eles que não estava estabelecida até então. As duas partilham o mesmo historial visto que foram vendidas em conjunto. Apenas a primeira tinha historial de proveniência preenchido. Dados sobre anteriores proprietários não foram encontrados.

Apresentam-se agora, dois exemplos de peças doadas por sócios do Grupo:



Tabela 5 peças oferecidas por sócios dos ADMRBP.

Fruteira varina: não acrescentamos nada, o seu historial é conhecido e inserimo-la aqui para reforçar o papel importante dos ADMRBP. Sebastião Magalhães Lima⁹⁷ (Rio de Janeiro, 1850 - Lisboa, 1928) deixa em testamento uma quantia para a compra desta peça que pertencia a Helena Bordalo Pinheiro.

⁹⁶ *Anais das Bibliotecas e Arquivos e Museus Municipais de 1933*, nº12 (Câmara Municipal de Lisboa, 1934), 31.

⁹⁷ Magalhães Lima foi jornalista, escritor, advogado e político, fundador do Jornal *O Século*.

Fosforeira com macaco: A segunda peça terá pertencido a Licínio Perdigão⁹⁸, *Amigo-Defensor Correspondente* (residente no Porto), terá sido um contacto importante no levantamento de peças rafaelinas na sua área de residência.

Em seguida apresentamos as peças incorporadas por influência de Francisco Valença:

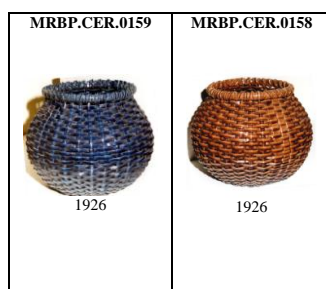


Tabela 6 peças que pertenceram a um familiar de Francisco Valença.

Vasos com encastrado: Estas duas peças pertenceram a familiares de Francisco Valença (Lisboa, 1882- Lisboa, 1963⁹⁹), membro activo dos ADMRBP, que doou inúmeras espécies (gráficas também). No caso das peças apresentadas acima, Francisco Valença funcionou como um intermediário tal como aconteceu no caso da peça comprada por Cruz Magalhães, já referido. Francisco Valença foi caricaturista e desenhador técnico do Museu Etnológico de Lisboa. O historial de proveniência destes dois vasos está agora completo por termos encontrado uma nota do próprio, datada de 1961¹⁰⁰. Foram depositados *por tempo indeterminado*¹⁰¹ em 1926 no MBP. As peças foram oferecidas por Tomás Bordalo Pinheiro, irmão de Rafael, a Carlos Correia da Silva. Foram depois herdadas por Manuel Ribeiro, sobrinho do primeiro e irmão da mulher de Francisco Valença. Francisco Valença desempenhou um importante papel na constituição deste núcleo do MBP e não só, quer por sugerir compras ou doações de peças quer por oferecer. Existem várias cartas deste para o Museu mencionando nomes de pessoas detentoras de peças bordalianas (mas não só cerâmicas). Oferece, por

⁹⁸ Morre com 28 anos, em 1934, segundo carta de Henrique Perdigão para Julieta Ferrão (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.10).

⁹⁹ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol.33, 880.

¹⁰⁰ 20 Jul. de 1961 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.13). Ver Anexos II, Figura 15.

¹⁰¹ Nota de Francisco Valença.(MRBP.ESP.DOC.JF.cx.6). Ver Anexos II, Figura 14.

exemplo, segundo notícia de 1926, *um rarissimo cinzeiro e um prato pequeno com mariscos; Fábrica Bordalo Pinheiro, Limitada das Caldas da rainha, vinte e quatro azulejos, formando quatro modelos*¹⁰². No espólio documental de Julieta Ferrão encontrámos mais cartas do caricaturista e destacamos uma, datada de 1960, em que se revela claramente abatido pela doença:

*Infelizmente já lá vai o tempo em que eu podia oferecer para o seu Museu trabalhos do Mestre Rafael (...) Assim, venho propor-lhe a aquisição, pela Câmara dos trabalhos bordalianos (...)*¹⁰³.

Na nota que anexa, refere vários desenhos e duas peças de cerâmica uma do início da carreira de ceramista de Rafael Bordalo Pinheiro das primeiras experiências, prato verde com figura de mulher, com chapéu, luvas até ao cotovelo e leque fechado na mão, em relevo, datado de Abril de 1884 e marcado Fábrica Gomes Avelar e um ensaio da sua irmã Maria Augusta Bordalo Pinheiro, datado dos mesmos mês e ano, prato com busto de criança que estão hoje no Museu¹⁰⁴.

A coleção da família de Rafael Bordalo Pinheiro

Os filhos:

Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro/Angélica Bordalo Pinheiro



Tabela 7 peças que pertenceram a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro.

Manuel Gustavo (Lisboa, 1867 - Lisboa, 1920) foi caricaturista e ceramista. Foi ele quem lutou pela conservação da Fábrica fundada pelo seu pai. Após a venda em hasta pública da FFCR, em 1907, conseguiu reaver os modelos de Rafael Bordalo Pinheiro e, em conjunto com os operários fiéis instalou a Fábrica noutra local nas

¹⁰² Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, *Diário de Notícias*:12 Jun. de 1926.

¹⁰³ 20 de Julho de 1960 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.13).

¹⁰⁴ Respectivamente os número de inventário: MRBP.CER.0003 e MRBP.CER.0569.

Caldas Rainha, em *San Rafael*, propriedade de Helena Bordalo Pinheiro¹⁰⁵. Foi a partir daí capaz de inovar e de se autonomizar da obra deixada pelo seu pai, nunca deixando de lado o legado cerâmico deste. Além disso era também colecionador de cerâmica, possuindo uma colecção que incluía peças de Manuel Mafra, Maria dos Cacos e do seu pai¹⁰⁶. A relação entre pai e filho é muito bem ilustrada pelo desenho de Manuel Gustavo (1903), para o *Albúm de Homenagens a Rafael Bordalo Pinheiro*, em que se autorretrata numa roda de oleiro, como se também tivesse sido moldado pelo pai, considerando-se no texto da legenda como a pior obra do artista¹⁰⁷. Angélica Bordalo Pinheiro¹⁰⁸, mulher de Manuel Gustavo, herdou as peças que estavam em posse deste. Numa carta emotiva enviada a Cruz Magalhães, pouco depois da morte do marido, Angélica confessa que apenas consegue oferecer a condecoração de Rafael Bordalo Pinheiro, conservada por Manuel Gustavo. Quanto ao resto afirma, na mesma carta: (...) *não me resolvo porenquanto a desfazer-me de cousa alguma*.¹⁰⁹ Mas já em 1921 há notícia de uma doação sua de (...) *dois pratos modelados pelo genial artista [Rafael Bordalo Pinheiro], ainda antes de existir a sua Fabrica (...)*¹¹⁰.

Maquete de Monumento a Victor Hugo: esta primeira peça foi doada em vida por Manuel Gustavo, até 1919, data em que é pela primeira vez mencionada no catálogo do Museu, com a indicação do nome do doador.

Estatuetas - Zé Povinho e Maria da Paciência: as duas estatuetas em barro pintado a óleo foram oferecidas, juntamente com outras peças que não fazem parte deste estudo, pela viúva de Manuel Gustavo, informação que não constava no Inventário do Museu¹¹¹. No ano em que Angélica Bordalo Pinheiro oferece estas duas figuras oferece mais três objectos de cerâmica - um moringue de faiança, *Margarida vai á fonte, terracota e Tricana*, também em terracota¹¹². Um recorte de jornal com uma notícia, datada de Outubro de 1932, refere-se a esta oferta ao MBP mas indica um facto curioso: as peças teriam sido adquiridas por Manuel Gustavo numa *feira de caridade* e teriam

¹⁰⁵ João B. Serra, "Arte e indústria na transição para o século XX: a fábrica dos Bordalo Pinheiro", *Análise Social*, vol. XXIV (100) (Lisboa, 1988), consultado em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223029641J0nUW2pz9Tk36WD1.pdf>.

¹⁰⁶ José Queiroz, *Cerâmica Portuguesa* (Lisboa: Typ. do Anuario Commercial, 1907), 157.

¹⁰⁷ Ver Anexos I, Figura 5.

¹⁰⁸ Não nos foi possível identificar as datas de nascimento e morte.

¹⁰⁹ (MRBP.ESP.DOC.1774).

¹¹⁰ Cruz Magalhães, *Álbun de Recortes de imprensa (1916-1930)*, *O século*: 19 de Mar. de 1921.

¹¹¹ Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais 1932, 1933, 42.

¹¹² Idem, *Ibidem*.

pertencido a D. Amélia de Orleans e D. Manuel de Bragança: (...) *Ultimamente têm sido feitas, ao museu, ofertas de trabalhos de Bordalo Pinheiro (...) outras peças de valor outrora pertencentes à Sr.ª D. Amelia de Orleans e ao Sr. D. Manuel de Bragança, agora cedidas pela D. Angélica Barreto Bordalo Pinheiro*¹¹³. Infelizmente, não sabemos ao certo se terão sido todas provenientes dessa colecção. As peças estiveram em casa de Angélica Bordalo Pinheiro, situada na Avenida da Liberdade (nº78, 3º andar)¹¹⁴.

Jarra de casamento: oferecida ao casal pelos operários da FFCR, a data de incorporação e o nome do proprietário eram desconhecidas embora se tenha confirmado a tese mais óbvia, foi doada pela viúva, em 1946¹¹⁵.

Helena Bordalo Pinheiro (Lisboa, 1873 - Lisboa, 1933) trocou várias cartas com Julieta Ferrão. Deste estudo, que abrange oitenta e sete peças, dezassete são provenientes da colecção de Helena Bordalo Pinheiro, sendo que nove foram deixadas em testamento ao Museu (deixa ao Museu cento e uma peças no total), duas que estariam na Fábrica de Faianças das Caldas na casa de *San Rafael* (Julieta Ferrão fez uma lista de peças que ali estavam por achar que também se destinavam ao MBP) e as restantes na sua casa de Lisboa, uma vendida - que foi enquadrada no subcapítulo referente a peças adquiridas pelos ADMRBP - e as restantes doadas.

















MRBP.CER.0736  1926	MRBP.CER.0391  até 1927	MRBP.CER.0001  até 1927	MRBP.CER.0614  ?	MRBP.CER.0071  1933	MRBP.CER.0099  1933	MRBP.CER.0297  1933	MRBP.CER.0343  1933
MRBP.CER.0344  1933	MRBP.CER.0352  1933	MRBP.CER.0367  1933	MRBP.CER.0905  1933	MRBP.CER.0380  1933	MRBP.CER.0497  1933	MRBP.CER.0720  1933	MRBP.CER.0752  1933

Tabela 8 peças que pertenceram a Helena Bordalo Pinheiro.

¹¹³ Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, *Estatutos e Notícias: 1920-1942*, 1946: *O século*, Out. de 1932.

¹¹⁴ *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais 1932* (Câmara Municipal de Lisboa, 1933), 42.

¹¹⁵ Relatório de actividades do MRBP, ano de 1946 (AML/AC).

Apito auto-caricatura de RBP: consta no Guia do Museu de 1927¹¹⁶ que foi oferecido por Helena Bordalo Pinheiro. Esta informação não estava registada no Inventário.

Sobre as restantes peças, pouco podemos acrescentar. As primeiras quatro foram oferecidas por Helena Bordalo Pinheiro embora não tenhamos encontrado registo das datas exactas, e as restantes foram deixadas em legado. O *cachepot* com vidro verde e a jarra cilíndrica com rã foram também deixados em testamento¹¹⁷, embora essa informação não esteja registada na base de dados.

Os irmãos, os sobrinhos:



Tabela 9 peças que pertenceram a familiares de Rafael Bordalo Pinheiro.

Prato pintado: foi dedicado ao irmão de Rafael Bordalo Pinheiro, Manuel, médico. O prato foi oferecido por este;

Busto em terracota do pai de RBP: foi entregue ao Museu pelos sobrinhos de RBP, por intermédio de Columbano Bordalo Pinheiro (informação registada no Inventário do Museu). O busto deverá ter sido incorporado no ano de 1926 (a data não estava registada no Inventário), Julieta Ferrão envia uma carta a Diniz Bordalo Pinheiro (Lisboa, 1892- ?, 1971) combinando a sua entrega¹¹⁸, existe também uma notícia de jornal que comprova a data de incorporação¹¹⁹.

Painel renascença: José Queiroz (1848-1920)¹²⁰, historiador de arte, decorador de interiores, amigo e admirador de Rafael Bordalo Pinheiro, encomendou este painel

¹¹⁶ N° 97, 38.

¹¹⁷ A maioria estava na sua casa em Lisboa, na Rua do Mundo, n° 33 - 3° (Actual Rua da Misericórdia).

¹¹⁸ Espólio Manuscrito de Julieta Ferrão (MRBP.ESP.DOC.JF).

¹¹⁹ Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, *Diário de Notícias*:15 de Out. de 1926.

¹²⁰ Cruz Magalhães manteve contacto com José Queiroz pedindo-lhe que doasse peças de Rafael Bordalo Pinheiro, que eventualmente possuísse. Este terá negado ter alguma peça de faiança. Cruz Magalhães nas suas notas afirma que terá sido organizado um leilão aquando da morte do historiador e que lá viu peças de Rafael Bordalo Pinheiro, tendo inclusivamente comprado uma peça de cerâmica para o MBP, que, infelizmente, não descreve. (MRBP.ESP.DOC.3126.12).

para ornamentar a casa de Michel Angelo Lambertini (Porto, 1852 - Lisboa, 1920¹²¹), na Avenida da Liberdade¹²². A peça foi mais tarde oferecida ao MBP, por Pedro Bordalo Pinheiro, sobrinho de Rafael, em 1927, como consta no Inventário. Os sobrinhos de Rafael Bordalo Pinheiro, foram representantes da viúva de Manuel Gustavo, por isso é provável que o painel estivesse nessa altura na posse desta. O painel é fotografado no atelier de Manuel Gustavo, situado na Rua António Maria Cardoso, ao Chiado, em 1906¹²³.

Medalhão com Varina: Esta peça foi oferecida pelo sobrinho de Rafael Bordalo Pinheiro, Vasco Lopes de Mendonça (1883-1963¹²⁴) (informação já registada na base de dados). Acrescentamos que a peça foi incorporada no ano de 1941¹²⁵.

Jarra com embutido: Esta peça, da autoria de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, foi também oferecida por Vasco Lopes de Mendonça, a data de incorporação será de 1953¹²⁶. Não temos a certeza de que se trate desta peça por não haver uma descrição mais completa, apenas *uma jarra de barro cozido com embutidos de barro de cores (Caldas da Rainha) da autoria de Manuel Gustavo*¹²⁷.

¹²¹ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Lisboa e Rio de Janeiro), vol.4, 604.

¹²² Anexo *Ilustração Portuguesa*, interior do Palácio.

¹²³ Ver Anexos I, Figura 6.

¹²⁴ Foi engenheiro técnico superior da CML. Dedicou-se também à ilustração, caricatura e cerâmica. Colaborou com a Fábrica Bordalo Pinheiro entre 1940 e 1950, fazendo várias estatuetas caricaturais. Informação retirada de "Memórias e Arquivos da Fábrica de Loiça de Sacavém" (blog), <http://mfls.blogs.sapo.pt/vasco-lobes-de-mendonca-350728>.

¹²⁵ Relatório de actividades do MRBP, ano de 1941 (AML/AC).

¹²⁶ *Anais do Município de Lisboa 1953* (Câmara Municipal de Lisboa, 1954), 139.

¹²⁷ Idem, *ibidem*.

Amigos de Rafael Bordalo Pinheiro














MRBP.CER.0445  até 1919	MRBP.CER.0157  1919	MRBP.CER.0279  1926	MRBP.CER.0444  até 1927	MRBP.CER.0368  1927	MRBP.CER.0452  1928	MRBP.CER.0252  1932
MRBP.CER.0151  1937	MRBP.CER.0431  1942	MRBP.CER.0142  1945	MRBP.CER.0139  1956	MRBP.CER.0163  1962	MRBP.CER.0137  1963	

Tabela 10 peças que pertenceram a amigos de Rafael Bordalo Pinheiro.

Na tabela acima apresentamos a lista das peças que pertenceram a amigos de Rafael Bordalo Pinheiro e que foram incorporadas no período cronológico definido.

Penico John Bull: esta peça foi oferecida por Rafael Bordalo Pinheiro a Frederico Augusto Ribeiro (ca. 1865-1925¹²⁸), marceneiro e construtor¹²⁹, que terá colaborado com Rafael Bordalo Pinheiro na aplicação de azulejos em mobiliário¹³⁰. A peça foi oferecida por Frederico Ribeiro ao Museu. Esta informação já constava no Inventário do Museu, não foi possível completá-la.

Vaso de jardim: a segunda peça, foi uma das primeiras incorporadas no MBP, ainda no período de Cruz Magalhães, e terá sido o próprio a contactar o herdeiro da

¹²⁸ Pedro Bebiano Braga, "Rafael Bordalo Pinheiro Leandro Braga Frederico Ribeiro", *Margens e Confluências*, 10 (2005), 31.

¹²⁹ Tivemos acesso a esta informação pelo sítio do Património Cultural, através de um pdf, em Maio de 2016, http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaarquivamento/er_5tabacaria.pdf.

¹³⁰ Tivemos acesso a esta informação pelo sítio do Património Cultural, através de um pdf, em Maio de 2016, http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaarquivamento/er_4tabacaria.pdf.

mesma, no Porto, e que a foi buscar, em 1919¹³¹. O seu primeiro proprietário foi o aguarelista oficial do Rei D. Carlos I, Enrique Casanova (Saragoça 1850 - Madrid 1913), a quem Rafael Bordalo Pinheiro ofereceu este e outro vaso. O MBP tem no seu arquivo a carta de agradecimento de Enrique Casanova a Rafael Bordalo Pinheiro, dizendo que irão ornamentar o jardim da sua casa, em Lisboa¹³². A peça foi oferecida ao Museu por Júlio Casanova, seu filho.

Jarra Jerónimo Silva: oferecida por Rafael Bordalo Pinheiro a Jerónimo Silva. Deixada em legado ao MBP, em 1926.

Moringue Gonzaga Gomes: Gonzaga Gomes¹³³ foi administrador de alguns jornais de Rafael Bordalo Pinheiro, também, durante um certo período, da Fábrica das Caldas e grande amigo de Rafael Bordalo Pinheiro. Esta peça foi oferta do artista. Foi oferecida ao Museu, por Gonzaga Gomes, informação que consta do inventário do MBP, sem data registada. Concluimos com a nossa investigação que a peça terá sido doada até 1922, visto que já aparece na Monografia do Museu, de 1922.

Perfumador Árabe: sobre esta peça nada conseguimos acrescentar. O seu historial de proveniência já estava muito completo. Foi oferecido por Rafael Bordalo Pinheiro ao Conselheiro Júlio de Vilhena (Ferreira do Alentejo, 1845 - Lisboa, 1928), que o ofereceu depois ao Museu. Existem no Museu vários documentos, nomeadamente cartas de Cruz Magalhães tentando convencer Júlio de Vilhena a oferecer a peça ao Museu.

Jarra Dr. Pitta: jarra oferecida a Dr. Manuel Nicolau Bettencourt Pitta (Terceira, Açores, 1815 - Lisboa, ?¹³⁴), médico de RBP. Não havia registo do seu destino depois de oferecida ao homenageado. Confirmámos neste caso que a peça não terá (em princípio) saído da posse dos seus herdeiros, tendo sido oferecida, em 1928¹³⁵,

¹³¹ Várias notícias em Cruz Magalhães, *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*.

¹³² 23 de Nov. de 1896 (MRBP.ESP.DOC.0550).

¹³³ Não nos foi possível averiguar as suas datas de nascimento e morte.

¹³⁴ Geni, consultado em Agosto, <https://www.geni.com/people/Manoel-Nicolau-de-Bettencourt-Pitta/6000000003162627047>.

¹³⁵ Pitta, Maria e Ferrão, Julieta, Bilhete Postal, 3 Dez. 1928 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.6). Ver Anexos II, Figura 16.

por Maria Pita da Cunha Pessoa (1856 - 1938¹³⁶), filha do médico. A peça encontrava-se na seguinte morada: Avenida da Liberdade - 69, 3^o¹³⁷.

Prato Mesa Posta: uma das peças mais emblemáticas da colecção do MBP, de excelente qualidade técnica e artística, foi reproduzida em número limitado. Conhece-se uma outra idêntica mas com fissura emendada com gato de ferro, exposta na Casa-Museu San Rafael, nas Caldas da Rainha, e sabemos que existe ou existiu pelo menos mais uma, na colecção de Gastão Penalva (colecção que foi dispersa por leilão nos anos quarenta), no Brasil, graças à correspondência que trocou com Julieta Ferrão¹³⁸. Este exemplar pertenceu a Adriano Júlio Coelho (Lisboa 1860 - Vidago 1931¹³⁹) comerciante e benemérito, amante de arte e detentor de uma vasta colecção¹⁴⁰. Foi amigo e admirador de Rafael Bordalo Pinheiro, sendo que este lhe dedicou uma outra peça, como veremos mais adiante. A peça foi oferecida ao MBP pelo filho do primeiro proprietário, Armando Coelho¹⁴¹, em 1932. O prato esteve, imediatamente antes da sua integração no MBP, exposto na parede de uma residência de que Júlio Coelho foi proprietário em Sintra¹⁴². A descrição da peça numa troca de correspondência, entre Armando Coelho e Julieta Ferrão, não consta mas o ofertante adverte para a necessidade de *três a quatro homens*¹⁴³ para a retirar da parede. Esta informação elimina qualquer hipótese de se tratar de um outro prato da colecção do MBP. Uma carta de Julieta Ferrão agradece a oferta e confirma a sua chegada ao Museu. Mais tarde, encontrou-se o documento que regista a entrada desta peça, precisamente em 1932 (oferecida por Armando Coelho), este sim, com uma descrição completa¹⁴⁴.

¹³⁶ Segundo registo no sitio *Geni*: <https://www.geni.com/people/Maria-do-Patroc%C3%ADnio-de-Barros-Pitta-da-Cunha-Pessoa/6000000003162384987>.

¹³⁷ Pita, Maria e Ferrão, Julieta, Bilhete Postal, 3 de Dez. de 1928 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.6).

¹³⁸ Penalva, Gastão e Ferrão, Julieta, 4 Jan. de 1929 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.11).

¹³⁹ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Lisboa e Rio de Janeiro), vol.7, 42.

¹⁴⁰ Essa colecção incluía obras de Alfredo Keil, de quem era amigo, ou antiguidades, nomeadamente painéis de azulejos alguns dos quais usava para ornamentar o jardim de uma propriedade em Lisboa, no Torel.

¹⁴¹ Coelho, Armando J. e Ferrão, Julieta, 23 de Ago. de 1932 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6). Na carta, Armando Coelho manifesta o seu receio de que os filhos ou os futuros netos acabassem por extraviar a peça por motivos fúteis e justifica assim o facto de colocar o prato à disposição do Museu. Ver Anexos II, Figuras 17 a 20.

¹⁴² *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Lisboa e Rio de Janeiro), vol.7, 42. Adriano Coelho ter-se-á apaixonado pela vila, aquando da necessidade de fazer um tratamento médico, ali tendo estabelecido residência¹⁴². Fundou, em 1920, a Sociedade de Turismo, à qual se deveu a construção do Casino de Sintra (edifício onde fica hoje o MU.SA - Museu das Artes de Sintra) e fez edificar o Bairro das Flores, no mesmo local.

¹⁴³ Coelho, Armando J. e Ferrão, Julieta, 23 de Ago. de 1932 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6).

¹⁴⁴ *Registo de Entradas M.R.B.P.*, 1927-1945. Ver Anexos II, Figura 21.

Candeeiro dedicado a Justino Guedes: Justino Guedes (Minde, concelho de Alcanena 1849 - Santos¹⁴⁵, Brasil 1924¹⁴⁶), grande amigo de Rafael Bordalo Pinheiro e administrador da FFCR. Não constava qualquer informação sobre a incorporação desta peça no MBP. Segundo informação recolhida no relatório de espécies entradas apresentado à CML, arquivado no Espólio de Julieta Ferrão, a peça terá sido oferecida pelos seus herdeiros, em 1937. No livro onde se registaram as Espécies entradas do Museu atribui-se a oferta à família Justino Guedes¹⁴⁷. Justino Guedes foi proprietário de uma outra peça já referida e segundo notas de Cruz Magalhães, tinha também (...) *varios paineis de azulejos, e algumas outras peças de ceramica.*¹⁴⁸

Borracha Taborda: dedicada ao actor Francisco Alves da Silva Taborda (Abrantes 1824- Lisboa 1909¹⁴⁹), figura numa fotografia das salas de cerâmica do arquivo do MBP. Essa fotografia (MRBP.FOT.0064) tem uma data aproximada estando assinalado apenas que será posterior às fotografias de 1927 (data de publicação do Guia do Museu), por apresentar uma montagem diferente. Foi encontrada no espólio de Julieta Ferrão, uma carta de *B. Mendes - Casa de Antiguidades*, situada na Rua de Sta. Marta, 49, Lisboa, que informa a directora do MBP do seguinte: *Têmos em n/casa uma peça assignada Rafael Bordalo que foi oferecida ao actor Taborda. Supômos sêr peça unica (...)*¹⁵⁰. Esta carta fez-nos acreditar, num primeiro instante, que se trataria da *Borracha Taborda* (hipótese que viria a ser confirmada) mas rapidamente surgiram outras hipóteses, duas outras peças de faiança, que não foram incluídas neste estudo, dois gomis com a seguinte inscrição: *Ao grande Taborda*¹⁵¹. Essas peças não são, no entanto, peças únicas. Procurando na base de dados do MBP não foi possível saber a data de incorporação destas outras peças. No entanto, mais tarde nesta investigação, conseguimos confirmar que a *Borracha Taborda* estava no início dos anos quarenta na referida casa de antiguidades, em Lisboa e que Julieta Ferrão terá tomado as devidas diligências para que se adquirisse. A data de incorporação e o nome da peça registados

¹⁴⁵ "Justino Guedes Roque Gameiro", Geneall, consultado em Janeiro de 2016, <http://geneall.net/pt/nome/574747/justino-guedes-roque-gameiro/>.

¹⁴⁶ João Madeira Martins, *Justino Guedes - Retalhos de uma vida* (Odivelas: Oficina Tipográfica Particular de João Madeira Martins, 1933).

¹⁴⁷ *Registo de Entradas M.R.B.P.*, 1927-1945.

¹⁴⁸ Cruz Magalhães, Notas da agenda pessoal, 39 (MRBP.ESP.DOC.3126).

¹⁴⁹ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (Lisboa e Rio de Janeiro), vol.30, 491-493.

¹⁵⁰ Mendes, B. e Ferrão, Julieta, Cartão Postal 20 de Mai. de 1942 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.5). Ver Anexos II, Figura 22.

¹⁵¹ MRBP.CER.0469 e MRBP.CER.0685.

no Livro de Espécies Entradas¹⁵² não deixam margem para dúvidas. Portanto, entre a data de morte do actor (1909) e 1942, não sabemos ao certo qual foi a história de *vida* desta peça cerâmica mas este é um caso em que a teoria mais óbvia não se concretizou, a peça não ficou na posse da família.

Candelabro renascentista: foi oferecido por Rafael Bordalo Pinheiro a José de Azevedo Castelo Branco (São Martinho, Vila Real de Trás-os-Montes, 1852 - Lisboa, 1923¹⁵³). No Espólio Documental de Julieta Ferrão encontramos uma carta de José Carlos dos Santos falando¹⁵⁴ desta peça e confirmando que teria sido oferecida a José de Azevedo Castelo Branco, não sabendo, em 1926 data da carta, onde se encontraria então. Já Cruz Magalhães tinha escrito sobre esta peça na sua agenda pessoal. A peça é comprada em 1945 a António Castelo Branco.

Placa com réplica da capela do buçaco: foi oferecida por Rafael Bordalo Pinheiro a Alfredo Peixoto de Vilas-Boas - Conde de Paçô Vieira (1860-1926). A peça é oferecida ao Museu, em 1956, pelos *Ex.^{mos} Srs. Condes de Paço Vieira*¹⁵⁵. A peça terá ficado então ao cuidado dos filhos do Conde até à sua doação: Fernando Coelho Vieira Peixoto (1897-1961) e Maria Emília Vieira Peixoto Vilas-Boas (1896-1970).

Moldura de relógio da livraria Gomes: peça encomendada pelo livreiro Manuel Gomes sobre a qual muitas dúvidas persistem. Manuel Gomes foi proprietário de uma livraria situada na Rua Garrett. Sabemos que se terá situado nessa rua no local onde, em 1903, foi inaugurada a Pastelaria Marques. A montra dessa livraria foi muitas vezes preenchida com os trabalhos de cerâmica de Rafael, como foi o caso da *Talha Manuelina*. Nas notas de Cruz Magalhães o mesmo refere que Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro afirmou que a peça, cerca de 1915, estaria num *chalet* no Estoril que pertencera ao livreiro, mas sob a posse de José de Figueiredo, (...) *empresário do Eden*¹⁵⁶. A peça é doada por Manuel Gomes, em 1962, segundo informação publicada nos Anais do Município¹⁵⁷. Permanecem dúvidas sobre a data de falecimento de Manuel Gomes, que julgamos ser anterior a esta data, e não encontramos quaisquer registos sobre os seus descendentes.

¹⁵² Ver Anexos II, Figura 23.

¹⁵³ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Lisboa e Rio de Janeiro), vol.6, 189.

¹⁵⁴ (MRBP.ESP.DOC.JF.cx5).

¹⁵⁵ Anais do Município de Lisboa, 1956, 156. E carta MRBP.ESP.DOC.JF.cx.12, 21 Dez. 1955.

¹⁵⁶ Agenda pessoal de Cruz Magalhães (MRBP.ESP.DOC.3126.15). Nota escrita entre 1915 e 1916.

¹⁵⁷ *Anais do Município de Lisboa 1962* (Câmara Municipal de Lisboa, 1963), 167.

Jarra *Barcarolla*: oferecida por Rafael Bordalo Pinheiro à pianista Elisa Baptista de Sousa (1876-1958), pouco se sabe sobre o seu percurso mas podemos acrescentar, com a nossa investigação, a data da sua entrada no MBP: 1963¹⁵⁸. Neste documento não se refere o nome do anterior proprietário, nem o tipo de incorporação.

Família Rosa

Por se tratar de um conjunto maior de peças com proveniências relacionadas, separamos estas peças oferecidas aos actores João Rosa (1843 - 1910) e Augusto Rosa (1852 - 1918), das restantes acima apresentadas. Rafael Bordalo Pinheiro era um grande admirador de teatro, tendo iniciado em jovem uma carreira nessa área. Mesmo não tendo singrado como actor, nunca se afastou completamente desse mundo. Foi amigo de vários actores, estando entre eles os irmãos Rosa.

MRBP.CER.0006	MRBP.CER.0005	MRBP.CER.0138	MRBP.CER.0345	MRBP.CER.0370	MRBP.CER.0371
					
1916-1918	1932	1932	1932	1932	1932

Tabela 11 peças que pertenceram à família de actores Rosa.

Prato dedicado a Augusto Rosa: o prato, na segunda imagem da tabela, já figura no Guia do Museu de 1927 por isso terá sido doado pelo actor entre 1916-1918. Não foi encontrado mais nenhum documento sobre a incorporação desta peça.

Os restantes objectos foram deixados em legado pela viúva de Augusto Rosa, Leonor Rosa, em 1932.

¹⁵⁸ *Anais do Município de Lisboa 1963* (Câmara Municipal de Lisboa, 1964), 150.

3.4.2. Peças incorporadas após 1969

Após a reforma de Julieta Ferrão, os Museus Municipais de Lisboa incluindo o MBP passam a ser dirigidos por Irisalva Moita (1924-2009)¹⁵⁹. As peças incorporadas neste período revelam que se manteve uma ligação ao trabalho começado pelos anteriores directores do MBP.

Compras CML



Tabela 12 peças incorporadas depois do período de 1969.

Cachepot com aplicação em metal: Esta peça (da autoria de Manuel Gustavo) foi comprada, em 1983, a Maria de Fátima Cabral P. Lobo Corte-Real, segundo registo do Inventário do MBP. Mais nada se pode encontrar na documentação sobre esta peça.

Gomil: encontrámos pistas que nos levam a crer que terá sido também uma peça oferecida por Rafael Bordalo Pinheiro a um membro do governo a quem pediu ajuda - João Franco (João Ferreira Pinto Castelo Branco)¹⁶⁰. Em nota, datada de 27 de Abril de 1895, Rafael Bordalo Pinheiro escreve: *Falei ao João Franco que me prometeu empenhar-se com o Banco de Portugal sobre a Fábrica (...)*¹⁶¹. João Franco (Fundão 1855 - 1929¹⁶²) era, entre 1893 e 1897, Ministro do Reino¹⁶³. Em carta escrita a José

¹⁵⁹ Museóloga e olisipógrafa, foi uma importantíssima figura do MBP, sobre a qual não falaremos tanto neste relatório porque as peças (do nosso estudo), incorporadas durante o seu período são realmente muito menos que aquelas que foram incorporadas em período anterior.

¹⁶⁰ enquanto Ministro do Reino (governo de Hintze Ribeiro) criou o *Juízo de Investigação Criminal*, chefiado pelo Juiz da Veiga, responsável pela censura de imprensa(tão fortemente criticado por Bordalo Pinheiro).

¹⁶¹ Agenda pessoal de Rafael Bordalo Pinheiro (MRBP.ESP.DOC.00195.2).

¹⁶² *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 11, 787-788.

Carlos dos Santos, a 2 de Abril de 1927, Julieta Ferrão pergunta o seguinte: *A peça oferecida ao João Franco é jarra ou é um candelabro?*¹⁶⁴ obtendo a seguinte resposta, em carta datada de 15 de Abril:

*A peça de João Franco é uma jarra, ou jarrão digo, em estilo Luis XV com figuras rocaile, e uns festões de flores, com altura de um metro pouco mais (...)*¹⁶⁵.

A peça é comprada a António Henrique Barbosa Pereira, em 1984¹⁶⁶.

Figura de Guerreiro Negro/ Floreira com laço e réstia de alhos: As duas peças foram adquiridas em 2004, na *Cabral Moncada Leilões*¹⁶⁷. Os catálogos¹⁶⁸ estão disponíveis em linha. Sobre a primeira, no catálogo encontrou-se o nome do anterior proprietário: Emanuel Araújo, artista brasileiro que foi director da Pinacoteca de São Paulo (entre 1992 e 2002). Entrámos em contacto com a leiloeira em Março. Foi-nos dito que a informação sobre anteriores proprietários é confidencial e que as pessoas não querem ser identificadas estando devidamente protegidas por lei. No entanto, sobre a floreira foi-nos prometido que a procurariam no depósito (em Loures) embora isso pudesse demorar algum tempo¹⁶⁹...

¹⁶³ Idem, Ibidem.

¹⁶⁴ (MRBP.ESP.DOC.JF:reserva). Ver Anexos II, Figuras 24 e 25.

¹⁶⁵ (MRBP.ESP.DOC.JF.cx5). Ver Anexos II, Figuras 26 e 27.

¹⁶⁶ Informação que consta no Inventário do MBP.

¹⁶⁷ Rua Miguel Lupi, 12 - D 1200-725 LISBOA PORTUGAL.

¹⁶⁸ Leilão nº64: "Pintura portuguesa, antiguidades, obras de arte e pratas", 19 de Abril de 2004, 1ª sessão, lote nº191: [http://www.cml.pt/cmleiloes.nsf/9c06d825ba3732b880256e6a00531ef1/\\$FILE/1sessaod.pdf](http://www.cml.pt/cmleiloes.nsf/9c06d825ba3732b880256e6a00531ef1/$FILE/1sessaod.pdf); Leilão nº66: Leilão nº 66: "Pintura portuguesa, antiguidades, obras de arte e pratas e jóias", 19 de Outubro de 2004, 5ª sessão, lote nº 1397: [http://www.cml.pt/cmleiloes.nsf/3d9ca5374589e0c780256f1900546e75/\\$FILE/5sessao1354a1400.pdf](http://www.cml.pt/cmleiloes.nsf/3d9ca5374589e0c780256f1900546e75/$FILE/5sessao1354a1400.pdf).

¹⁶⁹ Ligámos duas vezes, a segunda a pedido da pessoa com quem falámos no primeiro telefonema, e foi-nos dito que ainda não tinham informações. Como havíamos deixado o nosso *email* ficou acordado que aguardaríamos um contacto por parte da Leiloeira, contacto esse que não se verificou. A peça cujo anterior proprietário é divulgado no catálogo é de série limitada (esta é a terceira de apenas quatro peças conhecidas até à presente data sendo que a primeira e a segunda pertencem ao coleccionador Berardo). Numa pesquisa na internet sobre Emanuel Araújo encontrou-se o seu contacto de *Facebook* e deixámos-lhe uma mensagem. Também não obtivemos resposta.

Amigos de Rafael Bordalo Pinheiro



Tabela 13 peças que pertenceram a amigos de Rafael Bordalo Pinheiro, incorporadas depois de 1969.

Jarra Adriano Coelho: esta jarra foi oferecida por Rafael Bordalo Pinheiro a Adriano Júlio Coelho, colecionador de quem já falámos mais atrás neste capítulo (p.36), terá passado para o seu filho, Armando Fernandes Coelho (1880-1964), e depois para o seu neto José Manuel Pais do Amaral Coelho (1916-?), que acaba por oferecer a peça ao Museu em 1975. Pertenceram a Adriano Coelho duas peças de cerâmica, incluídas neste estudo, ambas de excelente qualidade. Uma pesquisa via *Google*, permitiu-nos relacionar José M. Pais do Amaral (nome registado na base de dados) a esta família. Pensamos que será o neto de Adriano Coelho por a peça ter sido doada (sinal de que haveria uma ligação tanto sentimental como cultural), e por a morada registada do doador estar associada à família Coelho. José M. Pais do Amaral, era, provavelmente neto de Adriano Coelho. Pesquisando sobre a morada do doador, Rua Júlio Andrade, nº 5, ao Campo de Santana encontrámos a relação com esta família. O número 5 foi residência de Armando Coelho, pelo menos entre o período das décadas de 60 e 70¹⁷⁰. Adriano Coelho foi proprietário dos Palacete *Virtvs*¹⁷¹, o nº 5 dessa Rua, durante período indeterminado¹⁷². Terá adquirido também os números 2 a 4 dessa rua, que estariam sob regime de aluguer desde 1913 até à década de 60 do século passado, os números 6 e 11, que pelo menos até 2011 seriam ainda habitados por um descendente da família Coelho. Ao pesquisar pelo nome do donatário desta peça, encontramos um

¹⁷⁰ "Colecção Adriano Júlio Coelho, Lisboa" Biblioteca Digitale: Azulejaria e Cerâmica On Line, Gulbenkian, consultado em Maio, <http://digitale.gulbenkian.pt/cdm/ref/collection/jmss/id/6605>.

¹⁷¹ "Virtvs - História", Casa da comida, Eventos & Catering, consultado em Maio de 2016, <http://casadacomida.pt/palacete-virtvs/>. Ver fachada do Palacete Virtvus em Anexos I, Figura 7.

¹⁷² "Palacete na Rua Júlio Andrade, nº 2 a 4", SIPA, consultado em Maio de 2016, http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7295.

nome mais completo, José Manuel de Sá Pais do Amaral Coelho (nasce em 1916¹⁷³). Apesar de na base de dados não se ter registado o sobrenome que liga estas três gerações estamos convencidos de que se trata de um caso em que a peça ficou sempre com a família do destinatário até à incorporação no Museu.

Tinteiro Conselheiro Tomaz Nunes: O catálogo¹⁷⁴ da peça comprada no Palácio do Correio Velho em 1991 não foi encontrado em linha, pelo que decidimos entrar em contacto com a leiloeira. Deslocámo-nos à Leiloeira do Palácio do Correio Velho em busca de alguma informação sobre o tinteiro mas nada nos foi adiantado por se tratar de informação confidencial. Foi-nos dito que o anterior proprietário era um particular.

3.5. Proveniência desconhecida

Finalmente, apresentamos as peças sobre as quais foi impossível obter qualquer tipo de informação sobre a proveniência, incluindo o tipo de incorporação ou ainda algumas peças sobre as quais temos apenas algumas pistas, mas pouco fundamentadas e que carecem de confirmação.

Adónis lutando contra javali, Manuel Mafra



Tabela 14 peça da autoria de Manuel Mafra incorporada ainda no período de Julieta Ferrão.

Apesar de termos avançado com alguns dados sobre a proveniência desta peça, que era totalmente inexistente na base de dados do MBP, não nos é possível obter dados conclusivos. A peça foi incorporada ainda durante o período de Julieta Ferrão - sabemos que esta valorizou a incorporação de peças de fabrico anterior à chegada de

¹⁷³ "José Manuel de Sá Pais do Amaral Coelho", Geneall, consultado em Janeiro de 2016, <http://geneall.net/pt/nome/51048/jose-manuel-de-sa-pais-do-amaral-coelho/>.

¹⁷⁴ Palácio do Correio Velho 15, 16, 17 de Maio de 1991(nº229).

Rafael Bordalo Pinheiro às Caldas da Rainha¹⁷⁵. Esta escultura cerâmica foi oferecida por Amélia Costa em 1965¹⁷⁶.

Cristina Ramos e Horta, com tese de doutoramento sobre a faiança das Caldas da Rainha e com vários artigos e outras publicações sobre Manuel Mafra, identifica o primeiro modelo executado pelo ceramista e que este enviou para uma Exposição no Brasil, referindo as características da composição e as cores da escultura cerâmica. Identifica depois um outro modelo em cerâmica que deriva do primeiro, ao qual são acrescentados um tronco de árvore com três ramos por de trás das figuras que torna a peça num centro de mesa ou floreira. Identificou dois exemplares do primeiro modelo e dois exemplares do segundo. Dos quatro, apenas um é atribuído pela autora ao artista. Os dois de composição semelhante ao primeiro modelo executado por Manuel Mafra, não têm marca, algo, que segundo a autora, não lhe é característico, porque é o primeiro ceramista português a assinar todas as suas peças. A descrição do catálogo da exposição do Brasil é, segundo Cristina Horta, a seguinte: *A peça é vidrada a policromia, nos tons verde, amarelo, castanho, manganês*¹⁷⁷. A peça do MBP, cuja existência a autora deve desconhecer, pode ser o original que Manuel Mafra enviou para o Brasil, pela descrição das cores e da composição.

Amigos - peças dedicadas sobre as quais não se conseguiu averiguar mais detalhes



Tabela 15 peças que pertenceram a amigos de Rafael Bordalo Pinheiro.

Acerca das duas peças da Tabela 15, hesitámos sobre a sua colocação nesta secção por serem peças dedicadas e cujos proprietários (pelo menos os primeiros) são conhecidos. Mas, apesar disso, pouco ou nada podemos acrescentar sobre elas depois de terminada a investigação levada a cabo neste estágio. Não sabemos o seu ano de

¹⁷⁵ Relatório de 1931 (AML/AC).

¹⁷⁶ Anais do Município de Lisboa 1965 (Câmara Municipal de Lisboa, 1966), 133.

¹⁷⁷ O elemento químico Manganês pode apresentar, quando adicionado à pasta do vidrado, uma tonalidade entre o castanho e o roxo, dependendo do ambiente do vidrado (mais alcalino - tom roxo).

incorporação no Museu, o tipo de incorporação, o que faz com que não as possamos inserir em nenhuma das épocas definidas para as outras secções.

Jarra dedicada a D. Ana Ferreira: acrescentamos apenas que a primeira peça desta tabela foi comprada, segundo consta no antigo Livro de Inventário utilizado até aos anos 90 do século passado¹⁷⁸.



Tabela 16 Mísula com Perú.

Mísula com Perú: sobre esta mísula a informação encontrada não foi suficientemente esclarecedora, o que nos leva a inseri-la neste grupo de proveniência desconhecida. Encontrámos no Espólio Documental de Julieta Ferrão cartas sobre esta peça (ou peça semelhante), nomeadamente uma de Emanuel Ribeiro (ADMRBP correspondente), afirmando ter visto uma peça com estas características no Porto e nunca ter visto modelo semelhante no Museu. Essa carta não tem data mas a folha em que é escrita tem um carimbo que nos permite datá-la: *Exposição histórica do vinho do Porto* (1931). Mas esta peça vem já referida no Guia do Museu publicado em 1927 o que nos deixa com muitas dúvidas às quais não conseguimos ainda responder.

¹⁷⁸ Livro de Inventário MBP, (1939-anos 90).













MRBP.CER.0127  ?	MRBP.CER.0144  ?	MRBP.CER.0194  ?	MRBP.CER.0237  ?	MRBP.CER.0261  ?	MRBP.CER.0296  ?
MRBP.CER.0283  ?	MRBP.CER.0393  1916-1921	MRBP.CER.0427  ?	MRBP.CER.0580  ?	MRBP.CER.0768  ?	MRBP.CER.0882  Até 1919

Tabela 17 conjunto de peças com proveniência desconhecida.

Este último grupo de peças corresponde ao das incluídas neste estudo sobre o qual menos se conhecia sobre a proveniência e que assim se manteve. A **Jarra Amachucada**, aparece pela primeira vez no catálogo da exposição organizada por Irisalva Moita, em 1985. Sobre o **Tinteiro com cabeças de Zé Povinho e Maria da Paciência** sabemos apenas que existem dois no MBP e que este terá sido o primeiro a ser incorporado, entre 1916-1921. Sabemos que o **Busto de Jovem Negra** já existia no Museu em 1919, por ser descrito no Catálogo publicado nesse ano. Sobre as restantes pouco se sabe, apenas data de fabrico e autor à excepção da máscara-floreira (penúltima imagem desta tabela) cuja data de fabrico ou autor se manteve completamente desconhecido (a peça foi observada na Reserva e não apresentava quaisquer marcas ou inscrições).

Conclusão

Quem são os colecionadores que dão origem à colecção de cerâmica do MBP?

Este estudo permitiu-nos reforçar a tese de que a obra cerâmica presente no MBP tem uma dimensão extremamente sentimental. De facto, a maioria deste quase décimo de colecção foi entregue ao Museu por familiares e amigos de Rafael Bordalo Pinheiro. São esses os primeiros colecionadores, incondicionais, que dão origem à colecção do MBP e, apesar de não podermos tirar conclusões gerais, acreditamos que serão responsáveis pela doação do maior número de peças. Com esta investigação foi possível constatar que o fundador do Museu, Cruz Magalhães, é também um colecionador significativo da cerâmica bordaliana. Contrariamente ao que uma primeira leitura sobre a origem do MBP poderia dar a entender, fica demonstrado que este entusiasta do artista não terá renegado esta vertente da sua obra. Desde a fundação era já possuidor de um número significativo de peças de cerâmica, que repartia pelas salas atafalhadas dos primeiros anos do Museu, e não parou de as adquirir e de oferecê-las ao Museu, já depois da sua doação à CML. A nossa tese é que Cruz Magalhães terá entendido, nos primeiros anos de vida do Museu, que não haveria espaço para a apresentação de uma colecção completa, na acepção pura do termo, e por achar mais pertinente que a Fábrica, ainda em funcionamento, se dedicasse a um Museu que ao mesmo tempo poderia promover as suas vendas (num modelo próximo dos museus Industriais e Comerciais dos finais do século XIX¹⁷⁹). Julieta Ferrão é também grande responsável pela existência de uma colecção tão especial e significativa da cerâmica de

¹⁷⁹ Em Portugal, estes museus nascem numa fase de grandes mudanças - sociais, económicas, políticas e culturais - e por influência do pensamento de países como a Inglaterra. Estas mudanças reflectem-se numa nova forma de encarar os museus, começando estes a incluir novas práticas (conservação, registo e classificação de colecções) e reconhecendo cada vez mais o seu papel educativo. Estes museus serviam também como complemento ao ensino industrial (que surge na segunda metade do século XIX em Portugal). Joaquim de Vasconcelos, historiador e crítico de arte, museólogo, foi conservador e director do Museu Industrial e Comercial do Porto (1886-1899) e influenciou em muito o conceito destes museus com o seu desejo de ver aumentar o conhecimento da população em geral e do artista em particular (que se expande gradualmente a todo o tipo de museus). Em Diário do Governo nº 103, de 7 de Maio de 1884 estabelecia-se sobre o mesmo museu o seguinte: *O museu com entrada livre, poderia ser visitado diariamente, devendo exhibir exposições de carácter permanente dispondo a maior informação possível junto a cada objecto - preço, fabricante, origem ou qualquer outro esclarecimento (...)*. Carlos Loureiro, "O Museu Industrial e Comercial do Porto (1883-1899)" *Colecções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil* (2005): 194, consultado em Fevereiro de 2016, <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id021id1300&sum=sim>.

Rafael Bordalo Pinheiro, procurando sempre completá-la. Julieta Ferrão foi educada pelo tio e padrinho, para ser a continuadora da obra que ele iniciara não apenas em termos materiais mas também em termos afectivos: este estudo constatou que todo o trabalho desenvolvido por Julieta Ferrão foi, não apenas profissionalmente eficaz, mas também apaixonado. Assim, foi ela a responsável pelos primeiros estudos da obra cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro, que são hoje ainda referência, e talvez responsável pelo período de maior crescimento da colecção. Do mesmo modo, as investigações e o restante trabalho de Julieta Ferrão foram desenvolvidos em estreito contacto com a família de Bordalo Pinheiro, com a fábrica (responsáveis e trabalhadores) e com os ADMRBP, o que lhe permitiu aceder a informações riquíssimas sobre o artista e a obra. Os ADMRBP, eram por sua vez, membros destacados e influentes da sociedade daquela época, que dispunham também eles de contactos importantes para o MBP. Pelo nosso estudo podemos afirmar que o MBP sempre cumpriu as orientações e desejos dos seus fundadores. Por exemplo, Irisalva Moita, conseguiu também peças de que já Cruz Magalhães falava.

A colecção de cerâmica como reflexo do gosto de uma época

Rafael Bordalo Pinheiro, procedente de uma família da média burguesia, foi admirado pela aristocracia culta da sua época. Influenciou o gosto do seu tempo e distribuiu a sua obra cerâmica por várias casas. Pelo seu temperamento, amável e extrovertido, fazia amigos facilmente e em todo o lado. Dedicou peças de cerâmica aos amigos, actores, jornalistas, escritores, colegas, clientes, etc. As várias referências que encontramos em textos de destacados cronistas são exemplo do que acabamos de dizer. Fialho de Almeida fez visitas à Fábrica e escreveu sobre ela e sobre algumas peças que lá viu; Ramalho Ortigão escreveu a sua biografia; José Queiroz, historiador de arte e decorador, dedica parte de um capítulo da sua obra *Cerâmica Portuguesa*, em 1907, ao artista (e refere já alguns coleccionadores da sua obra, nomeadamente o filho).

A admiração que despertava era tal que ultrapassava as animosidades políticas entre os governos monárquicos de então e o seu espírito republicano. Nem mesmo os políticos eram indiferentes ao seu talento, tendo também sido coleccionadores das suas peças:

(...)como ficou demonstrado quando da homenagem nacional que lhe foi prestada em 1903 por iniciativa da Associação de Jornalistas Portugueses. Nela todos os nomes ilustres da sociedade contemporânea quiseram marcar lugar, contando-se entre os que acorreram a homenageá-lo muitas das figuras políticas e outras que o seu lápis impiedoso não havia poupado. Admirado e rendido perante uma homenagem tão espontânea e sincera, desabafou comovido e meio envergonhado: "Mas, afinal, eles são todos meus amigos..."¹⁸⁰

Neste sentido, chama-se a atenção para os seguintes casos, já desenvolvidos no corpo deste trabalho: o Rei D. Carlos I¹⁸¹, tantas vezes objecto de crítica, comprou a *Talha Manuelina* e D. Amélia e o filho, D. Manuel (pp. 28 e 37), também teriam algumas peças importantes do artista; João Franco, ministro autoritário e adepto da concentração do poder monárquico, a quem Rafael Bordalo Pinheiro ofereceu um gomil (p.47).

Ou seja, Rafael Bordalo Pinheiro gozava de um reconhecimento público tão alargado que se tornava difícil, mesmo àqueles que eram alvo da sua crítica mordaz, não reconhecerem o seu valor artístico. No MBP encontramos patente o reflexo disso.

Contributos desta investigação

Não cabe, no âmbito deste trabalho, fazer uma abordagem das problemáticas relacionadas com comunicação em museus, mas, como temos consciência de que a última finalidade dos Museus é chegar ao público, e uma vez que acreditamos na potencialidade desta investigação, queremos reflectir um pouco sobre a sua utilidade no que diz respeito à comunicação. Estamos conscientes da existência de diferentes tipos de público, ou seja, que os visitantes dos museus não são uma massa uniforme, pois as pessoas procuram diferentes níveis de informação. Por outro lado, é também reconhecido que ainda muitas pessoas evitam os museus devido quer ao conteúdo, quer sobretudo à forma dessa informação: linguagem hermética, com demasiados conceitos técnicos sem as devidas definições, comparações com outros artistas que nem todo o público conhecerá e o levará conseqüentemente a desinteressar-se. Esses conteúdos são

¹⁸⁰ Irisalva Moita, *Rafael Bordalo Pinheiro na sociedade do seu tempo* (s.d.). Consultámos este texto em Agosto de 2016, http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/caricatura/bordalo_pinheiro/moita.html.

¹⁸¹ D. Carlos usufruiu de uma educação rica que o tornou sensível à arte, tendo-se dedicado à técnica da aquarela, certamente influenciado pelo seu avô D. Fernando de Saxe Coburgo - coleccionador de arte e artista que experimentou ,entre outras, a vertente da cerâmica.

importantes e necessários, mas nada impede que sejam descodificados, acrescentando-se também outro tipo de elementos, nomeadamente, dados sobre a proveniência das colecções. De qualquer modo, seja qual for a opção, o essencial é ir ao encontro das pessoas, abordando-as de igual para igual. Maria Vlachou¹⁸² defende que, chegar a pessoas que estão em diferentes níveis de conhecimento, não deve implicar o *emburrecimento*¹⁸³ mas sim respeito livre de paternalismos. É fundamental fornecer legendas com diferentes graus de informação em que o visitante decide até onde quer ler, garantindo-se sempre um grau mínimo que permita rapidamente contextualizar a peça. É urgente explorar novas formas de comunicação, atrair mais pessoas aos museus, caso contrário, estes poderão manter-se em funcionamento, mas apenas para um nicho de pessoas, para os investigadores, não sendo necessária a sua abertura habitual ao público.

O V&A, que referimos no primeiro capítulo do presente relatório, é exemplar no que diz respeito tanto aos estudos de proveniência, como na comunicação e divulgação da investigação ao público. A sua equipa procura respeitar e colocar-se no papel do visitante. Sobre os textos de exposição elaboraram um guia com dez pontos que para nós é digno de ser mencionado, no sentido em que nos ajudou a reflectir sobre as questões que aqui colocámos. Os dez pontos são os seguintes¹⁸⁴:

1. Escrever para um público específico; 2. Restringir-se a uma hierarquia e número de palavras estabelecidos; 3. Organizar a informação; 4. Relacionar o texto com o objecto; 5. Admitir a incerteza; 6. Transpor para o texto o elemento humano; 7. Remeter para o contexto do objecto; 8. Escrever como se fala; 9. Construir o texto de forma cuidada; 10. Ter em conta as regras de Orwell¹⁸⁵.

¹⁸² nasceu na Grécia, em 1970, é licenciada em Arqueologia e tem mestrado em Museologia, feito em Inglaterra. Tem vindo a desenvolver vários trabalhos sobre comunicação e o acesso em museus, em Portugal, dados retirados de https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/tag/victoria-albert-museum?lang=de_DE

¹⁸³ Maria Vlachou, "Acesso intelectual e não uma saída fácil", *Musing on culture* (blog), 20 de Setembro de 2015, consultado em, <http://musingonculture-pt.blogspot.pt/2015/09/acesso-intelectual-e-nao-uma-saida-facil.html#more>.

¹⁸⁴ 1. [Tradução livre] 1. *Write for your audience*; 2. *Stick to the text hierarchy and word count*; 3. *Organize your information*; 4. *Engage with the object*; 5. *Admit uncertainty*; 6. *Bring in the human element*; 7. *Sketch in the background*; 8. *Write as you would speak*; 9. *Construct your text with care*; 10. *Remember Orwell's Six Rules*.

¹⁸⁵ George Orwell (1903-1950), pseudónimo de Eric Arthur Blair, escritor, jornalista e ensaísta inglês, escreveu *Politics and the English Language*, em 1946. Também escreveu o *Triunfo dos Porcos*.

Destes dez salientamos aqui os pontos 5º e 6º, por resumirem muito do espírito subjacente a esta investigação: os resultados de uma investigação não se traduzem sempre em certezas absolutas e isso deve ser assumido de forma transparente perante o público; o 6º ponto é fundamental, as pessoas revêm-se noutras pessoas e, visto que os objectos de museu estão descontextualizados, a junção de excertos de documentos de época relacionados com eles pode ser uma forma de lhes devolver algum contexto¹⁸⁶. Foi o que procurámos fazer neste trabalho, sobretudo visível nas fichas onde resumimos a informação recolhida. Ao lermos uma carta sobre a oferta de uma peça ao MBP estamos a identificar-nos com a pessoa que a escreveu e com as lembranças que esta lhe associou. Os sentimentos associados aos objectos da família e dos amigos de Rafael Bordalo Pinheiro estavam ainda à flor da pele, e os fundadores do Museu tiveram o privilégio de os registar tendo privado com eles. Os fundadores, por sua vez, eram também pessoas muito carismáticas e dedicadas. Os textos da agenda de Cruz Magalhães, por exemplo, são divertidos e revelam a sociedade ainda ligada a Bordalo Pinheiro. Estas mais-valias poderão servir, seguramente, para ajudar a aproximar mais o público do MBP, futuramente.

¹⁸⁶ Atente-se na transcrição de um excerto do 6º ponto: *We know from the Getty and other research that people connect with people. This presents a problem in museums, where objects have been divorced from people. But there are ways we can reconnect people with objects. The first, and most obvious, is to include real individuals or to use quotations and humour(...)*, in V&A, *Ten point guide to writing gallery text at V&A* (2013), 22. Consultámos a versão em pdf, em Julho de 2016, http://www.vam.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0009/238077/Gallery-Text-at-the-V-and-A-Ten-Point-Guide-Aug-2013.pdf.

Bibliografia

Braga, Pedro Bebiano coord. *Rafael Bordalo Pinheiro - retratos em barro*. Lisboa: Museu Bordalo Pinheiro, 2011.

Braga, Pedro Bebiano. "Rafael Bordalo Pinheiro Leandro Braga Frederico Ribeiro e o mobiliário oitocentista com azulejos". *Margens e Confluências* 10 (2005): 26-35.

Carvalho, Anabela e Ana Cristina Leite dir. *Guia Museu Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Câmara Municipal, 2005.

Ferrão, Julieta. *Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Imprensa Municipal, 1927.

Ferrão, Julieta. *Rafael Bordalo Pinheiro e a Faiança das Caldas*. Gaia: Edições Pátria, 1933.

Figueiredo, Maria Rosa. João Carvalho Dias. Rita Sousa Macedo coord. *Portugal 1900*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Fillus, Cláudio e Oliveira, Gilberto Hanib coord. *Rafael Bordalo Pinheiro: O português tal e qual: da caricatura à cerâmica: O grupo do Leão e o naturalismo português*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996.

Flescher, Sharon. "A Brief Guide to Provenance Research" in *The Legal Guide for Museum Professionals*. Editado por Julia Courtney, 55-72. United States of America: Rowan and Littlefield, 2015.

França, José Augusto. "Bordalo e o Zé Povinho" in *Rafael Bordalo Pinheiro o português tal e qual*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa e Rio de Janeiro.

Horta, Cristina Ramos e. "A Cerâmica de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro Inovação e Continuidade", in *Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1867-1920): obra cerâmica e gráfica*, comiss. Horta, Cristina Ramos e, Caldas da Rainha: Museu de Cerâmica. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004. Consultado em: https://www.academia.edu/1485866/Manuel_Gustavo_Bordalo_Pinheiro_1867-1920_obra_cer%C3%A2mica_e_gr%C3%A1fica_comiss._Cristina_Ramos_e_Horta_Raquel_Henriques_da_Silva..._et_al._._1o_ed._Caldas_da_Rainha_Museu_de_Cer%C3%A2mica_cop._2004._ISBN_972-776-084-8._Local_Cota_Colec%C3%A7%C3%A3o

Magalhães Lima, Sebastião e Artur Cruz Magalhães. *Rafael Bordalo Pinheiro: moralizador político e social. O Museu Bordalo Pinheiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

Cruz Magalhães, Artur. *Catálogo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Tipografia Universal, 1919.

Cruz Magalhães, Artur. *Vultos de Ontem. Vultos de Hoje (traços biográfico-anedóticos)*. Lisboa: Livraria Universal, 1928.

Cruz Magalhães, Artur. *Rafael Bordalo Pinheiro. O Museu. Um Apêlo Malogrado, ante-catálogo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Tipografia Universal, 1916.

Leandro, Sandra. "Desenhar Julieta Ferrão (1899-1974): a primeira directora de um museu em Portugal" in *Faces de Eva* (31). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; Colibri, 2014.

Loureiro, Carlos. "O Museu Industrial e Comercial do Porto (1883-1899)" *Colecções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando*

Bragança Gil (2005): 186-201. Consultado em Fevereiro de 2016, <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id021id1300&sum=sim>

Malraux, André. "O Museu Imaginário" in *As Vozes do Silêncio*, vol. 1. Traduzido por José Júlio Andrade Santos, 9-124. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

Malta, Marize. "Jarra Beethoven e a incrível história de uma imagem-problema". *ArtCultura* v. 12, nº 20 (2010): 135-50. Consultado em Novembro de 2016, <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr20.php>

Martins, João Madeira. *Justino Guedes - Retalhos de uma vida*. Odivelas: Oficina Tipográfica Particular de João Madeira Martins, 1933.

Moita, Irisalva. *Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro: Exposição no Palácio Galveias*. Lisboa: Câmara Municipal, 1985.

Museu Calouste Gulbenkian. *Wentworth-Fitzwilliam - Uma colecção Inglesa* (folheto). Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

Pamuk, Orhan. *O Museu da Inocência*. Traduzido por Miguel Romeira. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

Pinho, Elsa Garrett e Inês da Cunha Freitas. *Normas Gerais de Inventário*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000. Consultado em Outubro de 2015, <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/NormasInventario.aspx>

Queiroz, José. *Cerâmica Portuguesa*. Lisboa: Typ. do Anuario Commercial, 1907.

Reynolds, Lisa. *An Art Provenance Research Guide For The Researcher and librarian: A List Of Resources*. School of Information and Library Science, University of North Carolina at Chapel Hill, 2008.

Disponível em: <http://sils.unc.edu/research/publications/masters-papers>.

Serra, João B. "Arte e indústria na transição para o século XX: a fábrica dos Bordalo Pinheiro". *Análise Social* vol. XXIV (1988): 275-311. Consultado em Janeiro de 2016, <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223029641J0nUW2pz9Tk36WD1.pdf>

Villata, Edoardo. *Leonardo da Vinci*. Traduzido por Timothy Stroud. Milan: 5 Continents Editions srl., 2005.

Yeide, Nancy H., Konstantin Akinsha e Amy L. Walsh. 2001. *The AAM Guide to Provenance Research*. Washington, DC: American Association of Museums.

Dissertações de Mestrado e Teses de Doutoramento

Belo, Cristina Antunes. "A musealização do Palácio Nacional de Mafra". (Dissertação de Mestrado em Museologia, Instituto Universitário de Lisboa, 2010). Consultada em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3855>;

Horta, Cristina Ramos. "Manuel Mafra (1831-1905) e as origens da Cerâmica Artística". (Tese de Doutoramento em História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014). Consultado em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/11311>

Rocha, Ema Ramalheira. "O Estágio. Curso de Conservadores de Museu no Museu Nacional de Arte Antiga - o papel educativo do MNAA na museologia portuguesa." (Dissertação de Mestrado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013). Consultado em: <https://run.unl.pt/handle/10362/10841>

Teixeira, Margarida da Palma Graça. "A génese do Museu Rafael Bordalo Pinheiro (1913-1924): Cruz Magalhães, o Coleccionador Bordaliano. Um Museu na Primeira República." (Dissertação de Mestrado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016).

Fontes Manuscritas

Espólio Documental do Museu Bordalo Pinheiro

Cartas e notas de Rafael Bordalo Pinheiro:

MRBP.ESP.DOC.00195.2

MRBP.ESP.DOC.402

MRBP.ESP.DOC.0550

Notas e correspondência de Cruz Magalhães:

MRBP.ESP.DOC.1537

MRBP.ESP.DOC.1912

MRBP.ESP.DOC.2063.2

MRBP.ESP.DOC.2063

MRBP.ESP.DOC.2010

MRBP.ESP.DOC.2350

MRBP.ESP.DOC.3126

Fotografias:

MRBP.FOT.0064

MRBP.FOT.0511

MRBP.FOT.0235

MRBP.FOT.1324

MRBP.FOT.1471

MRBP.FOT.1492

Documentação pessoal de Julieta Ferrão:

MRBP.ESP.DOC.JF.cx.1 - cx-25.

Registo de Entradas M.R.B.P., 1927-1945.

Livro de Inventário de 1939

Apendice do Inventario do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, espécies entradas no Museu entre 30/6/1933 e 31/12/1936.

Registo de Entradas, 1927-1936.

Livro de actas das reuniões dos AMDMRBP (23/1/1920-4/2/1932)

Magalhães, Artur Ernesto de Santa Cruz. *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*

Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, *Estatutos e Notícias: 1920-1942*, 1946.

Dossier 1: *Recortes de Imprensa*.

Acta de leitura de testamento de Helena Bordalo Pinheiro, 1933.

Acta de leitura de testamento de Leonor Rosa, 1932.

Espólio Documental - Arquivo Municipal de Lisboa (Arco do Cego)

DSCC relatórios.

Ofício nº2/56.

Relatório da actividade MRBP, 1946 (ofício nº11/46).

DSCC relatórios, relatório de 1941.

Webgrafia

MoMA. "Provenance Research Project". Consultado em Janeiro de 2016, <http://www.moma.org/collection/provenance/>

LACMA. "The Importance of Provenance". Consultado em Janeiro de 2016, <http://collections.lacma.org/node/1209489>

Fundação Calouste Gulbenkian. "Biblioteca Digitale: Azulejaria e cerâmica on line", consultado em Maio de 2016, <http://digitale.gulbenkian.pt/cdm/ref/collection/jmss/id/6605>

IFAR -International Foundation for Art Research. "Provenance Guide" Consultado em Junho de 2016, https://www.ifar.org/provenance_guide.php

SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. "Palacete na Rua Júlio Andrade, nº 2 a 4" Consultado em Maio de 2016, http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7295

Casa da comida, Eventos & Catering. "Palace Virtvs - História" Consultado em Maio de 2016, <http://casadacomida.pt/palacete-virtvs/>

Victoria and Albert Museum:

"Donors and Collectors". Consultado em Maio de 2016 <http://www.vam.ac.uk/page/d/donors-and-collectors/>

"George Salting". Consultado em Maio de 2016, <http://www.vam.ac.uk/content/articles/g/george-salting/>

"Charles Drury Edward Fortnum". Consultado em Maio de 2016, <http://www.vam.ac.uk/content/articles/c/charles-drury-edward-fortnum-1820-1899/>

Publicações periódicas da Câmara Municipal de Lisboa:

Anais das Bibliotecas e Arquivos e Museus Municipais. Lisboa: CML, 1931-1936.

Anais do Município de Lisboa. Lisboa: CML, 1939-1958.

Revista Municipal de Lisboa, 1ª série. Lisboa: CML, 1939-1973.

Revista Municipal de Lisboa, 2ª série. Lisboa: CML, 1979-1988.

Outras publicações periódicas:

"Um artista", *Ilustração Portuguesa*, nº 260, 13 Fevereiro 1911, 217-223. Consultado em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1911/N260/N260_item1/index.html

"Habitações Artísticas - A Habitação do Sr. Miguel Angelo Lambertini" in *Ilustração Portuguesa*, 2ª Série, nº16, 11 de Junho de 1906.

"Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro", in *Tiro e Sport*, 15 de Junho de 1906.

Anexos I

EARTHENWARE AND STONEWARE, EUROPEAN—cont.
(PALISSY WARE)—cont.

- 476
- DISH. Enamelled earthenware, Palissy ware, elliptic; strap-work ornament surrounding pools. *French*. 16th cent. 12 in. by 9 in. Bought (Soulages Collⁿ), 5l. 7175.-'60. C ✓
- DISH. Enamelled earthenware, Palissy ware, elliptic; with strap-work ornament surrounding five pools. *French*. 16th cent. 10½ in. by 8½ in. Bought (Soulages Collⁿ), 15l. 7176.-'60. C ✓
- EWER. Enamelled earthenware, Palissy ware; dark blue ground, with masks, cartouches, and scroll foliage in various colours. The handle of scroll form, decorated with a nude female figure in high relief holding a cornucopia. *French*. 16th cent. H. 10½ in., W. 8½ in. Bought (Soulages Collⁿ), 200l. 7178.-'60. C ✓
- PLATEAU. Enamelled earthenware, Palissy ware; the subject known as "la belle Jardinière." In the centre a figure of Flora; at her feet are various gardening implements; the border is decorated with an embossed arabesque design. Reverse, variegated enamels. By Bernard Palissy himself. *French*. 16th cent. 13½ in. by 10½ in. Bought (Soulages Collⁿ), 15l. 7179.-'60. C ✓
- TAZZA. Enamelled earthenware, Palissy ware, elliptic; subject, the Baptism of our Saviour. Reverse, ground in variegated enamels. *French*. 16th cent. 12½ in. by 10½ in. Bought (Soulages Collⁿ), 5l. 7171.-'60. C ✓
- TAZZA PLATE. Enamelled earthenware, Palissy ware; subject, Perseus and Andromeda; in the foreground, numerous figures witnessing the destruction of the monster. *French*. 16th cent. Diam. 9½ in. Bought (Soulages Collⁿ), 5l. 7173.-'60. C ✓
- (ROUEN)
- VASE. Old Rouen earthenware; two-handled, white, with scriptural subjects and foliated ornament in blue. *French*. About 1700. H. 2 ft. 9 in., diam. 17 in. Bought, 17l. 10s. 7001.-'60. C ✓
- VASE. Old Rouen earthenware; two-handled, white, with scriptural subjects and foliated ornament in blue. *French*. About 1700. H. 2 ft. 9 in., diam. 17 in. Bought, 17l. 10s. 7002.-'60. C ✓
- EARTHENWARE AND STONEWARE, ORIENTAL.
- (CHINESE)
- DISH. Chinese stoneware, crimson mottled with purple. Diam. 10½ in. Bought, 13s. 6870.-'60. C ✓
- (PERSIAN)
- BOWL. Enamelled earthenware, painted inside and out with a floriated design in blue. Ancient Persian. H. 9½ in., diam. 1 ft. 6 in. Bought, 4l. 7409.-'60. C ✓

Figura 1 Lista de objectos comprados pelo V&A no ano de 1860, o jarro a que nos referimos no texto aparece em terceiro lugar, nesta lista. Consultado em Maio de 2016, <http://collections.vam.ac.uk/item/O77705/ewer-palissy-bernard/>.

Guido Reni foi um dos pintores bolonheses mais admirados do século XVII, e conheceu uma reputação genuinamente internacional. Esta obra de juventude representa a Virgem a coser rodeada de anjos. A seu lado encontra-se um cesto com uma tesoura. Juntamente com a pintura com a qual terá constituído um par; *A Virgem e o Menino com São João Batista em Criança* (Museu do Louvre, Paris), esta obra foi executada para o cardeal Camillo Borghese (1552-1621), que se viria a tornar, em 1605, o papa Paulo V. Depois da morte deste, as obras foram oferecidas pelo seu sobrinho ao cardeal Ludovico Ludovisi, em 1622, chegando mais tarde a França, onde surgem referidas, em 1685, na coleção do rei Luís XIV. Este tema intimista é relativamente raro e, segundo relatos apócrifos, a Virgem teria servido no templo de Jerusalém antes de se casar, estando então incumbida da tarefa de bordar panejamentos de cerimónia, facto que explica a sua aparência muito jovem.

.....
GUIDO RENI (1575-1642)
A Virgem a Coser com Três Anjos
Bolonha, 1606
Óleo sobre cobre

.....
46

.....
GUIDO RENI (1575-1642)
The Virgin Sewing, with Three Angels
Bologna, 1606
Oil on copper

Figura 2 Exemplo de legenda, Exposição Wentworth-Fitzwilliam - Uma colecção Inglesa.



Figura 3 Fotografia da Talha Manuelina na sala H do Museu de Mafra em 1911 (reprodução em postal de cerca de 1930), retirada de: Belo 2010, 97.

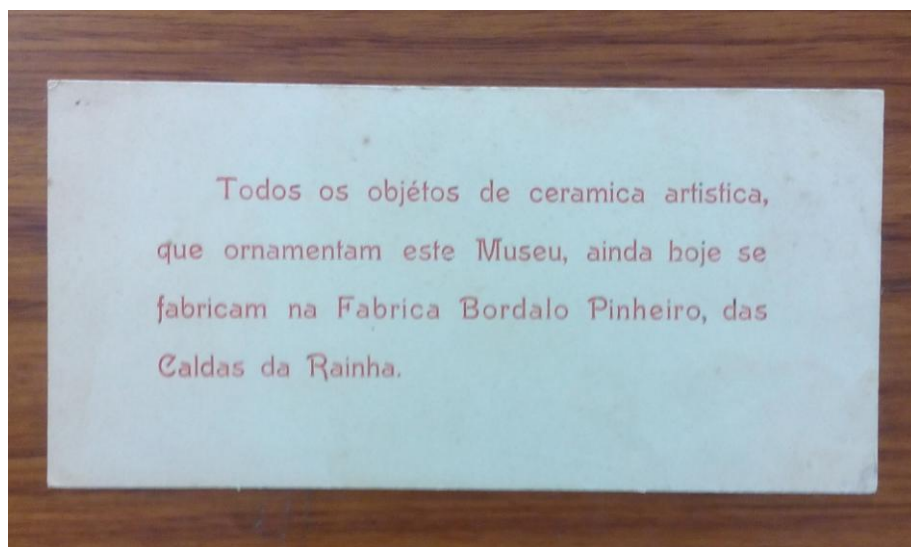


Figura 4 Exemplo de legenda existente, em data indeterminada, nas salas de Cerâmica do MBP, MRBP.ESP.DOC.JF.cx.25.



Figura 5 *A sua peor obra*, 1903, desenho para o Álbum de Homenagem a Rafael Bordalo Pinheiro.



Figura 6 Atelier de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Ao fundo, à esquerda, na parede pode ver-se o painel renascença feito para o Palácio Lambertini. Fotografia publicada no periódico *Tiro e Sport*, 15 de Junho de 1906.



Figura 7 Fachada do Palacete Virtvs. Consultado em "Vitvs - História", Casa da comida, Eventos & Catering, consultado em Maio de 2016, <http://casadacomida.pt/palacete-virtvs/>.

Anexos II
Espólio Documental MRBP

ASA FUNDADA EM 1882

TELEFONE N-2816

CASA LIQUIDADORA

ANTIGO BAZAR CATOLICO

Proprietaria e gerente :

MARIA GUILHERMINA DE JESUS

NUMISMATICA, ANTIQUARIA, AGENCIA DE LEILÕES, MOVEIS E ESTOFOS

LISBOA — AVENIDA DA LIBERDADE, 93, 95, 97, 99, 107, 109, 111 e 113

Travessa do Salitre, 58 a 106

Lisboa, de

20 de Fevereiro de 1945

O Ex.^{mo} Sr.

Cons. Magalhães

Comprou

Importancia do sinal Esc.

<i>93</i>	<i>Busto = Eça de Queiroz.</i>	<i>25,00</i>
	<i>Com</i>	<i>2500</i>
		<i>247500</i>

Figura 8 Guia de Remessa, Busto de Eça de Queiroz MRBP.ESP.DOC.reserva.

Em 5 de Abril.
 Cruz Magalhães:
 1 prato, formato pequeno, com pedestal.

Em 23 de Abril.
 Cruz Magalhães:
 As peças de fazenda,
 Plato grande com bordadura de flores
 Plato médio com pipas
 Plato médio com cachos d'uras
 Plato pequeno com pedestal
 Suspensão Girassol
 Carrapicho grande
 Plato grande com suco de
 suspensão pequena com mariscos
 2 Cachos d'uras
 Plato grande com cesta de tomates, lego-
 ta, bacalhau, alhos e couve.
 Bando (jarras) com bico de pimenta.

Em 23 de Abril
 Emilia Teixeira Bastos:
 Jarras grande com colpa (sublema de
 sciencia)
 Jarras grande com monopodia

Em 28 de Abril.
 Cruz Magalhães
 Plato médio com hesperas

Em 13 de Maio.

Figura 9 Lista de cerâmica oferecida por Cruz Magalhães ao MBP em 23 de Abril de 1928. A penúltima peça corresponde a MRBP.CER.0241. *Registo de Entradas M.R.B.P., 1927-1945.*

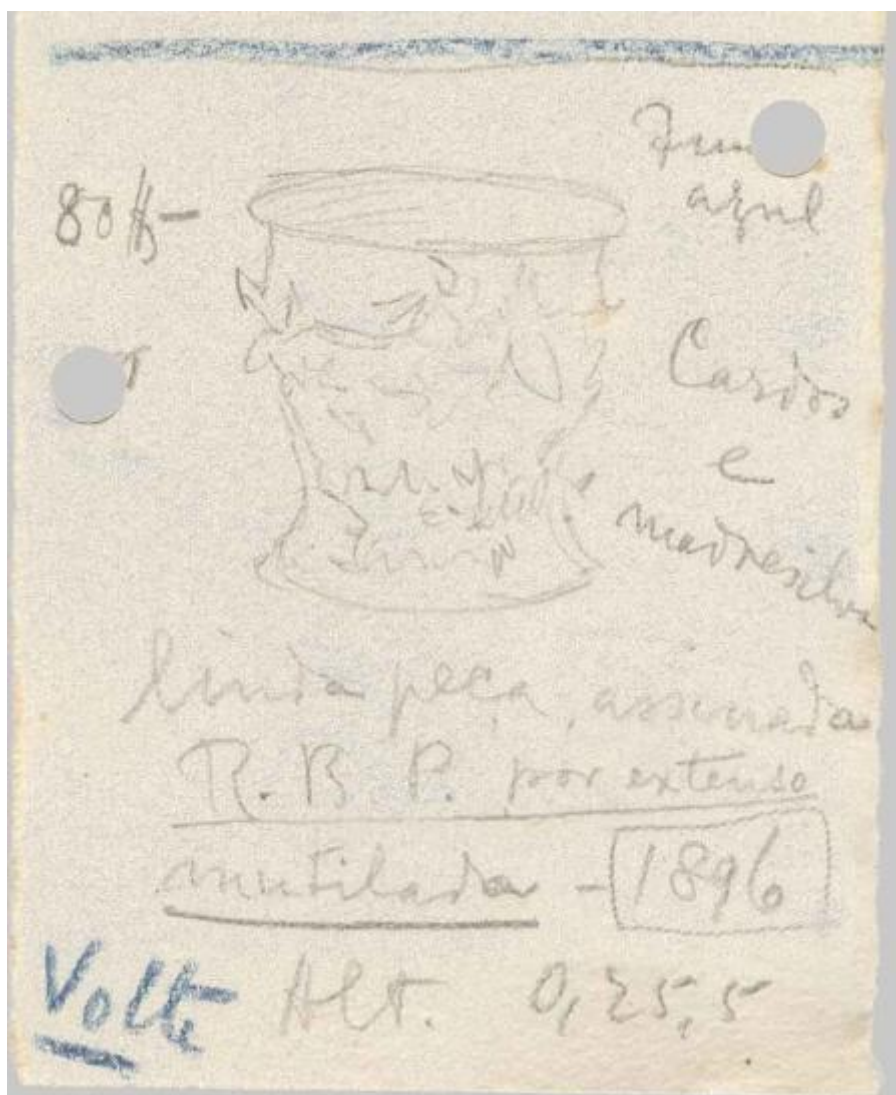


Figura 10 Desenho de *potiche* anexado na carta de Francisco Valença dirigida a Cruz Magalhães. MRBP.ESP.DOC.2010.

de citar na res-
fício e processo.

-as mercedes (Mapa III), supondo que a Exm^a Camara Municipal á se-
melhança de que tem feito em anos anteriores desejará agradecer
em sessão pública a esses deadores e comunicar directamente os
seus agradecimentos.

Julgo dever ficar registado a entrada neste Museu da
grande peça de faiança pelicromada "A Raposa e o Grou", enviada
pela Repartição Municipal de Arborização Parques e Jardins, que
a tinha exposta na Estufa Fria de Parque Eduardo VII, assim como a
aquisição da Bilha de Fantasia, tipo antigo das Caldas, faiança pe-
licromada, fabrico de 1890 assinada e datada por Rafael Berdalo Pi-
nheiro, aquisição esta, feita por essa Mui Digna Repartição.

Ha a lamentar e desacate feito a este Museu no dia 28 de
Abril com o desaparecimento da peça de faiança, exposta na Sala de
Ceramica sob o Nº373 do Catálogo, "Fesfereira Ceira com macaco", que
me leva novamente e respeitosaente a chamar a atenção de V.Ex^a
para a manifesta insuficiencia de pessoal para guarda deste Museu,
o qual está reduzido a dois serventes, estando portanto as colleções
de Museu assim sujeitas a roubos e a desacates.

Para os devidos effeitos apraz-me comunicar a V.Ex^a e meu
agrade pelo serviço dos serventes do Museu, José Alves e José Fran-
cisco Almeida que tem exercido as funções que lhes compete com

Industriais de C. M. L. - 891 - 50.000 ex.

Figura 11 Anterior localização do grupo *Raposa e o Grou*, Julieta Ferrão, Relatório do ano 1938, enviado à 4^a Repartição - Serviços Culturais e Turismo da CML (MRBP.ESP.DOC.reserva).

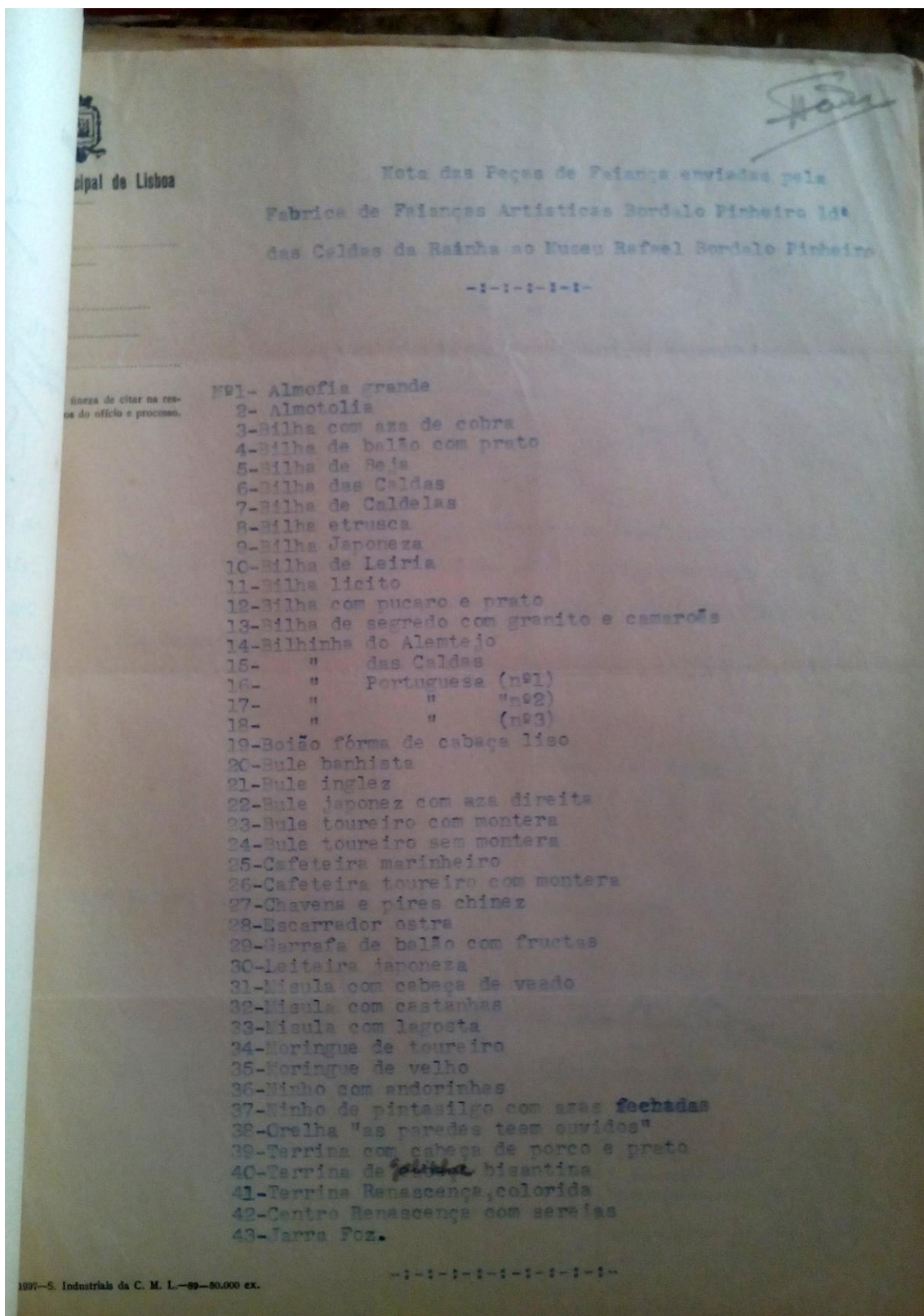


Figura 12 Nota das Peças de Faiança enviadas pela Fábrica de Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro Lda das Caldas da Rainha ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Números 31 e 32. (MRBP.ESP.DOC.reserva).



Municipal de Lisboa

*Visto e Repetido
Ante os*

Excepcionalissimo Senhor
Chefe da 4ª Repartição
-Serviços Culturales -

72/39.

a fim de citar na res
ros do offico e processor

*16
15/11*

Para os devidos efeitos tenho a honra de comunicar
a V.Exª que já foram recebidos neste Museu as peças de faiança
da Fabrica de Faianças Artisticas Bordalo Pinheiro, 16ª das
Caldas da Rainha, (modêlos de Rafael Bordalo Pinheiro), que a
Camara Municipal de Lisboa, encomendou na citada Fabrica.
Junto envio a nota discriminada das 43 peças recebidas.

A Bem da Nação.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro, 16 de Novembro de 1939.

A Conservadora de 1ª.

Julieta Ferrão

(Julieta Ferrão)

Câmara Municipal de Lisboa
S.º de Cultura - Serviço de Museus
RECEBIDO
15 NOV 1939

Figura 13 Comunicado de Julieta Ferrão que confirma a entrada das duas mísulas no MBP. (MRBP.ESP.DOC.reserva).

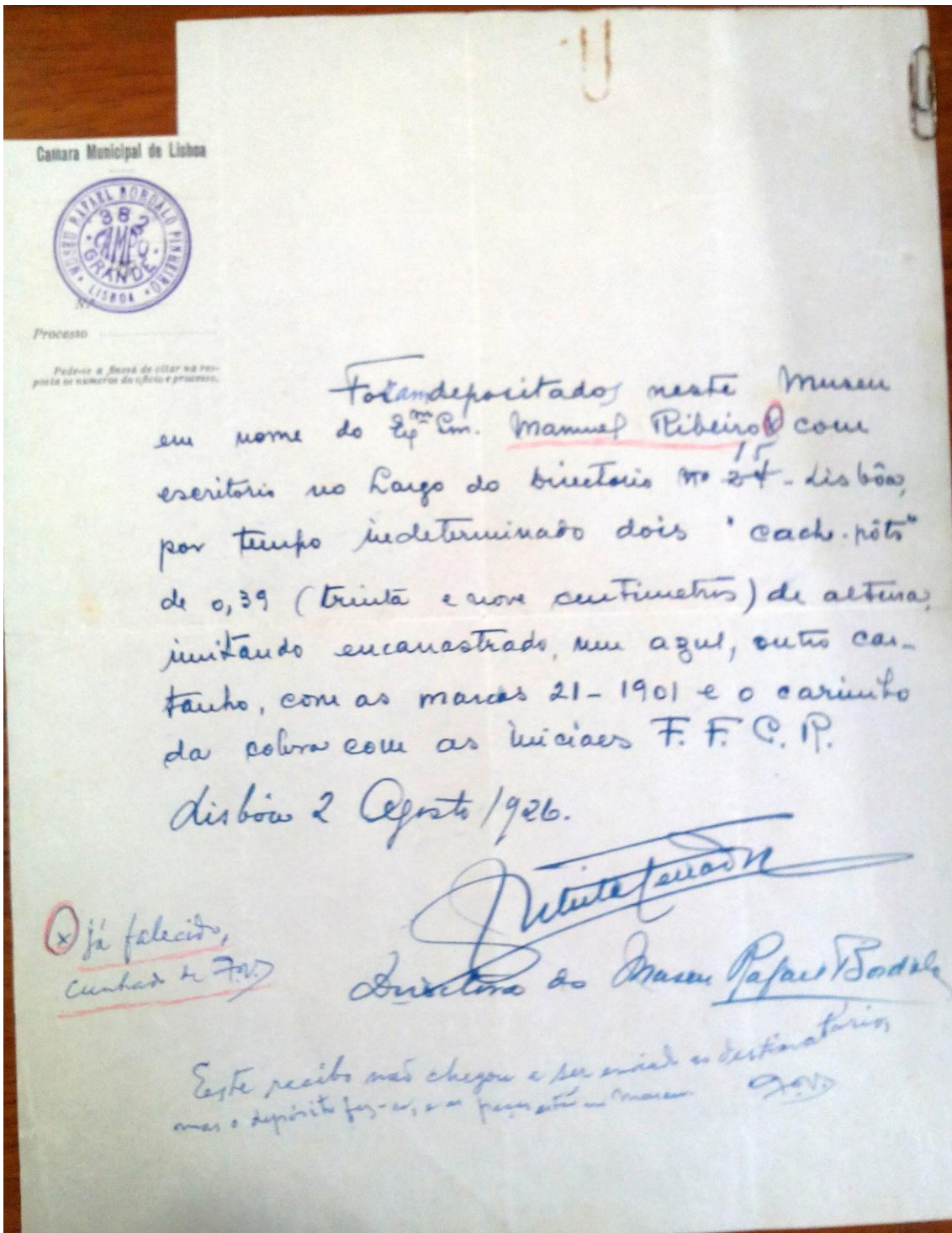


Figura 14 Comprovativo da incorporação a título de depósito dos dois vasos que pertenceram a Manuel Ribeiro (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.6).

Os 2 cache-pots haviam
sido oferecidos por Tomás
Bordalo Pinheiro ao falecido
Carlos Correia de Silva,
Largo do Directorio, No 15,
tio de Manuel Ribeiro
(que dele os herdara)
e da mulher de F. Valença.

Dez. 1961

F.V.

Figura 15 Nota de Francisco Valença com historial de proveniência dos dois vasos que pertenceram a Manuel Ribeiro (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.13).

Linha 3-12-28 Epua Lira
Desfando enriquecer o Museu
Bordalo Pinheiro com uma jarra
memoranda que o glorioso artista
offerreu a meu pae o fallecido Dr. Pitta
rogo a V^a queira mandal-a buscar
a estuenda da Liberdade - 69-3^o
Cadastr^o att^o e rec^o
M^o Maria Pitta da Cunha Pessoa



Figura 16 Bilhete Postal referente à oferta da Jarra dedicada ao Dr. Pitta (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6).

Armando Fernandes Coelho
Rua Augusta, 89, 1.^o
Telefone 2 6150
Lisboa

23 Agosto 1932

Ex^{ma} Sra D. Julieta Ferrão
da minha maior Consideração

Soube por minha mulher
que V. Ex^{ma} esteve hontem em
Linha e que foi de proposito
à minha casa para vêr um
prato enorme que ali tenho
feito por Boudalo Pinheiro.

Tratamento bastante, naquele
momento, não estar em
casa não só para receber
V. Ex^{ma}, como tambem para

Figura 17 Carta de Armando Coelho relativa à oferta do Prato Mesa Posta (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6).

Fatura, mas
 ainda há hon-
 rarijiam ezi-
 até divina hei-
 de m' familia
 o maior cetro, o
 rago porque
 a esta casa a
 Com toda a em-
 reção e estima
 dutores de Y. S.
 Apto Pa, Hgo
 ando J. Coelho

He comunicar que era
 intereas minha desde há
 muito sempre oferecer aquela
 obra prima ao Museu
 Bordalo Pinheiro. Meu Pae
 foi amigo pessoal do grande
 Mestre e justamente por esse
 motivo e pelo receio que tenho
 que os meus filhos ou os
 meus netos futuros se des-

Figura 18 Carta de Armando Coelho relativa à oferta do Prato Mesa Posta, continuação
 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6).

•
• Saçau d'ele fu qualques mo-
livo futil. Está pois o prato
à disposição do Museu Rafael
Bordalo Pinheiro, de que V. Ex^a
é muito digna Directora, poden-
do mandalo buscar a Lisboa
quando V. Ex^a quizer.
• É conveniente que quando
ali mandar a camionette
e que seguramente levará
palha cobertôres e mais o
que fôr preciso para acondi-

Figura 19 Carta de Armando Coelho relativa à oferta do Prato Mesa Posta, continuação (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6).

ligação feita com
esta firma, mas
como ainda há pou-
co conduziram coi-
sas d'arte d'uma pes-
soa de m/familia
com o maior devêlo,
eis a razão porque
lembro esta coisa a
V. Ex^a Com toda a con-
sideração e estima
me subcrevo de V. Ex^a
Mto Affo rã e Hgo
Armando F. Coelho

The comunciar que era
infernação minha desde há

Figura 20 Carta de Armando Coelho relativa à oferta do Prato Mesa Posta, continuação (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6).

Castiço Justino Guedes:
Candelabro de madeira poli-
cromada com decoração
em relevo constituída es-
pecialmente por viras,
meandros e buzios, formado
por três peças que reunidas
têm as dimensões aproxi-
madas de um metro no
sentido vertical e 0,90 no
sentido horizontal.
Na peça mais inferior lê-
se em volta a seguinte
inscrição — "A Justino Gue-
des - Bordallo Pinheiro Cal-
das da Rainha 1898" —
As três peças que cons-
tituem o candelabro ap-
resentam todas fendas de
seco, a peça superior
tem o pé de um dos
meandros partidos, e na peça
inferior há alguns traços
de fractura que abrangem
todas as figuras e a
principal decoração.

Março = Maria Portugal

Figura 21 Doação do candeeiro Justino Guedes no *Registo de Entradas M.R.B.P.*, 1927-1945 (MRBP.ESP.DOC.reserva).

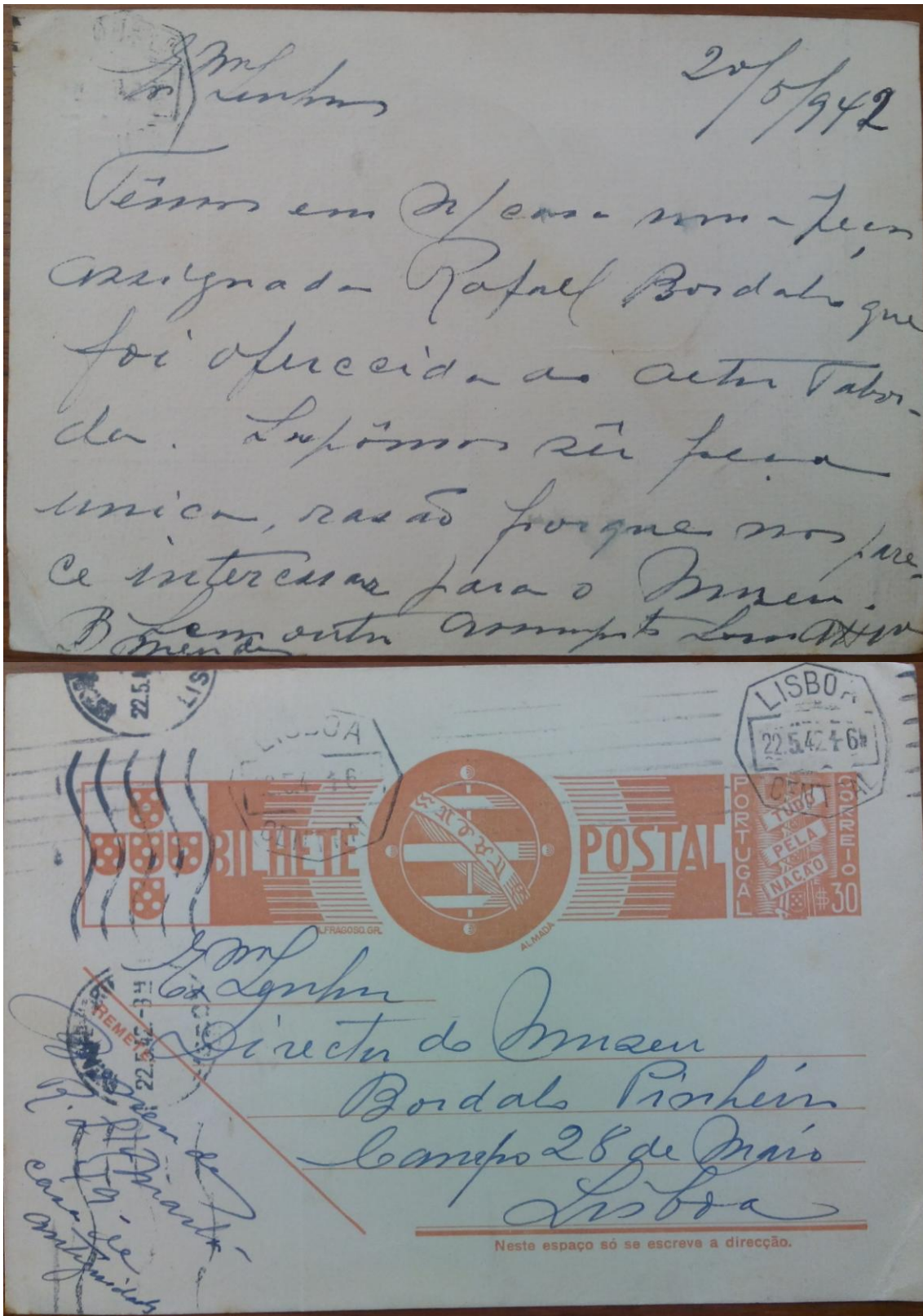


Figura 22 Bilhete Postal com proposta de venda de uma peça única, da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, oferecida ao actor Taborda (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.5).

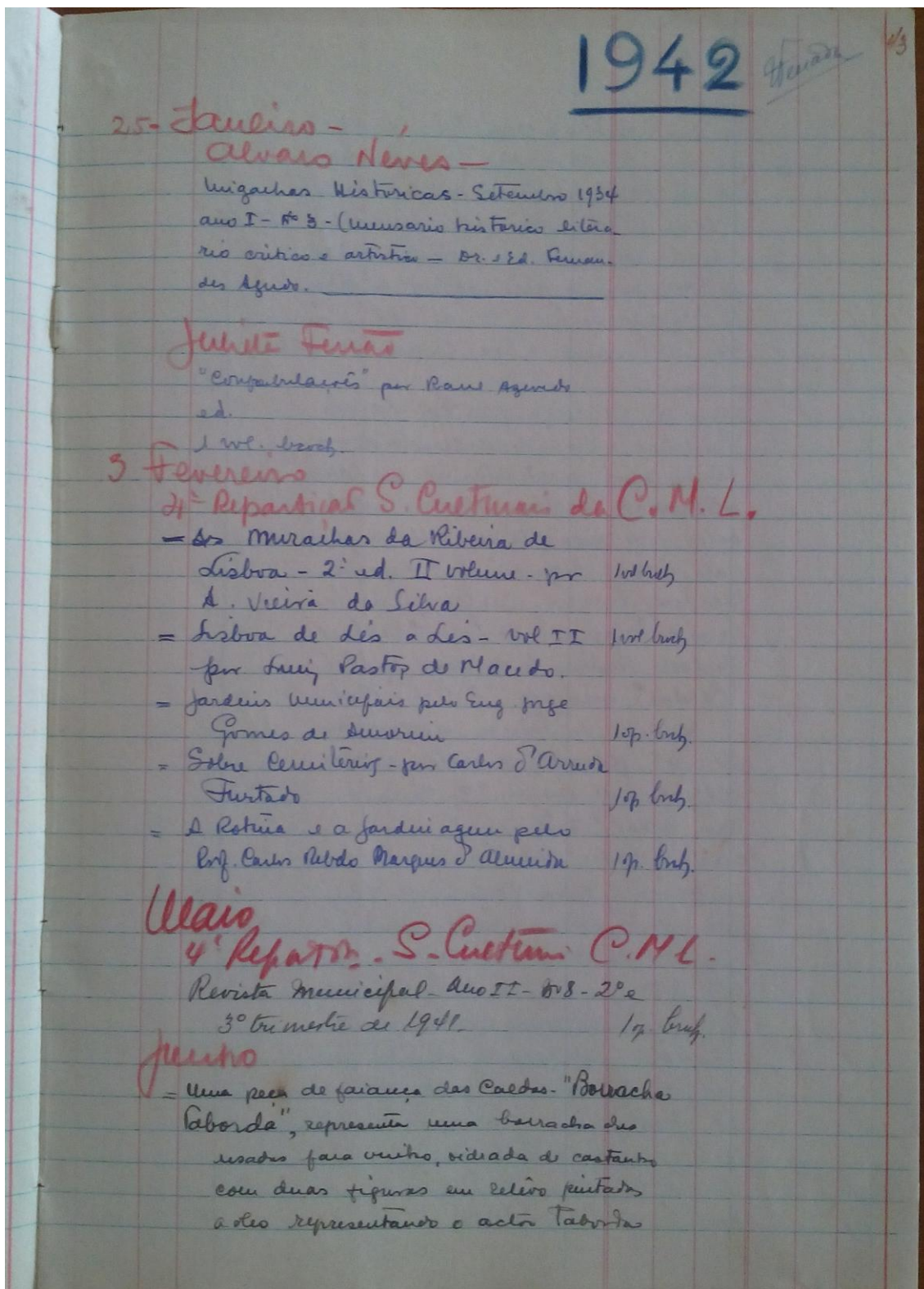


Figura 23 Comprovativo de compra por parte da CML, da peça oferecida ao actor Taborda, em 1942, no Registo de Entradas M.R.B.P., 1927-1945. Confirma-se que se tratava da peça Borracha Taborda. (MRBP.ESP.DOC.reserva).

Cerâmica Caldense em geral
e sobre a personalidade do
~~crápula~~ Rafael Bordalo em particu-
lar, não estabambara, portanto
tudo o meu interesse e curiosi-
dade. Necessito estar uns
dias nas Caldas para ver
como ~~se organiza~~ se
fabrica a louça e estudar
os banhos, ^{seus regim, etc} mas sei
ainda quando poder dispor
de tempo para me ausentar
da capital. Entretanto vou
arquivando todos ^{o apouvemento} ~~o documento~~
que me são possíveis alcançar.
~~e tem~~
A Urua redonda como já
ao centro, ~~fratista~~ só foi usa-
da quando da fundação da
fabrica actual pelo qual
do offacul fastav, ou já
~~era~~ era usada pelo Pae?
Infim o L. frei Carlos, foi

Figura 24 Rascunho de carta de Julieta Ferrão dirigida a José Carlos dos Santos (FFCR) em que pede informações sobre (...) peça oferecida a João Franco (MRBP.ESP.DOC.reserva).

me ha seu grande favor
dedicando primeiramente me
todos os dados e informações
que poder e prestara não
meus serviços a Museu
do Instituto de Arte ^{Pub.} por
quem tem tanto respeito
e admiração.

Agradeço as suas in-
formações. Já já vou
fazer parte, já as fiz vir
a para fazer de bumba
não sei aonde fica. Foi
há anos vendida ~~uma~~ leilão.

Já kelras tem estado
tentando em desloca-
r as peças Rafaelinas do Mu-
seu dos Patudos.

A peça oferecida ao
João Franco é para ser
um caudal de?

~~Rever o seu filho~~
Cito já me lousa

Figura 25 Rascunho de carta de Julieta Ferrão dirigida a José Carlos dos Santos (FFCR) em que pede informações sobre (...) peça oferecida a João Franco. Continuação. (MRBP.ESP.DOC.reserva).

Coladas 15 de Abril de 1927

M.^{ma} Enc.^{ma} Sr.^{ta}
Julietta Franco

Recebi a carta de V. Ex.^{ta} a qual responde
tudo o que sei sobre o assumpto:
com respeito as marcas, é positivo
o que enformo com prejuizo conhe-
cimento de tudo. A peça de João
Franco é uma jarra, ou jarro d'ago,
em estilo Luis XV, com figura se-
roscile, e uns festões de flores, com a
altura de um metro pouco mais,
é uma peça muito bonita; o
Candelabro, esse, pertence a José
d'Aguedo Castetto Branco, ou

Figura 26 Carta de resposta de José Carlos dos Santos (FFCR), em que descreve a peça oferecida a João Franco (MRBP.ESP.DOC.JF.ex.5).

familia; pois que não vi na ainda
neste livro, ? escaudelabro é
em estilo renascença com figura,
e é também uma bela peça de
fiança muito original, e bonita.
Sem outro assumpto, receba V. Ex.^a
respeitosos cumprimentos de
que fica sempre esperando as
vossas ordens, de parte sempre
a cumprir-as q. haer
José Carlos dos Santos

Figura 27 Carta de resposta de José Carlos dos Santos (FFCR), em que descreve a peça oferecida a João Franco. Continuação. (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.5).

Apêndice - Historial de Proveniência (fichas)

Incorporações entre 1916-1969

Cruz Magalhães



MRBP.CER.0143

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: *Mísula suportada por Éolo*, 1906.

Proveniência: Fábrica de Faianças de Caldas da Rainha. Provavelmente comprada por Cruz Magalhães para o Museu, em 1915, segundo carta de António Luiz Gonzaga Gomes, gerente da Fábrica Bordalo Pinheiro naquela época. Na carta refere uma *mísula renascença* e diz (...) *a que viu no depósito está perfeitíssima*, dizendo o seu preço e declarando esperar resposta afirmativa para lha enviar [1]. Oficialmente a peça é referida pela primeira vez, através de publicação do Museu em 1927 [2].

Notas:

[1] carta de Gonzaga Gomes datada de 25 de Outubro de 1915 (Espólio Documental de Cruz Magalhães, MBP).

[2] No Catálogo de 1919 refere-se apenas a existência de três mísulas; no *Guiado Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, de 1927 existe uma fotografia desta peça.



MRBP.CER.0715

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto de Guilherme de Azevedo, 1894

Proveniência: Provavelmente comprada à Fábrica das Caldas da Rainha como muitas outras peças pelo fundador do MBP. Doada por Cruz Magalhães, a 7 de Fevereiro de 1924[1]. Esta peça aparece já em contexto museológico na ilustração portuguesa em 1916 [2] e é referida no Catálogo publicado em 1919.

Notas:

[1] Data da doação do Museu e do seu espólio à Câmara Municipal de Lisboa. Data que figura na base de dados do Museu.

[2] *Álbum de Recortes de imprensa* (1916-1930), *Ilustração Portuguesa*: 21-8-1916.



MRBP.CER.0095

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Caneca , 1902

Proveniência: Cruz Magalhães, oferece ao MBP [1], em 1926 [2].

Notas:

[1] Inventário do MBP.

[2] *Álbum de Recortes de imprensa* (1916-1930), *Diário de Notícias*: 6-3-1927.



MRBP.CER.0376

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto de Eça de Queiroz, 1901

Proveniência: Comprada por Cruz Magalhães à *Casa Liquidadora - Antigo Bazar Católico* (Lisboa) a 26 de Fevereiro de 1926 [1]; Oferecida ao MBP.

Notas:

[1] Guia de Remessa, Arquivo MBP.



MRBP.CER.0929

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Talha Manuelina, 1893

Proveniência: Comprada por D. Carlos I foi levada para o Palácio das Necessidades, em Lisboa e depois para o Convento de Mafra [1]; transita, após implantação da República (1910), para a tutela do Ministério das Finanças (instalado no Convento de Mafra) onde é exposta no Museu de Mafra, criado em 1911 [2]; o Ministério das Finanças deposita a Talha Manuelina no MBP, em 1926.

Notas:

[1] Botelho, 1902: (...) *lindíssima e imponente talha manuelina, que hoje se conserva no Paço das Necessidades* (...).

[2] Fotografia de 1911, recuperada em edição de postal dos anos 40 (Belo, 2010) .



MRBP.CER.0048

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Moringue, 1895

Proveniência: Oferta de Cruz Magalhães em 1927 [1].

Notas:

[1] Inventário do MBP e Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930), *Diário de Notícias*: 28-1-1928.



MRBP.CER.0241

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato para suspensão, 1897.

Proveniência: Oferta de Cruz Magalhães em 23 de Abril de 1928 [1].

Notas:

[1] Caderno *Registo de Entradas M.R.B.P.* (1927-1945), Arquivo MBP: *Prato grande com cesta de tomates, lagosta, bacalhau, alhos e couve.*



MRBP.CER.0290

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: *Potiche*, 1901.

Proveniência: Comprada a um particular [1], por Cruz Magalhães e oferecida ao Museu a 23 de Abril de 1928 [2]. A sugestão de compra foi feita por Francisco Valença, que envia uma carta a Cruz Magalhães onde são descritas algumas peças de Rafael Bordalo Pinheiro acompanhadas de desenhos de cada uma, dimensões e preços pedidos.

Notas:

[1] Espólio Documental do MBP, carta datada de 15/5/1928 enviada a Cruz Magalhães (MRBP.ESP.DOC.2010).

[2] Caderno *Registo de Entradas M.R.B.P.* (1927-1945), Arquivo MBP: *Potiche ornamentado com cardos e madresilva.*



MRBP.CER.0160

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: A raposa e o grou, 1900

Proveniência: *Enviada* [1] pela Repartição Municipal de Arborização Parques e Jardins ao MBP em 1938. Esta escultura em cerâmica tinha estado exposta na Estufa Fria do Parque Eduardo VII [1]. Várias peças de faiança de jardim tinham sido distribuídas pelos Jardins Públicos de Lisboa [2].

Notas:

[1] Relatório enviado referente ao ano de 1938, de 3 de Janeiro de 1939, ao Chefe da 4ª Repartição - Serviços Culturais e Turismo, da Câmara Municipal de Lisboa.

[2] Existem notícias publicadas por Cruz Magalhães que denunciam o facto de haver várias esculturas de jardim deste tipo, da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, distribuídas por jardins públicos de Lisboa, em total abandono. Apelou a que fossem transferidas para o Museu. (*Album de Recortes de imprensa (1916-1930)*).



MRBP.CER.0065

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Mísula com castanheiro, 1900.

Proveniência: comprada pela Câmara Municipal de Lisboa à Fábrica de Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro Ld.ª, em 1939 [1].

Notas:

[1] esta peça fez parte de uma lista de 43 peças cuja compra foi sugerida por Julieta Ferrão em Janeiro de 1939, no relatório enviado por Julieta Ferrão à 4ª Repartição- Serviços Culturais e Turismo. Existe ainda o comprovativo da chegada das peças ao Museu, em Novembro desse ano (Arquivo do Museu Bordalo Pinheiro).



MRBP.CER.0291

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro (modelo), Fábrica de Faianças San Rafael

Título e data: Mísula com veado, exemplar posterior a 1908.

Proveniência: comprada pela Câmara Municipal de Lisboa à Fábrica de Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro Ld.ª, em 1939.[1]

Notas:

[1] esta peça fez parte de uma lista de 43 peças cuja compra foi sugerida por Julieta Ferrão em Janeiro de 1939, no relatório enviado por Julieta Ferrão. Existe ainda o comprovativo da chegada das peças ao Museu, em Novembro desse ano (Arquivo do Museu Bordalo Pinheiro).



MRBP.CER.0369

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto de Maria Visconti, 19 de Fevereiro de 1899

Proveniência: Rafael Bordalo Pinheiro, 1899, guardado no seu cacifo da FFCR [1]; após a sua morte, em 1905, este busto passa a estar ao cuidado de Justino Guedes que afirma, em 1916, a Cruz Magalhães [2] não a poder entregar ao MBP, por respeito à viúva de Rafael Bordalo Pinheiro (é o busto da amante); a peça é vendida ao Museu por Laura Clarimundo Emilio (filha de Justino Guedes), em 1944 [2].

Notas:

[1] Notas da agenda de Cruz Magalhães a partir do relato de Justino Guedes (MRBP.ESP.DOC.3126.20).

[2] Inventário do MBP.



MRBP.CER.0146

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Castiçal, 1884

Proveniência: Comprado pela CML, em 1966 [1]. Desconhece-se o nome do anterior proprietário. Numa notícia, d' *O Século*, em 1898, faz-se referência à execução do primeiro par de castiçais como este que se destinou ao Jazigo dos Condes de Faro e Oliveira [2].

Notas:

[1] *Anais do Município de Lisboa* 1966, 1967, 154.

[2] *O Século*: 2-11-1898 (Dossier 1: *Recortes de Imprensa*, MBP).



MRBP.CER.0545

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Castiçal, 1904

Proveniência: Comprado pela CML, em 1966 [1]. Desconhece-se o nome do anterior proprietário. Numa notícia d' *O Século*, em 1898, faz-se referência à execução do primeiro par de castiçais como este que se destinou ao Jazigo dos Condes de Faro e Oliveira [2].

Notas:

[1] *Anais do Município de Lisboa* 1966, 1967, 154.

[2] *O Século*: 2-11-1898 (Dossier 1: *Recortes de Imprensa*, MBP).

Os Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro



MRBP.CER.0439

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1891/1893

Proveniência: comprada pelo Grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro[1] em 1933 [2].

Notas:

[1] Inventário do MBP.

[2] *Anais das Bibliotecas e Arquivos e Museus Municipais* 1933, 1934, nº12, 31.



MRBP.CER.0068

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Perfumador, 1899

Proveniência: Manuel da Fonseca [1]; vende ao Grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, em 1941[2].

Notas:

[1] Inventário do MBP.

[2] Carta com proposta de venda que refere um par de jarras com dois corpos em forma de cabeça, com rosáceas e lagarto (Arquivo MBP).



MRBP.CER.0510

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Perfumador, 1899

Proveniência: Manuel da Fonseca [1]; vende ao Grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, em 1941.

Notas:

[1] Inventário do MBP.

[2] Carta com proposta de venda que refere um par de jarras com dois corpos em forma de cabeça, com rosáceas e lagarto (Arquivo MBP).



MRBP.CER.0863

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Fruteira com varina, 1896

Proveniência: pertenceu a Helena Bordalo Pinheiro. Vendida ao MBP em 1927, paga com quantia deixada em legado por Sebastião Magalhães Lima [1].

Notas:

[1] Inventário do MBP.



MRBP.CER.0676

Autor: Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Título e data: Caixa com ramo de nespereira e macaco, 1890

Proveniência: Licínio Perdigão oferece ao MBP, a 19 de Julho de 1928 [1].

Notas:

[1] Caderno *Registo de Entradas M.R.B.P. (1927-1945)*, Arquivo MBP: *1 fosforeira - caixa com macaco*.



MRBP.CER.0159

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Vaso de jardim

Proveniência: Tomás Bordalo Pinheiro; oferece a Carlos Correia da Silva, tio de Manuel Ribeiro e da mulher de Francisco Valença; Manuel Ribeiro herda dois vasos em forma de cesto de verga, que ficam em sua casa, no Largo do Directório, nº 15, Lisboa; Manuel Ribeiro entrega as peças, a título de depósito por tempo indeterminado ao MBP, por intermédio de Francisco Valença, em 1926.

Notas:

[1] Francisco Valença escreveu todo o historial de proveniência destes dois vasos numa nota para Julieta Ferrão, em 1961 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.6).



MRBP.CER.0158

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Vaso de jardim,

Proveniência: Tomás Bordalo Pinheiro; oferece a Carlos Correia da Silva, tio de Manuel Ribeiro e da mulher de Francisco Valença; Manuel Ribeiro herda dois vasos em forma de cesto de verga, que ficam em sua casa, no Largo do Directório, nº 15, Lisboa; Manuel Ribeiro entrega as peças, a título de depósito por tempo indeterminado ao MBP, por intermédio de Francisco Valença, em 1926.

Notas:

[1] Francisco Valença escreveu todo o historial de proveniência destes dois vasos numa nota para Julieta Ferrão, em 1961 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.6).

Esta peça está relacionada com a anterior.

Família de Rafael Bordalo Pinheiro

Filho - Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e Angélica Bordalo Pinheiro



MRBP.CER.0453

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Estatueta, estudo para monumento a Victor Hugo, 21 de Fevereiro de 1902

Proveniência: Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro oferece ao MBP, até 1919, data em que é referido pela primeira vez numa publicação do Museu.

Notas:

[1] Esta informação consta no *Catálogo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, publicado em 1919.



MRBP.CER.0485

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Estatueta, Maria da Paciência, 1903

Proveniência: Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro; herdada por Angélica Bordalo Pinheiro, que a doa ao MBP, em 1932 [1].

Notas:

[1] *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais 1932, 1933, 42.*



MRBP.CER.0486

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Estatueta- Zé Povinho, 1904

Proveniência: Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro; herdada por Angélica Bordalo Pinheiro, que a doa ao MBP, em 1932 [1].

Notas:

[1] *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais 1932, 1933, 42.*



MRBP.CER.0585

Autor: Francisco Elias (desenho), modelação dos operários da Fábrica de San Rafael

Título e data: Jarra dedicada a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, 1915

Proveniência: Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, oferta de casamento dos operários da sua Fábrica.; Angélica Bordalo Pinheiro oferece ao MBP, em 1946 [1].

Notas:

[1] *Relatório de actividades do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, ano de 1946 (Arquivo Municipal de Lisboa, Arco do Cego)

Filha - Helena Bordalo Pinheiro



MRBP.CER.0736

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto de Pai Paulino, 1893

Proveniência: doado por Helena Bordalo Pinheiro [1], em 1926 [2].

Notas:

[1] Inventário do MBP.

[2] *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, *Diário da Tarde*: 15-10-1926, refere-se nesta notícia a incorporação do (...) *busto do Pai Paulino das touradas*.



MRBP.CER.0391

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Apito auto-caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, 1904

Proveniência: Helena Bordalo Pinheiro, oferece ao MBP [1].

Notas:

[1] Informação consta no *Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, publicado 1927.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro (desenho) e Maria Augusta Bordalo Pinheiro

Título e data: Serviço *tête-à-tête*, 1882

Proveniência: Feito para o artista, esteve no antigo Largo da Abegoaria (actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro) [1]. Helena Bordalo Pinheiro, oferece ao MBP [2], até 1927 [3].

MRBP.CER.0001.01 a 06

Notas:

[1]MRBP.FOT.0511

[2]Inventário do MBP.

[3] Apesar de não termos encontrado uma data de incorporação este serviço é referido já no *Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, publicado no ano de 1927.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Bule dedicado a Elvira Bordalo Pinheiro, 1904

Proveniência: Elvira Bordalo Pinheiro, oferta do artista em 1904; Helena Bordalo Pinheiro oferece ao MBP.

MRBP.CER.0614

Notas:

[1] Inventário do MBP.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato para suspensão, 1890

Proveniência: legado de Helena Bordalo Pinheiro, estava na sua casa das Caldas da Rainha [1].

MRBP.CER.0071

Notas:

[1] Veio da casa em San Rafael. Esta informação consta no Inventário do MBP existindo ainda a lista de Julieta Ferrão de todas as peças que foi buscar às Caldas da Rainha.



MRBP.CER.0099

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Pote, 1896

Proveniência: legado de Helena Bordalo Pinheiro, estava na sua casa das Caldas da Rainha [1].

Notas:

[1] Veio da casa em San Rafael. Esta informação consta no Inventário do MBP existindo ainda a lista de Julieta Ferrão de todas as peças que foi buscar às Caldas da Rainha.



MRBP.CER.0297

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1892

Proveniência: A jarra apresenta as iniciais "F" e "O" rematadas por uma coroa, seria destinada ao Visconde Luís de Faro e Oliveira, a peça foi, no entanto, conservada por Helena Bordalo Pinheiro que a deixou em legado ao MBP, em 1933 [1]. Possivelmente não terá saído da família Bordalo Pinheiro, tendo permanecido na casa de Lisboa da filha de RBP, por falta de qualidade técnica mas não encontramos nenhum indício que o comprovasse.

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro (MBP).



MRBP.CER.0343

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1902

Proveniência: peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo (actual Rua da Misericórdia), 33-3º, de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro. Consta no Inventário do MBP.



MRBP.CER.0344

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1903

Proveniência: peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo (actual Rua da Misericórdia), 33-3º, de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro (MBP).



MRBP.CER.0352

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1902

Proveniência: peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo (actual Rua da Misericórdia), 33-3º, de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933[1].

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro (MBP).



MRBP.CER.0367

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Placa de cerâmica representando o Zé Povinho trajado à japonesa, 1883

Proveniência: a peça foi feita para o próprio Rafael Bordalo Pinheiro, esteve provavelmente no antigo Largo da Abegoaria (actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro); peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo, 33-3º (actual Rua da Misericórdia), de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro. Consta no Inventário do MBP.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Placa de cerâmica representando Rafael Bordalo Pinheiro trajado à japonesa, 1883

Proveniência: a peça foi feita para o próprio Rafael Bordalo Pinheiro, esteve provavelmente no antigo Largo da Abegoaria (actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro); peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo (actual Rua da Misericórdia), 33-3º, de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

MRBP.CER.0905

Notas:

MRBP.CER.0367

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro. Consta no Inventário do MBP.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Serviço de jantar, 1902

Proveniência: serviço guardado na casa de Lisboa, Rua do Mundo (actual Rua da Misericórdia), 33-3º, de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

MRBP.CER.03800.01 a
.34

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro. Consta no Inventário do MBP.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Moldura dedicada *A Elvira*, 2 de Junho de 1902

Proveniência: Elvira Bordalo Pinheiro (mulher de Rafael), oferta do artista, esteve provavelmente no antigo Largo da Abegoaria (actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro); peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo, 33-3º (actual Rua da Misericórdia), de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

MRBP.CER.0497

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro. Consta no Inventário do MBP.



MRBP.CER.0720

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto de Sousa Martins, 1898

Proveniência: peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo (actual Rua da Misericórdia), 33-3º, de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro. Consta no Inventário do MBP.



MRBP.CER.0752

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto do Papa Leão XIII, 27 de Julho de 1902

Proveniência: peça guardada na casa de Lisboa, Rua do Mundo (actual Rua da Misericórdia), 33-3º, de Helena Bordalo Pinheiro e deixada em legado ao MBP, em 1933 [1].

Notas:

[1] Legado de Helena Bordalo Pinheiro. Consta no Inventário do MBP.

Sobrinhos e irmãos



MRBP.CER.0432

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato dedicado ao Dr. Manuel Bordalo Pinheiro, 9 de Setembro de 1889

Proveniência: Manuel Bordalo Pinheiro, oferta do artista, em 1889; legado ao MBP em 1925 [1].

Notas:

[1] carta de Columbano Bordalo Pinheiro para Cruz Magalhães sobre a doação. Consta no Inventário do MBP.



MRBP.CER.0870

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, 1902

Proveniência: pertenceu a Rafael Bordalo Pinheiro; herdado por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Terá ficado provavelmente em casa da viúva Angélica Bordalo Pinheiro e terá depois ter sido entregue pelos sobrinhos de Rafael Bordalo Pinheiro, Dinis e Pedro, em 1926 [1] e pelo irmão Columbano [2].

Notas:

[1] *Álbum de Recortes de imprensa* (1916-1930), *Diário de Notícias*: 15-10-1926.

[2] Cartão de Columbano dirigido a Cruz Magalhães (MRBP.ESP.DOC.1911), s.d.



MRBP.CER.0152

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Friso, 1902

Proveniência: José Queiroz encomenda ao artista, para decorar o Palacete de Michel Angelo Lambertini, na Av. da Liberdade. Provavelmente terá ficado ao cuidado de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro [1] e, depois da sua morte como muitas outras peças, terá ficado ao cuidado da viúva e dos primos. É doado ao MBP em 1927, por Pedro Bordalo Pinheiro [2].

Notas:

[1] Vemos numa fotografia publicada em *Tiro e Sport*, de 15 de Junho de 1906, o atelier de Manuel Gustavo, em Lisboa, na Rua António Maria Cardoso.

[2] O historial consta no Inventário do MBP. Existe uma carta, no espólio documental, de Julieta Ferrão para Diniz Bordalo Pinheiro que leva a crer que manda buscar a peça ainda em Novembro de 1926.



MRBP.CER.0800

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Placa Varina, 1891

Proveniência: Este medalhão foi oferecido pelo sobrinho de Rafael Bordalo Pinheiro, Vasco Lopes de Mendonça [1], ao MBP, em 1941[2].

Notas:

[1] Inventário do MBP.

[2] *Relatório do ano de 1941*, Arquivo Municipal de Lisboa (Arco do Cego).



MRBP.CER.0692

Autor: Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1909

Proveniência: Segundo o inventário do MBP, esta peça foi doada por Vasco Lopes de Mendonça, primo de Manuel Gustavo, embora não haja o registo do ano de incorporação. Há descrição de uma peça com características semelhantes mas que não inclui a descrição do motivo decorativo, incorporada em 1953, oferta de Vasco Lopes de Mendonça [1].

Notas:

[1] *Anais do Município de Lisboa* 1953, 1954, 139.

Amigos de Rafael Bordalo Pinheiro



MRBP.CER.0445

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Penico John Bull, 1896

Proveniência: Oferta Frederico Augusto Ribeiro [1], até 1919, data em que é referido pela primeira vez, numa publicação do MBP [2].

Notas:

[1]Consta no Inventário do MBP.

[2] *Catálogo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, 1919.



MRBP.CER.0157

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Vaso de jardim,1895

Proveniência: Enrique Casanova, que o põe no jardim da sua casa em Lisboa [1], oferta do artista, em 1895; herdado pelo filho Júlio Casanova, que o doa ao MBP em 1919, Cruz Magalhães foi buscar a peça que se encontrava no Porto [2].

Notas:

[1] segundo carta de Enrique Casanova para Rafael Bordalo Pinheiro a agradecer a oferta. Na carta refere-se a dois vasos. (MRBP.ESP.DOC.0550).

[2]Carta de Júlio casanova para Cruz Magalhães (MRBP.ESP.DOC.2350) e várias notícias no *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, MBP.



MRBP.CER.0279

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra Jerónimo Silva, 21/8/1902

Proveniência: Jerónimo Silva, oferta do artista, em 1902; A jarra é deixada em testamento ao MBP, em 1926 [1].

Notas:

[1] Esta informação consta no Inventário do MBP, que remete a um recorte de jornal.



MRBP.CER.0444

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Moringue Gonzaga Gomes, 1896

Proveniência: Gonzaga Gomes, oferta do artista, em 1896; foi oferecida por Gonzaga Gomes e incorporado até 1927 [1].

Notas:

[1] *Guia do Museu*, 1927.



MRBP.CER.0368

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Perfumador Árabe, 1986

Proveniência: Júlio de Vilhena, oferta do artista, em 1896; oferecida ao MBP, em 1927.

Notas:

[1] Inventário do MBP.



MRBP.CER.0452

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra Ao Dr. Pitta, Novembro de 1888

Proveniência: Manuel Pitta, oferta do artista, em 1888. A filha, Maria Pita da Cunha Pessoa, oferece ao MBP em 1928 [1].

Notas:

[1] Cartão postal da herdeira para Julieta Ferrão datado de 3 de Dezembro de 1928 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx.6).



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato Mesa Posta, 1897

Proveniência: Provavelmente encomendado por Adriano Júlio Coelho ao artista; herdada por Armando Coelho, filho do primeiro, que conserva a peça numa casa em Sintra - envia carta expondo o seu desejo de oferecer o prato ao MBP [1] que é incorporado, em Setembro, do mesmo ano segundo o livre de Registo de Espécies Entradas, que apresenta ainda uma descrição pormenorizada do prato [2].

MRBP.CER.0252

Notas:

[1] Datada de 23-8-1932 (MRBP.ESP.DOC.JF.cx6).

[2] *Registo de Entradas M.R.B.P.*, 1927-1945.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: *Candeeiro Justino Guedes*, 1898

Proveniência: Justino Guedes Roque Gameiro, oferta do artista, em 1898; passou para a posse dos seus herdeiros que o ofereceram ao MBP, em 1937[1].

MRBP.CER.0151

Notas:

[1] *Registo de Entradas M.R.B.P.*, 1927-1945.



Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Borracha Taborda, 1894

Proveniência: Francisco Alves da Silva Taborda, oferta do artista, em 1894. Comprada pelo MBP através da (Casa de antiguidades B. Mendes, Lisboa) [1], em 1942 [2].

MRBP.CER.0431

Notas:

[1] 20 de Maio de 1942, Casa de Antiguidades B. Mendes Lisboa, que anuncia ter uma *peça assignada por Raphael Bordalo que foi oferecida ao actor Taborda. Supômos ser peça unica.*

[2] *Registo de Entradas M.R.B.P.*, 1927-1945 refere no ano 1942 a compra da *Borracha Taborda.*



MRBP.CER.0142

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Candelabro renascentista, 1894

Proveniência: José de Azevedo Castelo Branco, oferta do artista, em 1894 [1]. Comprado a António de Castelo Branco, em 1945 [2].

Notas:

[1] Uma carta de José Carlos dos Santos confirma a proveniência deste candelabro (MRBP.ESP.DOC.JF.cx5).

[2] Relatório DSCC do ano de 1945 (Arquivo do MBP).



MRBP.CER.0139

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Placa, 1904

Proveniência: Alfredo Vieira Peixoto de Vilas-Boas - Conde de Paçô Vieira, oferta do artista, em 1904; (...) oferta dos Ex.^{mos} Srs. Condes de Paço Vieira [1], ao MBP em 1956 [2].

Notas:

[1] Anais do Município de Lisboa, 1956, 156.

[2] Deduz-se que sejam os filhos de Alfredo Vieira Peixoto de Vilas-Boas, Fernando Coelho Vieira Peixoto Vilas-Boas (1897-1961) e Maria Emília Vieira Peixoto Vilas-Boas (1896-1970).



MRBP.CER.0163

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Moldura para relógio do livreiro Manuel Gomes, c.1895/1896

Proveniência: Encomendada para a livraria na Baixa Chiado, Rua Garrett, de Manuel Gomes que terá existido até 1903 [1]. Em cerca de 1915 a moldura se encontra-se em poder de José de Figueiredo (empresário do Eden), num *Chalet*, no Estoril, que também havia pertencido ao livreiro [2]. A peça é doada, em 1962, ao MBP, por Manuel Gomes [3].

Notas:

[1] A partir desse ano existiria no mesmo lugar a Pastelaria Marques.

[2] Notas de Cruz Magalhães (MRBP.ESP.DOC.3126.15), informação dada por Manuel. Gustavo Bordalo Pinheiro.

[3] *Anais do Município de Lisboa 1962* (Câmara Municipal de Lisboa, 1963), 167.



MRBP.CER.0137

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra Barcarolla, 1899

Proveniência: Elisa Baptista de Sousa, oferta do artista, em 1899. Vendida ao MBP (proprietário não identificado), em 1963 [1]

Notas:

[1] *Anais do Município de Lisboa* 1963, 1964, 150.

Actores Rosa



MRBP.CER.0006

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato dedicado ao actor João Rosa, 31 de Março de 1884

Proveniência: João Rosa, oferta do artista em 1884; provavelmente herdada pelo irmão Augusto Rosa; herdada pela viúva de Augusto Rosa, Leonor Rosa [1] e doada ao MBP, em 1932 [2].

Notas:

[1] Uma carta disponível no acervo do Museu, datada de 1925, informa o Vereador da Câmara à época que a viúva de Augusto Rosa possui "preciosos barros" da autoria de RBP e que a sua doação seria uma mais valia para o Museu.

[2] A informação disponível no Inventário do Museu refere apenas que a peça foi doada em 1932, por legado de Leonor Rosa, a viúva do irmão de João Rosa. Esta deixa-a em testamento e a outras peças da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro dedicadas aos irmãos Rosa, ao Museu Bordalo Pinheiro.



MRBP.CER.0005

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato dedicado ao actor Augusto Rosa, 1884

Proveniência: Augusto Rosa, oferta do artista em 1884. Possivelmente oferecida ainda em vida do actor, até entre 1916-1918 [1].

Notas:

[1] Guia do MBP, publicado em 1927.



MRBP.CER.0138

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Centro de Mesa, 1900 (o carimbo é de Fábrica de San Rafael, portanto, será uma reprodução posterior a 1906)

Proveniência: Encontrava-se na posse da família dos actores Rosa. Deixada em legado pela viúva de Augusto Rosa, em 1932.

Notas:

[1] Legado de Leonor Rosa (MBP).



MRBP.CER.0345

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Fruteira, 1901

Proveniência: Encontrava-se na posse da família dos actores Rosa. Deixada em legado pela viúva de Augusto Rosa, em 1932.

Notas:

[1] Lista das peças legadas, legado de Leonor Rosa (MBP), não constava no Inventário.



MRBP.CER.0370

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Moldura João Rosa , 24 de Março de 1902

Proveniência: João Rosa, oferta do artista, em 1902; herdado pelo irmão Augusto Rosa; Leonor Rosa, mulher de Augusto Rosa, deixa-a em legado ao MBP, em 1932 [1].

Notas:

[1] Consta no Inventário do MBP, existe também a cópia da acta de leitura do testamento.



MRBP.CER.0371

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Moldura Augusto Rosa, 1 de Março de 1902

Proveniência: Augusto Rosa, oferta do artista, em 1902; herdado pela sua mulher Leonor Rosa que a deixa em legado ao MBP, em 1932 [1].

Notas:

[1] Consta no Inventário do MBP, existe também a cópia da acta de leitura do testamento.

Incorporações após 1969

CML



MRBP.CER.0285

Autor: Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, s/data (carimbo redondo com rã)

Proveniência: O MBP comprou esta peça, em 1983, a Maria de Fátima Cabral P. Lobo Corte-Real [1].

Notas:

[1] Inventário do MBP.



MRBP.CER.0162

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Gônil de inspiração rocaille, 1895

Proveniência: Possivelmente oferecida a João Franco Castelo Branco [1]. Existe uma carta no Espólio de Julieta Ferrão enviada por José Carlos dos Santos, em 1927, confirmando a existência de uma peça executada por RBP e na posse de João Franco: *A peça de João Franco é uma jarra, ou jarrão digo, em estilo Luis XV com figuras e rocaile, e uns festões de flores, com a altura de um metro pouco mais (...)*[2]. A peça é vendida por António Henrique Barbosa Pereira ao MBP, em 1984 [3].

Notas:

[1] RBP menciona que pediu a sua ajuda para assuntos relacionados com as finanças da FFCR. Notas de Rafael Bordalo Pinheiro, do ano de 1895.

[2] José Carlos dos Santos para Julieta Ferrão 15-4-1927.

[3] Segundo Inventário do MBP.



MRBP.CER.0939

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Figura de negro, 1904

Proveniência: Pertenceu à coleção particular de Emanuel Araújo; Comprada pelo MBP através de (Cabral Moncada Leilões), pelo MBP, em 2004 [1].

Notas:

[1] A identificação do anterior proprietário é feita no catálogo de leilão: *Pintura portuguesa, antiguidades, obras de arte e pratas*: 19, 20, 21, 22 de Abril, 2004, 1ª sessão, nº191.



MRBP.CER.0954

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Floreira com réstia de alhos, 1903

Proveniência: Comprada pelo MBP através de (Cabral Moncada Leilões), em 2004 [1].

Notas:

[1] A identificação do anterior proprietário não é feita no catálogo de leilão (Leilão nº66, 5ª sessão, nº 1397).

Amigos



MRBP.CER.0161

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra Adriano Coelho, s/data

Proveniência: Adriano Coelho, oferta do artista; Armando Coelho, filho de Adriano Coelho; José M. Pais do Amaral, bisneto de Adriano Coelho que a doa, em 1975, ao MBP [1].

Notas:

[1] Inventário remete para *Revista Municipal*, nº1, segunda série, 1979, p.33.



MRBP.CER.0140

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Tinteiro Conselheiro Thomaz Nunes de Serra e Moura, 1899

Proveniência: Tinteiro Conselheiro Thomaz Nunes de Moura, oferta do artista em 1898. Comprado através de (leilão no Palácio do Correio Velho), em 1991[1].

Notas:

[1] Inventário MBP.

Proveniência desconhecida

Peça da autoria de Manuel Mafra



MRBP.CER.0619

Autor: Manuel Mafra

Título e data: *Adónis lutando contra javali*, segunda metade do século XIX

Proveniência: Amélia Costa, doa ao MBP, em 1965 [1].

Notas:

[1] *Anais do Município de Lisboa 1965, 1966*(Câmara Municipal de Lisboa, 1966), 133.

Amigos



MRBP.CER.0280

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra D. Ana Carvalho Ferreira, 10 de Agosto de 1901

Proveniência: Ana de Carvalho Ferreira, oferta do artista, em 1901. A jarra é comprada pelo MBP, em data desconhecida [1].

Notas:

[1] Segundo anotação no anterior livro manuscrito de inventário do MBP.



MRBP.CER.0450

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1894

Proveniência: Joana Hintze Ribeiro, oferta do artista em 1894. Incorporada pelo MBP até 1985 [1].

Notas:

[1] *Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro: Exposição no Palácio Galveias*. Lisboa: Câmara Municipal, 1985.

Mísula com perú



MRBP.CER.0295

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Mísula Perú, 1899

Proveniência: Esta peça vem já referida no *Guia do Museu* de 1927 [1]. Existe no MBP uma carta de Emanuel Ribeiro, dirigida a Julieta Ferrão, informando que existe em casa de Antónia Madureira Bastos, no Porto, uma mísula com perú, peça única (afirmação dos proprietários). Emanuel Ribeiro afirma nunca ter visto no MBP peça semelhante [2].

Notas:

[2] Esta carta não tem uma data mas existe uma estampa impressa no papel que remete para a *Exposição histórica do vinho do Porto*, inaugurada em 1931.

Outros



MRBP.CER.0127

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Taça, s/data (carimbo redondo com rã *Bordalo Pinheiro Portugal*)

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0144

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: *Cachepot*, 1898

Proveniência: Esta peça aparece numa fotografia do Museu, datada de pelo menos 1942 [1].

Notas:

[1] MRBP.FOT.0064 (no Inventário a datação é imprecisa, sendo posterior a 1927 mas, pela presença da *Borracha Taborda* num móvel ao fundo, sabe-se agora que nunca será anterior a data da sua incorporação).



MRBP.CER.0194

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Canastra com peixes, s/data

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0237

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato para suspensão , 7-11-1893

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0261

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato para suspensão, 1894

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0296

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1896

Proveniência: Incorporada até 1927 [1].

Notas:

[1] Referida no *Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, publicado em 1927.



MRBP.CER.0283

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, 1900

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0393

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Tinteiro Zé Povinho e Maria Paciência, 1897

Proveniência: Existem duas peças semelhantes no MBP, esta será a que foi incorporada mais cedo[1], até ao ano de 1921 [2].

Notas:

[1] a peça semelhante, MRBP.CER.00333, foi incorporada em 1985.

[2] *Álbum de Recortes de imprensa (1916-1930)*, p. 107 - *O Século* (da noite).



MRBP.CER.0427

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Prato, 1888

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0580

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Jarra, s/d

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0768

Autor: desconhecido

Título e data: Floreira, s/d

Proveniência:

Notas:



MRBP.CER.0882

Autor: Rafael Bordalo Pinheiro

Título e data: Busto jovem negra, e/data

Proveniência: A peça consta já no *Catálogo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, publicado em 1919 [1].

Notas:

[1] *Busto de preta (como ornamento)*, p.3.